COMEMORAÇÕES DOS 49 ANOS DO 25 DE ABRIL

O REFERENCIAL

HISTÓRIA DE UMA CONSPIRAÇÃO

PUBLICAÇÃO EXCLUSIVA DE TESTEMUNHOS INÉDITOS
DE QUEM PREPAROU O 25 DE ABRIL

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL
DIRECTOR: ANICETO AFONSO | N.º149 | ABRIL – JUNHO 2023

O REFERENCIAL SUMÁRIO

CAPA: imagem criada por Henrique Cayate para assinalar o 50.º aniversário da Conspiração

4 EDITORIAL

Pelos valores que permanecem, Aniceto Afonso | **4**

10 25 DE ABRIL - 49 ANOS

Pluralismo é essencial e faz parte da nossa democracia | **12**
Mensagem da A25A | **14**
Milhares de pessoas no desfile da liberdade | **15**
Jantar comemorativo | **17**
Lugares de Abril Sempre | **18**
Nasceu em Abril | **21**

22 ABRIL E OS JOVENS

Dois tempos, o mesmo país, Fátima Lopes Cardoso | **22**
Caminhos de sobressaltos até abril, Ishan Lacmane e Mateus Lourenço | **26**
A voz das bravas, Catarina Vozone e Matilde Jesus | **34**

40 CARTA AOS NETOS

Liberdade é sermos como um pássaro, Jorge Sales Golias | **40**
Querido Neto Henrique, José Manuel Barroso | **41**
Resposta a uma carta aos netos, Clara Cardeira Leandro | **43**

46 FIGURAS DE ABRIL

Tenente-general Manuel Ribeiro Franco Charais, Rodrigo de Sousa e Castro | **46**
Franco Charais: Militar, democrata e patriota, Luísa Amaral | **47**
O general que é pintor, Stela Barreto | **51**

56 HOMENAGENS

Cerimónia de imposição de condecorações a militares de Abril | **56**
José Pinho (1953-2023) | **58**
Matos Coelho (1946-2023) | **60**

62 BOLETIM

Referencial em sessão pública | **62**
Livros para @bril | **63**
Exílios no feminino | **64**
Arte é liberdade | **65**

67 A CONSPIRAÇÃO

Da guerra à liberdade, Aniceto Afonso | **68**
Dia inicial inteiro e limpo, Vasco Lourenço | **72**
Lembranças da minha participação, Alberto Ferreira | **77**
Inquietação: guerra, 25 de Abril e descolonização, Antero Ribeiro das Silva | **81**
Em tempos de conspiração, António Delgado Fonseca | **85**
Feliz por ter dado o meu contributo, António Melo de Carvalho | **89**
Eu estava lá!, António Pedro Vasconcelos | **92**
Impressão pessoal, António Pena | **96**
As minhas motivações, Rosado da Luz | **98**
Só havia um caminho: o derrube do regime, Aprígio Ramalho | **102**
Subsídios à conspiração em Angola, Arnaldo Cruz | **106**
Preso nas vésperas do 25 de Abril, Artur Pita Alves | **110**
Um rio com muitos afluentes, Avelino Rodrigues | **114**
Março de 1974 preso nos Açores, Carlos Clemente | **120**
1973: Chegou o tempo de intervir no campo político, David Martelo | **124**
O caminho seria feito caminhando, Francisco Fialho Rosa | **127**
A hora da liberdade, Joana Pontes | **131**
1973: um fim e um início, João Andrade da Silva, **134**
E já passaram 50 anos, Joaquim Correia Bernardo | **138**
Contagem decrescente, Jorge Golias | **142**
Devolver a dignidade aos portugueses, José Marques Gonçalves Novo | **146**
Movimento conspirativo, José Piteira Santos | **150**
E tudo começou com a morte de Amílcar Cabral, José Pedro Castanheira | **154**
Carta ao director, José de Sanches Osório | **157**
O que eu vivi, Josep Sánchez Cervelló | **159**
Raízes duma conspiração, Franco Charais | **162**
Preparação para Abril, Martins Guerreiro | **166**
Convinha que fosse de uma só vez, M. Simões Teles | **170**
Viemos de longe, Mário Tomé | **173**
Sentimentos e emoções, Nuno Pinto Soares | **177**
Um caso atípico, Nuno Santa Clara Gomes | **181**
Missão cumprida, Nuno Santos Silva | **186**
Recordações, Pedro Lauret | **190**
"Alea jacta est" – da contestação à conspiração, Rodrigo de Sousa Castro | **194**

PELOS VALORES **QUE PERMANECEM**

No rescaldo das comemorações dos 49 anos do 25 de Abril e em cima dos 50 anos do período da conspiração que levou à Revolução dos Cravos, podemos perguntar-nos que relação tem o 25 de Abril com o presente e com o futuro.

Para nós, essa herança está depositada nas mãos das novas gerações e dos valores que permanecem e que souberem criar, assim como nas potencialidades da sociedade organizada democraticamente. Manifesta-se também pelo poder regulador das instituições públicas e privadas e nas capacidades que souberem gerar para garantir a defesa dos cidadãos e da qualidade das suas vidas.

No fundo, o triunfo do 25 de Abril traduz-se (traduzir-se-ia) pela democratização do conhecimento, pelo alargamento do acesso à cultura e pela participação política e social de todos os portugueses.

É por isso que, neste tempo solene de comemoração, queremos dizer a todos que as lógicas de exercício do poder se constroem pelo uso da soberania. Da soberania depositada, pelos sistemas democráticos, na vontade do cidadão – de todos e de cada um dos cidadãos. No cidadão e na sua consciência, no cidadão e na sua capacidade, no cidadão e na sua inteligência crítica.

Mas, se a lógica de funcionamento da democracia se corromper, por abandono, desinteresse ou ausência, construir-se-á uma outra forma de ascensão, de ocupação dos espaços vazios e de posse dos lugares abandonados.

Melhor, haverá sempre quem construa abusivamente escadarias de acesso, quem prepare condições enganosas de permanência, quem congemine formas de exclusão do outro.

Quando nos invadir um sentimento de repulsa, é porque estamos a ser eliminados do sistema democrático; quando sentirmos que nesse

ANICETO AFONSO

mundo não estamos minimamente interessados, é porque alguém está alcançando os seus objetivos de se desfazer de nós; quando desistirmos em definitivo da disputa, do confronto, do nosso pedaço de soberania, está criado o mundo dos que sabem como dominar o sistema, como reproduzir a sua própria continuidade, como transmitir a herança do que não lhes pertence.

Não podemos deixar que nos substituam nem que alguém assuma as nossas responsabilidades. Temos todos de participar, opinar, contribuir. No fundo, recuperar a cidadania, exercer o nosso direito, ocupar o lugar que a cada um pertence.

Temos de acreditar em nós, para nos orgulharmos do que somos capazes de fazer. Temos de fazer da política a ciência da boa condução do povo; dos governos, o escol dos melhores; da soberania dos cidadãos, a base do poder.

Não vale a pena culpar os outros pelas situações que lamentamos – pelos governos, pelas oposições, pela administração, pela economia, pela justiça, pela saúde, pela educação, pela cultura, pelo desporto, pela qualidade de vida. A lógica do sistema democrático devolve-nos as acusações, os lamentos e as indiferenças. Só todos nós, armados com a nossa vontade, brandindo a nossa inteligência, levantando a nossa determinação, conseguiremos seguir pelos caminhos do progresso, do bem-estar, da qualidade da vida.

Esperamos que, com vontade, com determinação, com sentido do dever de cidadania, possamos encontrar o nosso lugar na vida, na sociedade, nas múltiplas oportunidades que a democracia oferece.

Espera-nos a disputa democrática.

A tradução política do poder em democracia baseia-se nos partidos. Sem eles não existe regime

democrático. Os partidos são constituídos por cidadãos empenhados e conscientes. Não sendo a única forma de expressão da cidadania, é a única que determina a natureza de um regime. Nem todos os cidadãos estarão vocacionados para integrar partidos políticos, mas é essencial que se reabilite o seu papel, e que muitos de entre os melhores cidadãos neles possam participar.

Mas a democracia caracteriza-se por uma infindável capacidade de absorver iniciativas de cidadania. O progresso, o bem-estar e a qualidade de vida constroem-se na múltipla participação de cada um e de todos os cidadãos nessas inúmeras formas de estar presente.

Com todos, sem exclusões nem autoisolamentos, é que pode construir-se uma sociedade melhor. Será um empenhamento longo, árduo, cheio de escolhos. Mas será, no fundo, a justificação da vida, da cidadania, da razão de ser.

Quase meio século depois do 25 de Abril, espe-

NÃO PODEMOS DEIXAR QUE NOS SUBSTITUAM NEM QUE ALGUÉM ASSUMA AS NOSSAS RESPONSABILIDADES. TEMOS DE PARTICIPAR, OPINAR, CONTRIBUIR

ramos, com ansiedade, o despertar da juventude de cada tempo. Não para imitar o que tivemos de fazer, mas para continuar o que então iniciámos. Com coragem, dignidade e generosidade. Com a arma da sua presença. Com a sabedoria da sua argumentação. Com a persistência da sua vontade. Com o triunfo da sua inteligência e da sua capacidade. É um trabalho que nunca termina. Que permanentemente se renova e se multiplica. Que não admitirá cansaços, nem desistências. Que criará desafios, que exigirá adaptações a renovadas formas de participação. Mas cujo triunfo se medirá pelos pequenos triunfos do dia-a-dia, de cada um e de todos nós.

Se cada dia nos tornarmos mais conhecedores, mais cultos, mais participantes, mais exigentes, mais empenhados, mais determinados, estaremos a assumir o nosso papel de cidadãos e a cumprir o nosso compromisso, inalienável, com a liberdade que transportamos.

Ficaremos então nós, os que estivemos no 25 de Abril, orgulhosos do que tivemos oportunidade de fazer. Porque os nossos filhos e netos, todos os jovens dos novos tempos, compreenderam o papel que têm para desempenhar.

Conhecer a história, saber como aqui chegámos, tem enorme importância na compreensão do que se passa à nossa volta. Neste número d'*O Referencial* comemoramos os 49 anos do 25 de Abril, referindo as principais cerimónias e eventos levados a efeito pelas instituições e por cada um de nós. Pudemos verificar que os portugueses continuam ligados ao 25 de Abril e ao seu significado, assim como capazes de lutarem pela Liberdade conquistada. A propósito dos 49 anos do 25 de Abril, a nossa amiga e poeta Fanny Mota, brinda-nos com o seu belo poema inédito "Nasceu abril em abril". A nossa gratidão.

Comemoramos também os 50 anos do Movimento dos Capitães e da conspiração em que estiveram envolvidos em 1973 e primeiros meses de 1974, com histórias contadas por alguns dos protagonistas e também alguns estudiosos. As histórias diversas, mas confluentes, trazem-nos a determinação e força que todos sentiram nas horas decisivas, envolvidas nas dúvidas e nas hesitações que lhes bateram à porta. Mas a certeza de terem razão e de serem capazes, em conjunto, de enfrentar o desafio final conduziu-os à vitória e ao sucesso, através da maior operação militar jamais executada em território português e à consequente apresentação de um Programa de libertação e democratização. Ou seja, ao 25 de Abril de 1974.

As reflexões que nos apresentam neste número d'*O Referencial*, num dossiê especial, são publicadas por ordem alfabética do primeiro nome dos autores, que acabou por se sobrepor a qualquer outra tentativa de ordenação. A este propósito deixamos um desafio a todos os que viveram esse período de grande empenho e de grandes esperanças – contem-nos as vossas histórias e façam também as vossas reflexões. Isso enriquecerá a nossa memória dessa caminhada.

Relativamente a outros assuntos abordados neste número d'*O Referencial*, devemos dizer que apenas pudemos manter, em função do espaço disponível, as secções *Abril e os Jovens*, *Cartas aos netos de Abril* e *Figuras de Abril*. Em relação aos jovens, mais uma vez temos o privilégio de contar com dois trabalhos dos alunos de Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social, sob orientação das professoras Maria Inácia Rezola e Fátima Lopes Cardoso. O primeiro texto é da autoria dos alunos Ishan Lacmane e Mateus Lourenço, que nos apresentam o seu trabalho da seguinte forma:

"Muito começa quando uma ditadura acaba.

Isabel Marques Morgado cuidou de pacientes à beira da rotura, numa altura em que havia escassez de condições básicas nos cuidados de saúde. Gracinda Fazendeiro Silva sentiu na pele os olhares cínicos por regressar ao seu país enquanto retornada. Rogério Fernandes Matoso partiu de Viseu com um objetivo em mente: defender a nação. Cada português carrega consigo as histórias de Abril".

O outro texto é da autoria das alunas Catarina Vozone e Matilde Jesus, que nos falam, segundo reza o título sobre *A Voz das Bravas* e que no-lo apresentam da seguinte forma:

"Para escapar aos castigos da PIDE, muitos cidadãos viram como única opção abandonar o País. Sem expetativa de regresso, deixaram tudo para trás, transportando apenas consigo o enorme amor pela pátria. Apesar dos esforços de controlo do regime, houve vozes, como as de Teresa Spranger e Luísa Basto, que nunca se deixaram calar e que, mesmo à distância, gritaram contra a ditadura".

Fica expressa a nossa gratidão a todos, pelas memórias e pelas reflexões que acrescentam ao conhecimento que temos de um tempo ao qual ninguém quer voltar.

Na secção *Cartas aos netos de Abril* temos o

FICAREMOS ENTÃO NÓS, OS QUE ESTIVEMOS NO 25 DE ABRIL, ORGULHOSOS DO QUE TIVEMOS OPORTUNIDADE DE FAZER. PORQUE OS NOSSOS FILHOS E NETOS, TODOS JOVENS DOS NOVOS TEMPOS, COMPREENDERAM O PAPEL QUE TÊM PARA DESEMPENHAR

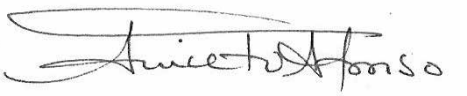
gosto de contar com a colaboração do nosso sócio José Manuel Barroso, capitão de Abril e membro da comissão coordenadora do MFA na Guiné. Ele escreve uma belíssima carta ao seu *Querido Neto Henrique*, onde evoca, por sua vez, a lembrança do seu próprio avô, de quem ouviu histórias sobre a Liberdade. Repetimos aqui a nossa gratidão. É a vez de referirmos uma "Resposta a uma carta aos netos" publicada num número anterior pelo nosso sócio Jorge Golias. Vem da jovem leitora Clara Cardeira Leandro, que nos avisa desde logo: "Pensei bastante sobre as ideias lançadas por Jorge Golias na sua carta", acabando por concluir que "é importante celebrar o 25 de Abril", pois permite-nos "relembrar, não só que é preciso continuar a lutar, mas também que não é em vão". Para nós, nada há que mais nos orgulhe, que os jovens compreendam que a luta continua. Obrigado, Clara.

Finalmente, na secção sobre as *Figuras de Abril*. Coordena pelo nosso sócio Rodrigo de Sousa e Castro, destacamos o nosso camarada Capitão de Abril Franco Charais, um dos militares construtores da democracia portuguesa. A sua face humana, a sua carreira militar e a sua intervenção política durante a revolução e o período de transição é-nos trazida por Luísa Amaral, jornalista e amiga, a quem deixamos uma palavra de agradecimento. Nos primeiros contactos, aparece-nos como um dos "mais 'misteriosos' personagens militares", mas concluímos que afinal é "uma pessoa bem diferente (...) afetuoso, atento aos outros, com sentido de humor, ágil e criativo de pensamento, atualizado, sempre derrubando barreiras".

Mas, como figura de Abril ou simplesmente como homem do seu tempo, há também a sua faceta de pintor, que há algumas dezenas de anos abraçou em companhia de sua mulher, Stela Barreto, também ela pintora e professora, que aqui nos conta algumas histórias dessa relação e nos garante que "o trabalho de Franco Charais tem uma força expressiva muito própria, mostra o seu lado poético e ao mesmo tempo inesperado", pelo que "é preciso saber ver o trabalho e o talento deste pintor/militar/político". Fica expressa a nossa gratidão pelas histórias de amor e pintura que connosco partilha.

Resta referir as homenagens que prestamos aos nossos saudosos sócios que infelizmente nos deixaram, Adelino Matos Coelho e José Pinho, com textos respetivamente dos nossos sócios António Ventura e Dulce Afonso, a quem expressamos o nosso agradecimento.

Tudo o que vos trazemos com esta edição tem por finalidade participar nos fins estatutários da A25A, ou seja, "a consagração e divulgação, no domínio cultural, do espírito do movimento libertador de 25 de Abril de 1974". Um bem-haja a todos os que nos apoiam e se disponibilizam a colaborar.



25 DE ABRIL 49 ANOS

Direitos reservados

PLURALISMO É ESSENCIAL
E FAZ PARTE DA ESSÊNCIA DA DEMOCRACIA

Tiago Petinga, Lusa

A A25A, através dos seus representantes, participou na cerimónia oficial do 49.º aniversário do 25 Abril

No discurso comemorativo do 49.º aniversário do 25 de Abri, o Presidente da República dirigiu-se, logo no início da intervenção, àqueles que "teriam preferido que não tivesse acontecido o 25 de Abril". Presidente do Brasil, Lula da Silva, marcou presença na Assembleia da República, em cerimónia separada

"A ESSES, CUJA SAUDADE e nostalgia se respeita, há que dizer que o tempo não volta para trás".

No discurso proferido na Assembleia da República, com o espaço todo ornamentado com cravos vermelhos, Marcelo Rebelo de Sousa

defendeu que, independentemente do "número real ou sonhado" de pessoas que juntem, "o pluralismo é essencial, faz parte da essência da democracia", realçando que "em ditadura nunca haveria".
Como é já tradição, o presidente da Assembleia da República, Augusto Santos Silva, e todos os partidos com representação parlamentar, também proferiram algumas palavra de saudação ao 25 de Abril, com referências diversas de agradecimento aos Capitães de Abril que tornaram possível a "Operação Viragem Histórica", em 1974.

AS COMEMORAÇÕES DESTE ANO FICARAM MARCADAS PELA PRESENÇA DO PRESIDENTE DO BRASIL, LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

PRESIDENTE DO BRASIL NO PARLAMENTO

Este ano as comemorações ficaram marcadas pela presença de Lula da Silva na Assembleia da República, numa cerimónia que antecedeu o início da sessão solene oficial. O Presidente do Brasil disse sentir-se "em casa" em Portugal e sublinhou que o 25 de Abril foi um "salto para o futuro". Já Augusto Santos Silva, presidente da Assembleia da República, salientou que Lula da Silva reduziu as desigualdades sociais no Brasil. O discurso do chefe de Estado brasileiro ficou marcado por protestos dos deputados do Chega, que mereceram uma repreensão de Santos Silva.
Registaram-se depois várias manifestações junto às escadarias do Palácio de São Bento a favor e contra a recepção do presidente brasileiro.

NA RESIDÊNCIA DO PRIMEIRO-MINISTRO

A um ano de completar o 50.º aniversário, a Revolução dos Cravos foi igualmente celebrada na residência oficial do Primeiro-Ministro com um programa cultural para públicos de todas as idades e gerações, contando com uma dezena de espectáculos e de actividades a decorrer nos vários espaços do jardim de São Bento, da música à dança, passando pelo teatro de marionetas e oficinas de produção artesanal. Ana Moura e a cantora e rapper Nenny foram os destaques das participações musicais.
Sobre os protestos no Parlamento relacionados com a presença de Lula da Silva, o primeiro-ministro António Costa afirmou: a maioria dos deputados, que "respeitam e amam a liberdade e a democracia", respeitaram a vinda do chefe de Estado de um país irmão. Em contrapartida, a "ultra-minoria" "precisou de fazer barulho para suplantar em ruído a falta de representação popular que efectivamente tem".

MENSAGEM DA A25A

Quando se abriram as portas da Liberdade, a 25 de Abril de 1974, a ditadura durava há quase 48 anos. Nesse dia, a luta de muitas e muitos portugueses frutificou e, a partir desse momento, todos os sonhos pareceram possíveis. Os Capitães de Abril criaram condições para que a guerra terminasse, a Paz fosse uma realidade, a Democracia acontecesse e pudesse ser construída uma sociedade mais justa, fraterna e igual.

Nestes 49 anos, sujeitos às enormes condicionantes que a nossa pequena dimensão no seio das Nações nos impõe, os portugueses têm conseguido ultrapassar as enormes vicissitudes daí resultantes. Privilegiando a Democracia, sustentada na Liberdade que a Constituição de Abril consagra, têm mantido o regime democrático, com maior ou menor respeito pelos valores de Abril. A tarefa não tem sido fácil, seja porque os inimigos desses valores não desarmam, seja também porque os escolhidos nas diversas e sucessivas eleições que sustentam a Democracia nem sempre têm correspondido à esperança acalentada pelos responsáveis pela sua eleição. Por tudo isto, temos de começar pela defesa intransigente da Constituição da República Portuguesa, conquista maior da Revolução de Abril.

O mundo está conturbado e em mudança. Os regimes democráticos veem-se cada vez mais colocados em causa pelos demagogos e populistas que procuram retornar aos regimes totalitários assentes nas mentiras, mas a Democracia tem teimado em garantir que continua a ser "o pior de todos os sistemas políticos, com excepção de todos os outros". Porque Abril é Liberdade, Paz, Democracia e Justiça Social, insistimos na defesa dos valores que há 49 anos nos fizeram avançar para esse dia que abriu as portas a todos os sonhos. Mantemo-nos fiéis militantes na defesa de um regime de Liberdade, de Democracia, de Solidariedade, de Igualdade, de Justiça Social e também de Paz. Recusamos todas as formas de guerra, em que muitos nos tentam envolver. Qualquer guerra não é, não pode ser, a solução para os problemas entre os homens, as Nações ou os Estados. A solução para que esses problemas sejam ultrapassados e resolvidos terá forçosamente de ser política. Quando parte da Europa vive em guerra, torna-se urgente que as armas se calem e a diplomacia seja capaz de encontrar soluções.

É esse o nosso voto, perseguindo ainda o sonho que criámos há 49 anos: é pelos valores de Abril que é possível construir a Felicidade. E, tal com Péricles afirmou há mais de dois milénios e meio, a Felicidade só será viável se tivermos a Coragem de por ela lutar. Que tenhamos Coragem para lutar pelos valores de Abril!

Um forte abraço de Abril e um grito que continua e continuará sempre atual e necessário: 25 de Abril, Sempre!

Direitos reservados

MILHARES DE PESSOAS NO DESFILE DA LIBERDADE

Milhares de pessoas concentraram-se na zona do Marquês de Pombal, em Lisboa, para o tradicional desfile popular do 25 de Abril, que desceu a Avenida da Liberdade até ao Rossio, onde tiveram lugar os habituais discursos.
Pediu-se "trabalho, igualdade, ambiente, escola pública" e o "aumento real dos salários" no muitos cartazes erguidos por pessoas que se iam movimentando ao logo da avenida, antes mesmo do início oficial do desfile.
Carros com músicas diversas e de intervenção, esperavam a sua vez para integrar o desfile.
Cidadãos anónimos, cravo ao peito ou nas mãos, também traziam apitos e cartazes, onde se lia "Liberdade de expressão",
"A liberdade conquista-se todos os dias", "Orgulhosamente livre", "Há alturas em que e preciso desobedecer", referiam outras mensagens.

Direitos reservados

EVOCAÇÃO DE TRÊS CAPITÃES

O desfile terminou, como é tradição, no Rossio, com o habitual discurso proferido por um Capitão de Abril. Este ano a missão coube Rodrigo de Sousa e Castro que invocou as figuras históricas de Abril - Otelo Saraiva de Carvalho, Melo Antunes e Salgueiro Maia – e uma figura colectiva: o Povo de Lisboa que "cedo percebeu que estava a viver um dia memorável, o dia da libertação". Terminou o discurso garantindo: "Nós, cidadãos, manter-nos-emos firmes na luta pela Liberdade e pela Democracia".

CORRIDA DA LIBERDADE

Como tem sido tradição, realizou-se também a Corrida da Liberdade que já vai na 44.ª edição

É o desporto ligado a uma data tão importante que atrai pessoas de todas as idades, das mais competitivas àquelas que aproveitam para fazer um pouco de desporto ou simplesmente desfrutar de estradas fechadas e poder correr/caminhar livremente.

De Norte a Sul do país e sem esquecer as ilhas, centenas de pessoas participaram nas diferentes corridas que se realizaram para assinalar o 49.º aniversário da Revolução. A da capital é uma prova já com muita história, tendo a Praça dos Restauradores como local de chegada das três corridas abertas a todos, de todas as idades, incluindo os praticantes de desporto adaptado.

JANTAR COMEMORATIVO

Direitos reservados

O JANTAR COMEMORATIVO da Revolução dos Cravos voltou a ser realizado na Estufa-Fria, em Lisboa, como tem sido tradição. Dirigentes, sócios e amigos da Associação 25 de Abril e muitos convidados, num total de cerca de 300 pessoas, juntaram-se para assinalar aquele que é o dia inteiro e limpo da história portuguesa. Depois de um convívio muito confraternizado pelo espírito de Abril, o presidente a A25A, coronel Vasco Lourenço, ao lado do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, leu para todos os presentes a mensagem da A25A preparada para este 49.º aniversário, destacando: "Os Capitães de Abril criaram condições para que a guerra terminasse, a Paz fosse uma realidade, a Democracia acontecesse e pudesse ser construída uma sociedade mais justa, fraterna e igual."

LUGARES DE ABRIL SEMPRE

Direitos reservados

Placa colocada junto aos antigos estúdios da RTP, com a presença do presidente da Câmara de Lisboa, Carlos Moedas, e do presidente da Junta de Freguesia do Lumiar, Ricardo Mexia

Pontos alto das comemorações do 49.º aniversário foi a colocação de quatro novas placas evocativas da Revolução dos Cravos em locais considerados determinantes na "Operação Viragem Histórica"

O PROJECTO LUGARES DE ABRIL prosseguiu em 2023. A iniciativa consiste na colocação de lápides evocativas dos momentos significativos da Alvorada de Abril, promovida pela Associação 25 de Abril (A25A) em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa e iniciada por ocasião dos 45 anos do 25 de Abril, por impulso do presidente da A25A, coronel Vasco Lourenço. Junto da lápide encontra-se um QR Code através do qual é possível aceder telematicamente a uma descrição dos acontecimentos ocorridos no local relacionados com a Revolução.

Direitos reservados

Placa colocada junto ao Colégio Militar

Direitos reservados

Placa colocada junto ao Banco de Portugal

Direitos reservados

Junto das antigas instalações do jornal República, com a presença do Almirante Martins Guerreiro, na foto com gravata encarnada, e do Coronel Aprígio Ramalho, na foto com cravo na lapela, e de representantes da autarquia

Este ano foi colocada uma placa nos Estúdios da Rádio Televisão Portuguesa – RTP, nos antigos estúdios do Lumiar. O MFA incluiu a RTP no seu plano de operações como objectivo de a ocupar, a fim de evitar que o regime a pudesse utilizar em seu favor e também para poder servir como meio de informação ao serviço do Movimento.

Foi também colocada uma junto ao Banco de Portugal, cuja acção de ocupação no 25 de Abril foi controlada por uma força da Escola Prática de Cavalaria de Santarém – EPC".

Nas instalações do antigo jornal "República" foi também colocada uma lápide para assinalar o momento em que o comandante Martins Guerreiro fez a entrega do "Programa do MFA" aprovado pela Comissão de Redação do Programa.

O Colégio Militar acolheu a força da Escola Prática de Cavalaria, comandada pelo capitão Salgueiro Maia, depois de esta ter cumprido os seus objectivos iniciais e de ter assumido o papel de principal braço armado do MFA no triunfo da Revolução. No local foi também colocada uma lápide.

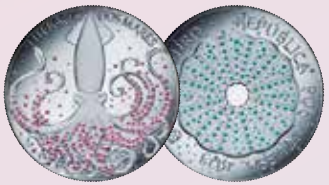
No próximo ano, no 50.º aniversário da Revolução, deverão ser colocadas as últimas placas.

MOEDAS COMEMORATIVAS 2023

MIRAGAIA LONGICOLLUM
DINOSSAUROS DE PORTUGAL

Autor: Joana Bruno

LITERACIA DOS MARES
125 ANOS DO AQUÁRIO VASCO DA GAMA



Autor: Baiba Šime

HORTELÃ-BRAVA-DE-FOLHA-LONGA
(*MENTHA LONGIFOLIA*)
ESPÉCIES DE PLANTAS AMEAÇADAS

Autor: Catarina Sobral

"MOEDA" (4000 RÉIS) DE D. PEDRO, PRÍNCIPE REGENTE
TESOUROS NUMISMÁTICOS

Autor: Rui Vasquez

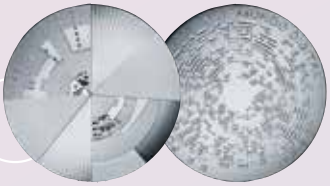
JOSÉ AFONSO
MÚSICOS PORTUGUESES

Autor: Francisco Providência

UNICÓRNIO
HERÓIS E CRIATURAS DA MITOLOGIA

Autor: Susa Monteiro

O MUNDO DIGITAL



Autor: CISUC / Inteligência Artificial

MOBILIÁRIO INDO-PORTUGUÊS
PORTUGAL E O ORIENTE
(PORTUGAL E ÍNDIA)

Autor: Sara Feio

BORDALO II
ARTE CONTEMPORÂNEA URBANA

Autor: Bordalo II

PAC-MAN
JOGOS DE INFÂNCIA

Autor: Jorge Silva

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE
LISBOA 2023

Autor: João Duarte

UMA MOEDA PELA PAZ

Autor: José Teixeira

ILUSTRAÇÃO

LISBOA R. Escola Politécnica, 137 • R. D. Filipa de Vilhena, 12 e 12-A • Biblioteca Nacional - Campo Grande, 83
COIMBRA Rua Visconde da Luz 94, 96 e 98
PORTO R. Cândido dos Reis, 97
WWW.INCM.PT moeda.apoiocliente@incm.pt

CASA DA MOEDA
INCM IMPRENSA NACIONAL CASA DA MOEDA

NASCEU ABRIL EM ABRIL

Fui plantar uma semente
começou a florir
nasceu um cravo vermelho
e eu revivi abril.
Abril do renascer
abril dos meus amores
pois na magia sonhada
e com armas apontadas
delas saíram flores.
O vermelho a cor de sangue
das mágoas e das guerras
de homens com verdes fardas.
Foi neste mês que nasceu
o desflorar da esperança
e como as ondas do mar
o povo abriu suas asas
pegou num cravo vermelho
para Abril festejar
"Uma gaivota voava, voava"
na esperança de encontrar
a Justiça para o povo
neste imenso Portugal
que continua a sonhar.
Foram momentos de história
foram momentos de Medo
de insegurança vivida,
mas foi curar cicatrizes
para viver outra vida.
Abril não terminou
há muito para Trabalhar
quem vota que esteja atento
pois o abril de abril
nunca mais pode acabar.
Das palavras perfumadas
que me deixaram saudades
para terminar meu poema
Eu escolhi "Liberdade"

Fanny Mota- Poeta
Poema inédito, 25 de Abril de 2023

DOIS TEMPOS, O MESMO PAÍS

Os muros nem sempre são erguidos em betão e, no Estado Novo, as barreiras que existiam eram, sobretudo, humanas e pareciam intransponíveis. Com vivências distintas e em papéis sociais diversos, cinco pessoas lembram, aos alunos de Jornalismo da ESCS, a força que as movia contra a opressão e as injustiças que testemunharam em plena ditadura.

FÁTIMA LOPES CARDOSO*

PRESERVAR A MEMÓRIA de milhares de pessoas que viveram entre dois tempos, realidades distintas e um mesmo país levou os alunos de 1.º ano da licenciatura em Jornalismo, da Escola Superior de Comunicação Social, à descoberta de diversas vozes que pudessem despertar as memórias do passado. Nesta edição, os estudantes Ishan Lacmane e Mateus Lourenço, agora já a iniciarem o 3º ano, contam a história da enfermeira Isabel Marques Morgado, desde os tempos em que ingressou na Escola dos Enfermeiros de Coimbra, no início da década de 50, até às situações complicadas que presenciou, no Hospital Santa Maria e nos bairros pobres de Lisboa. Em 1958, a enfermeira assistiu, como tantos outros portugueses, à criação do Ministério da Saúde e Assistência, organismo ao qual foi atribuída a gestão na área da saúde pública, antes sob tutela do Ministério do Interior. À época, acreditava-se que poderia ser a solução para os problemas de saúde pública. Nessa altura, a profissional de saúde, hoje com 91 anos, repartia o tempo a cuidar dos doentes que chegavam à instituição pública a precisar

Antes da Revolução, justiça era uma condição que não existia no Alentejo

Direitos reservados

de cuidados e os pacientes que se encontravam num estado mais crítico, que se visitava nos seus domicílios. Os tempos eram difíceis, em que, como recorda, "os medicamentos eram poucos e tudo parecia resultar melhor com receitas e tratamentos caseiros". Nas zonas mais periféricas de Lisboa, a pobreza era um carma ainda mais pesado do que na contemporaneidade. Como muitos outros médicos, enfermeiros e assistentes de saúde que exerceram as suas profissões, entre os anos 1950 e 1970, Isabel Marques Morgado ficava chocada com a

NAS ZONAS MAIS PERIFÉRICAS DE LISBOA, A POBREZA ERA UM CARMA AINDA MAIS PESADO DO QUE NA CONTEMPORANEIDADE

falta de condições básicas de higiene e com a debilidade física que encontrava. Era – recorda – um terreno "fértil para doenças e infeções", em que muitas habitações improvisadas nem dispunham de instalações sanitárias ou luz elétrica. As melhores condições da saúde pública e a redução da mortalidade infantil foram das principais conquistas do pós 25 de Abril. No artigo "Muito começa quando uma ditadura acaba", as diferenças entre o estado da saúde em Portugal durante a ditadura e depois de Abril tornam-se evidentes.

Como também era evidente, através do testemunho de Gracinda Silva, 82 anos, a sensação de perda que milhares de pessoas tiveram de enfrentar, quando foram obrigadas a sair à força dos lugares onde se sentiam em casa. "Os retornados", como foram chamados, tiveram de reinventar as suas vidas num país que não consideravam ser seu e que, como relata, "também se estava a descobrir a si próprio". Na companhia do marido e de duas filhas, Gracinda Silva deixou Angola em estado de sítio, quando foi declarada a Independência. Viajou primeiro para a África do Sul, grávida da terceira filha, e depois chegou a Lisboa, "uma terra estranha, onde era tudo novo", não apenas para Gracinda Silva, mas para todos os portugueses.

Entre esses muitos portugueses que assistiam com expectativa à mudança do pós 25 de Abril, estava também Rogério Fernandes Matos, militar desde 1952. Apesar dos problemas de saúde no início de carreira, em 1961, foi destacado para comandar as tropas em Moçambique, onde permanceu até 1965. No final da sua missão na Guerra Colonial assumiu, como lembra, "um papel prepoderante na Operação Atum" – episódio que é relatado ao pormenor na peça jornalística. A Revolução concretizou um desejo dos militares anti-regime: acabar com a Guerra Colonial.

AS MELHORES CONDIÇÕES DA SAÚDE PÚBLICA E A REDUÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL FORAM DAS PRINCIPAIS CONQUISTAS DO PÓS 25 DE ABRIL

Como em muitos momentos históricos, a força de vontade e o inconformismo feminino estiveram muito presentes num período em que quase todas as liberdades eram vedadas às mulheres. No segundo artigo da rubrica "Abril e os Jovens", as futuras jornalistas Catarina Vozone e Matilde Jesus partilham a luta de duas mulheres de espírito indomável que recusaram ficar confinadas ao papel tradicional que lhes era atribuído quase à nascença, no Estado Novo, e com reminiscências culturais até aos dias de hoje.

Ainda muito jovem, Teresa Spranger começou a envolver-se nas atividades clandestinas de

consciencialização das classes operárias. Participou na formação nos Comités de Luta Anticolonial (CLAC) até que foi obrigada a partir para França como fuga à PIDE, na companhia do namorado, com quem viria a casar. Na terra da liberdade, onde era possível ter acesso a todos os livros sem censura, Teresa Spranger ansiava com o momento em que seria possível regressar ao seu país. Quando o grito da Revolução dos Cravos ecoou na capital francesa, Teresa e a família apanharam o Sud Express, "o comboio da liberdade", na companhia de outros casais e filhos, a caminho de casa. No Portugal livre, assumiram as suas profissões e ajudaram a construir, na educação e na saúde, o país democrático e contribuíram, de acordo com a sua função social, para consolidar a igualdade e a justiça.

Antes da Revolução, justiça era uma condição que não existia no Alentejo que viu nascer Luísa Basto, na casa de uma família de comunistas convictos. Ainda muito jovem, a luta clandestina, movida pelo "ódio ao Estado Novo", atraiu a atenção da PIDE. A única porta de evasão que se abriu foi a de Moscovo, onde se formou em Música e Canto. Para Luísa Basto, a Revolução de 25 de Abril de 1974 foi como se, após 48 anos de clausura, Portugal se tivesse transformado "nas portas do mundo".

A cantora tinha de voltar a espalhar aos quatro ventos o amor que sentia pelo Alentejo, pelo seu país, tão presente nas músicas que ainda hoje confortam os mais românticos. Como centenas de pessoas, Luísa Basto regressou a Portugal, após a Revolução. A música nunca a abandonou ou foi ela que, após a liberdade conquistada, nunca mais deixou que a sua voz fosse silenciada. A acompanhá-la estão as influências do cante alentejano, o piano, o acordião e, entre outros instrumentos, a guitarra portuguesa. Como enuncia, no tema "Meu Amor, Minha Vontade": "Não. Não vou por aí. Vou ainda mais procurar. Não, eu não me esqueci. Há mais canções para cantar. A fúria, mentira ou lamúria que vira queixume anda à solta sem lume e revolta, num mundo de fúria, no mundo de mentira, no mundo que vira...". E porque vira, é preciso estar alerta e é preciso não esquecer.

OS RETORNADOS, COMO FORAM CHAMADOS, TIVERAM DE REINVENTAR AS SUAS VIDAS NUM PAÍS QUE NÃO CONSIDERAVAM SER O DELES

* Professora do ensino superior, investigadora

O regresso de milhares de portugueses que se encontravam nas ex-colónias

CAMINHO DE SOBRESSALTOS ATÉ ABRIL

Muito começa quando uma ditadura acaba. Isabel Marques Morgado cuidou de pacientes à beira da rotura, numa altura em que havia escassez de condições básicas nos cuidados de saúde. Gracinda Fazendeiro Silva sentiu na pele os olhares cínicos por regressar ao seu país enquanto retornada. Rogério Fernandes Matoso partiu de Viseu com um objetivo em mente: defender a nação. Cada português carrega consigo as histórias de Abril

ISHAN LACMANE E MATEUS LOURENÇO*

SE RECUÁSSEMOS NO TEMPO, até antes do 25 de Abril de 1974, seria difícil reconhecer Portugal. A atividade política estava condicionada, não existiam eleições livres e o único centro de poder político era a União Nacional. A larga frente que se opunha ao regime de Oliveira Salazar e, mais tarde, de Marcello Caetano, era perseguida e contida pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE/DGS).

Os opositores, sob acusação de conspiração contra o regime e a prática do Estado Novo, eram presos em centros específicos de detenção, com as prisões de Caxias, Aljube ou Tarrafal. Não havia liberdade, existia censura. A informação e as formas de expressão cultural eram fortemente monitorizadas, fazia-se uma censura prévia e dava-se uso ao lápis azul. Abril veio para libertar e dar início a um novo capítulo.

SAÚDE DOS POBRES

Isabel Marques Morgado tem 91 anos. Apesar da longa idade, cada ruga carrega uma história, mas a memória segue firme nesta longa caminhada. Em 1952, começou a sua jornada quando ingressou na Escola dos Enfermeiros de Coimbra. "Desde nova, sempre estive vocacionada para o lado da medicina e, como as escolas eram divididas com rapazes num lado e raparigas noutro, a minha decisão acabou por ser influenciada pelas minhas colegas", conta. Durante esta época, o Estado Novo já demonstrava uma certa solidez. Antes de ter terminado os estudos em Coimbra, Isabel Morgado regressou a Lisboa, onde sentia maior segurança devido à presença dos pais.

No decurso do vasto projeto das obras públicas, liderado pelo engenheiro Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, foram criadas diversas infraestruturas necessárias ao desenvolvimento económico. À época, foi publicado um decreto-lei, em 1952, que integrou todos os hospitais no então Ministério do Interior. Este decreto levou a que o inicial Hospital Escolar de Lisboa, sob tutela do Ministério da Educação, passasse a "Hospital de Santa Maria". Após a mudança do nome e a construção de novos postos, o estabelecimento acolheu diversos funcionários, médicos e enfermeiros.

Isabel Morgado passou a integrar a equipa de enfermeiros do Santa Maria, em 1953: "Quando fui escolhida para trabalhar no hospital foi

Direitos reservados

Isabel Morgado passou a integrar a equipa de enfermeiros do Hospital de Santa Maria, em 1953

muito reconfortante. Vivia-se numa época em que as paredes tinham ouvidos. E sabia que tinha de cumprir o meu dever e ajudar os pacientes. Nas primeiras semanas, trabalhei apenas como assistente de enfermagem e, nessa fase inicial, tanto a secção de enfermagem como a de funcionários eram maioritariamente mulheres."

A jovem enfermeira passava as manhãs no hospital com consultas particulares e, durante a tarde, visitava os pacientes que estavam num estado mais crítico nas suas casas: "Era muito difícil cuidar das crianças que tinha de visitar. Os medicamentos eram poucos e tudo parecia resultar melhor com receitas e tratamentos caseiros." Em alguns casos, sobretudo nas zonas mais periféricas, a pobreza profunda fazia-se sentir, principalmente, devido à falta de condições básicas de higiene, o que motivava o surgimento de diversas doenças e infeções. "As situações mais comuns estavam relacionadas com problemas respiratórios, como doenças pulmonares e pneumonias, mas também havia muitas situações de partos e pequenas operações. Nestes casos, os pacientes tinham de fazer um pequeno esforço porque tudo isto era mais seguro no hospital", recorda.

A enfermeira reformada revela uma das suas maiores dificuldades durante o período enquanto profissional do Hospital Santa Maria: "Aquilo que mais me custava era ter que me deslocar até às famílias que passavam muitas dificuldades, uma vez que eram estas que, por norma, tinham mais filhos. Quando um deles

ficava doente, todos os outros acabavam por passar pela mesma situação. Houve casos em que as crianças eram temporariamente retiradas às famílias devido à falta de condições básicas."-

Em 1970, o número de partos em casa foi 109 712. A taxa de mortalidade infantil em 1970 era de 55,5‰. Apesar da percentagem elevada, antes da década de 60, os valores eram muito superiores. Com a assistência à natalidade nos hospitais, Portugal tornou-se num dos países com menor taxa de mortes à nascença, no pós 25 de Abril. Em 2019, só 639 dos partos foram realizados em casa. Atualmente, a taxa de mortalidade infantil ronda, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística de 2022, os 2,6 por cento, depois de um ligeiro aumento face a 2021, em que era de 2,4 óbitos por mil nados-vivos.

Após várias tentativas fracassadas, o triunfo da Revolução dos Cravos, no dia 25 de Abril de 1974, seria um momento a recordar para Isabel Morgado. "Os tempos do PREC foram muito agitados, mas a revolução assentou que nem uma luva para a sociedade portuguesa, mas também para as instituições hospitalares do país. Seguiram-se anos muito importantes para o sistema de saúde português, que culminou com a criação do Serviço Nacional de Saúde (SNS), em 1978, já estava previsto na constituição de 1976", explicita.

O testemunho de Isabel Marques Morgado funciona como um espelho que reflete a vida social durante os anos de ferro da ditadura Salazarista. A Revolução de Abril trouxe grandes mudanças nos diferentes setores da sociedade – a esfera da saúde foi dinamizada e a rede hospitalar adaptada à nova conjuntura. "A revolução foi determinante para todos, uma revolução que mudou as nossas vidas e que ficará para sempre na minha memória."

RETORNADOS: SENTIR-SE NUMA "TERRA ESTRANHA"

No seguimento do dia 25 de Abril de 1974, dá-se o fim a Guerra Colonial, que durava desde 1961, e tem início a descolonização. Este processo resultou no regresso de milhares de portugueses, que se encontravam nas ex-colónias. Estes portugueses ficaram conhecidos como "retornados". A grande maioria destes retornados regressou de Angola. Um destes casos é o de Gracinda Silva, 82 anos, que se viu obrigada a voltar a Portugal, acompanhada pelo marido, e na altura com os dois filhos, um com seis e outro com dez anos. Foram momentos atribulados em que cada uma das famílias tentava retornar a Portugal da forma mais segura possível. "Depois da madrugada de dia 24, todos nós, os portugueses, fomos alertados do que se estava a passar na metrópole", lembra.

Os tempos começaram a ficar agitados e foi assim que também eclodiram os movimentos como a UNITA, MLPA e FNLA. No regresso, havia duas hipóteses: seguir de avião de Luanda para Portugal ou barco que partia da África do Sul. "No meu caso, fomos até África do Sul numa viagem que durou um dia inteiro, com muito poucas paragens, em que da parte dos angolanos já havia desconfiança para nossa in-

Direitos reservados

Cada uma das famílias tentava retornar a Portugal da forma mais segura possível

segurança. Já se via muitos soldados angolanos e nós, como é óbvio, sentíamo-nos inseguros, mas a verdade é que, de facto, estávamos num sítio que já não era nosso. Já estava grávida da minha terceira filha e foram horas bastante atribuladas", recorda.

Já na África do Sul, Gracinda Silva permaneceu alguns dias na companhia de outros portugueses. "Fomos muito bem acolhidos, onde também recebi ajuda médica. Havia muitos portugueses e angolanos também à espera de vir para a metrópole, como se dizia na altura. Existiam grandes filas para a alimentação, davam prioridade a doentes e grávidas, como era o meu caso. Fiquei lá duas semanas até termos ordem de embarque."

Na chegada a Portugal é inevitável a triste recordação do que se deixou para trás, mas para todos os retornados, um novo capítulo começa no seu país de origem: "Foram tempos difíceis. É o começar de uma vida nova com três filhos, uma recém-nascida, que nasceu no dia em que chegámos a Portugal. Havia saudade de familiares e amigos de que, com o tempo, fomos perdendo o contacto. Deixámos três moradias e tudo o que estava nas casas. Era triste, mas era a realidade de muita gente."

Uma das dificuldades sentidas por parte dos retornados era, numa fase inicial, o processo de adaptação. E o mesmo aconteceu com Gracinda Silva: "Chegar a um país onde temos de começar uma vida toda de novo nunca é fácil. O processo de reintegração é bastante complicado. Ainda para mais, num país que também se estava a começar a descobrir a si próprio com a queda de uma ditadura e o nascimento de um novo governo com novas ideias", conta.
A procura de emprego, sítio onde ficar e o acesso às necessidades mais básicas constituíam alguns dos principais problemas para alguém que regressava de forma desamparada a Portugal. Além disso, os retornados encontravam um país em transformação bastante diferente do que tinham deixado. Como admite: "Senti-me numa terra estranha, à procura de emprego, habitação e começar tudo de novo. Era um país que também estava em mudança, era muita gente a chegar, a política debatia-se bastante nas ruas, novas ideias. Tinha caído um regime e era tudo novo para toda a gente. Foi uma fase complicada, de adaptação."

OLHARES MARCANTES

Muitos dos retornados sentiram alguma discriminação na pele dos próprios portugueses. Algumas pessoas consideravam os retornados como algo alheios ou indiferentes ao regime, estando eles a viver fora de Portugal. Pairava uma certa ideia de que muitos dos retornados tinham vidas desafogadas nas colónias, não sentindo na pele as consequências de um regime ditatorial. A verdade é que a ditadura também existia nas colónias. "Muitos dos portugueses que ficaram na metrópole criaram uma ideia muito errada dos retornados. Achavam que vínhamos para cá tirar-lhes o emprego e as vidas que tinham, quando só queríamos arranjar trabalho para recomeçar as nossas vidas. Quando me perguntavam de onde vinha e dizia Angola, a exclamação era muitas vezes: 'Ah, é retornada".
Quando caem as correntes de um país oprimido, imobilizado e sem liberdade, pode dizer-se que a janela que se abre vem com inúmeras mudanças e conquistas que transformaram a vida de Portugal e dos portugueses. A revolução conquistou direitos, restava agora reorganizar a sociedade que tanto lutou pela liberdade: "A sociedade sofreu severas alterações com as conquistas de Abril. Mas, essencialmente, o direito a ir votar, os direitos para as mulheres: enfermeiras, hospedeiras de bordo, professoras etc.... não tinham autorização para casar e constituir família. Não havia escolas mistas, era rapazes de um lado, raparigas de outro. Direitos para os trabalhadores, não havia férias, subsídios, segurança social, nada. Era só deveres e nada de direitos; ordenado mínimo nacional. Muita coisa. De certeza que me esqueci de muitas outras, mas, essencialmente, o 25 de Abril fez de Portugal um país com direitos, liberdade e democracia. E devemos estar todos agradecidos", aponta Gracinda Silva.

DE VISEU PARA MOÇAMBIQUE

Rogério Fernandes Matoso nasceu em Viseu e tem hoje 86 anos. Após a Revolução dos Cravos, teve a oportunidade de voltar para a sua

cidade natal. Em fevereiro de 1952, mudou-se para Lisboa com os pais. Foi também nesta data que Rogério deu início à carreira de militar, quando ingressou na Escola do Exército, que mais tarde, em 1956, viria a designar-se Academia Militar.

Devido à influência do pai, optou pela via militar. Foi fuzileiro em Moçambique. Os primeiros anos de Rogério Fernandes Matoso, na Escola do Exército, foram muito complicados por questões de saúde. Em 1954, os médicos diagnosticaram-lhe arritmias cardíacas, motivo que o forçou a não terminar o curso de Cavalaria.

Durante o período de repouso, Rogério Fernandes Matoso nunca pensou em abandonar a atividade militar e, em 1955, foi conscrito como soldado-recruta na divisão de Praças, ou seja, a categoria inferior da hierarquia militar. "Foi algo que eu não esperava. No início, estava convencido que conseguiria ter sucesso no curso de Cavalaria, mas na altura o meu estado de saúde não era o melhor e percebi que estava a ficar para trás, mas se não fosse assim, se calhar, não estaria aqui."

Os anos foram alimentando a experiência do jovem recruta que acreditava na via militar como único caminho a seguir. "A minha experiência falou mais alto e acabei por subir de categoria de forma rápida. Depois de ter subido à posição de soldado, em 1958, já ocupava a categoria de 1º cabo, na qual permaneci por mais tempo".

Durante o ano de 1958, a sociedade portuguesa ficaria marcada pelo sobressalto político, graças às eleições. Entre 1959 e 1961, viveu-se um período muito conturbado de muitos avanços e recuos. A questão colonial era muito debatida", refere.

Rogério Matoso subiu à categoria de cabo-adjunto, em 1960: "Na hierarquia militar, na secção de Praças, havia muitos jovens e alguns deles desistiam logo no começo. Permaneci durante vários anos e aprendi de forma rápida. Acho que essa foi uma das razões para as minhas sucessivas subidas de categoria."

Com a eclosão da Guerra Colonial em África, rapidamente se tornou evidente que as características do terreno, o clima e a própria forma como o conflito eclodiu exigia por parte dos militares portugueses um desempenho que mostrasse uma elevada preparação técnica. Em 1962, são formados em Zemba, Angola, os primeiros grupos de tropas do exército português: "A Guerra Colonial eclodiu na pior altura. Estava a viver a melhor fase da minha carreira e tudo o que queria era defender a nossa nação. Com a eclosão do conflito, grande parte das tropas foi mobilizada para Angola. Eu acabei por ser enviado para Moçambique."

Enquanto o conflito em Angola e Guiné-Bissau se alastrava, o norte de Moçambique surgia como um terceiro palco de guerra. "Durante os primeiros quatro anos (1961-1965), eu apenas monitorizava as tropas e, no nosso posto de comando, o conflito não chegou numa configuração tão extrema. Sinto que desempenhei um papel preponderante apenas no ano de 1965, na Operação Atum. Durante este período, a FRELIMO controlava as zonas rurais, enquanto as tropas portuguesas estavam confinadas às povoações principais", afirma.

Os soldados lutavam por algo que não compreendiam

Conscientes da necessidade de reforçar a segurança, em 1965, o Exército, em conjunto com a Marinha e a Força Aérea, deu início à Operação Atum, com o objetivo de transportar duas lanchas de fiscalização a P-1135 (Mercúrio) e a P-1134 (Marte) para o Lago Niassa. "Estive cerca de duas semanas sobre o comando da vigilância do Lago Niassa. Durante esses dias, as lanchas foram transportadas e deslocadas em Nacala e, só dias mais tarde, após a construção de uma via de acesso é que as lanchas foram encalhadas."

Aquela que seria apenas uma operação de intervenção, resultou em 13 longos anos de guerra, marcados pela elevada mortandade. O conflito obrigou à mobilização de mais de 800 mil portugueses e provocou cerca de 10 mil mortos. "A certa altura, começámos a entender que o confronto não teria fim. O regime não estava disposto a conversar e recorrer a cedências políticas não era uma opção. Basicamente, os soldados lutavam por algo que não compreendiam. Sinto que, em certos momentos, os interesses políticos eram mais defendidos do que a própria lealdade de defender o território e a pátria", conta.

Durante a Guerra do Ultramar, Rogério Matoso permaneceu em Moçambique e voltou para Viseu dias antes da Revolução dos Cravos. "Foi um grande alívio, chegar a casa e saber que tinha tudo acabado. Eu que estava meio doente, parecia ter melhorado, o que queria era estar ao pé dos meus camaradas. Apetecia-me estar em Lisboa para assistir a tudo de perto. Seguiram-se dias de muita agitação, mas uma agitação que me trouxe paz na alma."

Hoje, é difícil imaginar como era Portugal antes da Revolução de 1974. Mas, se pensarmos, por exemplo, que não se podia sair livremente do país, que sobre todos os rapazes de 18 anos planava o espectro da guerra, que nas escolas tinha de ser rapazes para um lado e raparigas para outro, será mais fácil perceber porque é que a mudança era urgente.

* Alunos da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa

A VOZ DAS BRAVAS

Para escapar aos castigos da PIDE, muitos cidadãos viram como única opção abandonar o País. Sem expetativa de regresso, deixaram tudo para trás, transportando apenas consigo o enorme amor pela pátria. Apesar dos esforços de controlo do regime, houve vozes, como as de Teresa Spranger e Luísa Basto, que nunca se deixaram calar e que, mesmo à distância, gritaram contra a ditadura.

CATARINA VOZONE E MATILDE JESUS*

DISTRIBUIR PANFLETOS e pinturas contra a Guerra Colonial, cantar versos sobre liberdade e revolução em rádios clandestinas foram apenas alguns dos meios utilizados para resistir ao governo opressor de António de Oliveira Salazar. Num regime em que não era permitido questionar a ordem social, as mulheres viam a sua liberdade condicionada. O futuro feminino ideal do Estado Novo era a mulher submissa, dedicada apenas à família e à pátria, futuro este que não era desejado por todas. Para extinguir o silêncio ensurdecedor, foi preciso saber usar a voz.

Teresa Spranger foi uma dessas vozes. Nasceu na ilha da Madeira, mas veio para Lisboa para ingressar no ensino superior. Por volta dos 15 anos, começaria a compreender muitas das fragilidades da época em que vivia. "Comecei a aperceber-me que não se podia ter certas conversas, que certas frases eram interrompidas a meio."

Os cidadãos não estavam tão "às escuras" como o regime desejava. Muitos dos segredos do governo eram conhecidos. No entanto, era necessário manter a discrição e agir de forma a não levantar suspeitas. "Sabíamos que havia livros proibidos. O meu pai comprava revistas francesas para nossa casa. Tudo por baixo do balcão", conta.

O caso do navio Santa Maria é um bom exemplo de que os cidadãos estavam cientes do que se passava: "Apesar das delegações do regime, que afirmava que o desvio tinha sido um ato de pirataria marítima, todos sabíamos o que realmente tinha acontecido, mas não podíamos falar nisso." Um ex-militar português, Henrique Galvão, teria desviado o paquete com a intenção de provocar uma crise política no regime de Salazar.

Deparando-se com as injustiças do regime, Teresa Spranger não ficou indiferente. Começou a participar em atividades clandestinas de pro-

paganda antissalazarista, com o seu namorado da altura e que no futuro se tornaria marido. "Distribuíamos panfletos para defender a justiça e a igualdade, nas fábricas à volta de Lisboa." A própria impressão era feita com grande secretismo. "O acesso aos copiógrafos era muito difícil. Íamos de olhos vendados num carro para casa das pessoas que os possuíam, a não conseguirmos identificar nada nem ninguém, caso fôssemos apanhados", revela.
Durante os atos revoltosos, Teresa Spranger sentia estar a fazer o certo: "Sentia-me bem. Sentia que estava do lado da justiça. Mas também tínhamos 20 anos. É importante realçar isso", acrescenta, com um pequeno sorriso. Participou na formação nos Comités de Luta Anticolonial (CLAC) e aí distribuíram panfletos e pinturas pelos operários de algumas fábricas e grandes empresas. Foi durante uma dessas atividades que a vida mudou para sempre. "Fomos fotografados pela polícia política. Tínhamos de desaparecer."

Teresa e o marido casaram em França, em 1971

Direitos reservados

A CHEGADA A PARIS

Diversos portugueses emigraram nos anos 1960, por questões políticas ou à procura de melhores condições de vida, sendo França um dos destinos principais. A maioria das emigrações era ilegal. Deixavam o país "a salto" como era conhecido, para escapar à repressão e à falta de condição do regime, para não ser enviado para a Guerra Colonial. Ou, no caso de Teresa Spranger, para escapar à perseguição da PIDE. "Depois de um mês escondidos em casa de um amigo, em Portugal, eu e o meu namorado fugimos para Paris, onde acabámos por ficar. A nossa primeira preocupação foi encontrar emprego, o que se revelou um processo muito difícil e complicado porque para trabalhar necessitávamos da cart de travail (carta de trabalho) e esta só era possível estando já inserido no mercado de emprego. Era uma pescadinha de rabo-na-boca". Casaram-se no verão de 1971 e Teresa começou a trabalhar na distribuição do France Soir. "Tinha de distribuir 120 jornais por dia, carregando sempre 150. Era um trabalho muito pesado e cansativo, andava quilómetros. Tornou-se impossível com a chegada do bebé."

MUITOS PORTUGUESES EMIGRARAM NOS ANOS 1960, POR QUESTÕES POLÍTICAS OU À PROCURA DE MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

ESPERANÇA RECONQUISTADA EM FRANÇA

No final de 1972, em Paris, o casal teve a primeira filha. O marido trabalhava em informática e Teresa passou a trabalhar como babysitter: emprego que conseguiu graças à ajuda do ex-secretário de Humberto Delgado, Adolfo Ayala, que ajudava muitos portugueses que chegavam a Paris.

Apesar de sentirem muitas saudades de Portugal, o dia a dia na capital francesa ia continuando. "A vida em França era muito diferente. Paris era, na altura, a capital intelectual e artística. As pessoas viviam em liberdade. Podia-se ler, falar e viajar à vontade." Os livros que em Portugal eram proibidos existiam em livrarias locais de Paris, especialmente na Maspero, a principal livraria do Quartier Latin. Teresa Spranger destaca ainda o clima amigável entre os emigrantes portugueses. "Havia vários grupos que também tinham fugido. Criámos todos laços muito fortes. Tínhamos um objetivo em comum, a liberdade de Portugal. Dávamos apoio uns aos outros, colaborávamos em acontecimentos. Conheci diversos amigos, dos quais continuo próxima, até hoje. Costumava dizer: foi em França que as fronteiras se desfizeram."

COMBOIO DA LIBERDADE

Foi neste clima que, mais uma vez, tudo mudaria. A 25 de Abril de 1974, a revolução invadia as ruas de Portugal. "Em Paris, ninguém sabia bem o que é se tinha passado. Quando ouvimos a notícia na rádio houve uma grande explosão de alegria." A família partiria com mais quatro casais e filhos para Portugal. "Viemos a bordo do Sud-Express, ao qual apelidei de comboio da liberdade. A passagem em Espanha foi muito complicada devido à guarda civil que queria arranjar motivo para nos prender. Mas tudo correu bem. Chegámos dia 1 de Maio – pela primeira vez antes da hora – num mar de cravos vermelhos, abraços, beijos e muitas lágrimas. Foi um sentimento inesquecível", conclui.

Regressados a Portugal, Teresa Spranger trabalhou como professora de Português e Francês, em Lisboa, e o marido acabou o curso de Medicina, exercendo a profissão até à reforma. Continuaram sempre ligados aos grupos de antes do 25 de Abril de Portugal e Paris.

A MÚSICA COMO ARMA

Uma das formas de usar a voz contra o regime foi através do canto. "Sempre que há explora-

Direitos reservados

Uma das formas de Luísa Basto usar a voz contra o regime foi através do canto. "Avante" é a sua música mais conhecida

ção do homem pelo homem, surgem diversas maneiras de a combater e uma delas é a música de intervenção" É com estas palavras fortes que Luísa Basto, intérprete, marca o período que viveu em clandestinidade.

Luísa Basto nasceu em Vale do Vargo, em 1947. A vida que recorda, durante a infância, na aldeia do Baixo Alentejo, era muito dura: "Os assalariados agrícolas eram explorados pelos grandes donos das herdades. Os trabalhadores, entre eles, os meus pais, levantavam-se praticamente ainda de noite para ir trabalhar. No verão, debaixo de um tórrido sol, era a ceifa. Era a monda e a apanha da azeitona. O que ganhavam não dava para sustentar as famílias."

O sentimento que transparecia nos agricultores em relação ao regime era o de revolta. A própria Luísa Basto tinha um grande desejo de justiça, que não era atendido. "A única forma de luta eram as greves. Então, aparecia a GNR que reprimia com violência os trabalhadores. Na década de 50, muitos trabalhadores agrícolas foram presos. Tudo isto gerava uma grande revolta contra o regime salazarista. E muitos

SERIGRAFIA DE JOSÉ GUIMARÃES

Técnica: Serigrafia s/ papel Fabriano Tiepolo
Data: 2019
Dimensão: 90 x 70 cm
Mancha: 76x57,5 cm
Tiragem: 199 exemplares
Editor: Associação 25 de Abril
Impressor: Atelier Centro Português Serigrafia, Lisboa

Por especial deferência do autor desta obra, foi possível estabelecer condições muito especiais para os Associados da A25A, sendo a relação de preços a seguinte:

> Valor de venda ao público: 1.200,00€
> Valor para Sócios da A25A: 900,00€

Nota: Para cada exemplar da serigrafia, será oferecida uma pasta para transporte/guarda

destes acontecimentos estão gravados na minha memória."

Seria na aldeia natal que Luísa Basto teria o primeiro contacto com a música. "O povo alentejano é muito musical. O meu pai cantava muito bem e, por vezes, à noite, à volta da lareira, cantava para mim e para as minhas irmãs", conta, de forma doce. Este amor à música depressa se transformaria na sua principal arma de intervenção contra regime.

O ódio ao Estado Novo não era escondido, o que atraía a atenção da PIDE. A família da cantora pertencia ao Partido Comunista Português: "Estive com os meus pais em casas clandestinas, onde imprimíamos a imprensa clandestina do PCP. Isto na década de 60."

O facto de se ter visto forçada a sair do país não foi uma surpresa. Encontrava-se numa casa clandestina do PCP, quando tudo aconteceu. O destino veio como uma decisão fácil. Foi para a Rússia. "Foi o único país que, na altura, acolheu e deu educação a muitos filhos de clandestinos e presos políticos. Aliás, não só portugueses, mas cubanos, latino-americanos, africanos, asiáticos, filhos de comunistas. Todos tiveram a oportunidade de estudar e obter um curso superior graças à solidariedade do povo russo. Foi o meu partido que me mandou para Moscovo para estudar. Foi o que se passou também com muitos jovens, filhos de clandestinos."

QUANDO AS JANELAS DO MUNDO SE ABRIRAM

Luísa Basto ingressaria na Universidade em Moscovo, onde estudaria Música e Canto. Antes de iniciar os estudos, já tinha dado os primeiros passos no mundo artístico. "Gravei um disco com canções do Fernando Lopes Graça, poemas de Manuel Alegre e de Papiniano Carlos. Essas canções foram divulgadas pela Rádio Portugal Livre e pela Rádio Voz da Liberdade." Tendo em conta o seu percurso e os riscos que correu, a cantora considera que o tema mais memorável foi "Avante". A canção acabaria por se tornar numa espécie de emblema e um hino para o PCP. Essa música, de Luís Cília, teria sido enviada à cantora através dos canais partidários.

O SENTIMENTO QUE TRANSPARECIA NOS AGRICULTORES EM RELAÇÃO AO REGIME ERA O DE REVOLTA

Dia 25 de Abril de 1974 dar-se-ia a grande revolução. O sentimento da cantora era o mesmo que inundava a grande maioria dos portugueses. "É quase impossível descrever essa sensação. Mas é como se tivessem aberto todas as janelas do mundo. Finalmente, respirávamos liberdade."

Luísa Basto continua a cantar atualmente, mas com menor frequência. Atua apenas em certas ocasiões: como na comemoração do centenário do PCP. Permanece ativa na vida política porque "é importante continuar a defender a democracia".

* Alunas da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa

LIBERDADE É SERMOS COMO UM PÁSSARO

Nesta carta intimista, o autor explica ao neto que um dia quis saber de seu avô o que era a Liberdade. E dele ouviu a explicação que sintetiza assim: "a liberdade é sermos como um pássaro". E explicou o que era ser pássaro

JORGE SALES GOLIAS*

HOJE VAMOS APRESENTAR a carta de um avô, José Manuel Barroso, jornalista, único miliciano (capitão) que integrou o Movimento dos Capitães na Guiné, que se dirige ao seu neto Henrique, de 12 anos, convocando para tal o seu avô Alfredo José Barroso, que esteve preso político na Madeira com o pai de Mário Soares, João Soares. Nesta carta intimista, o autor explica ao neto que um dia quis saber de seu avô o que era a Liberdade. E dele ouviu a explicação que sintetiza assim: "a liberdade é sermos como um pássaro. E explicou o que era ser pássaro. Voar no céu sem barreiras, cantar num galho de árvore as canções de que se gostava...". Mas o avô Alfredo partiu sem conhecer o sabor da Liberdade.

A segunda carta, é de uma neta de Abril, a Clara Cardeira Leandro, de 19 anos, lisboeta, que estuda Engenharia Informática na Faculdade de Ciências de Lisboa, neta do Fernando Cardeira e da Conceição, gente de Abril, como nós, que já escreveram textos para *O Referencial* dos 50 anos.

Nesta carta, a Clara responde directamente à carta inicial do coordenador desta Secção, com grande lucidez, admitindo as fraquezas da sua geração, explicando-as racionalmente, mas apontando também os novos objectivos de luta dos jovens que, como ela, se batem já e no futuro por um mundo melhor, e elegendo uma vez mais e sempre a necessidade de se celebrar o 25 de Abril.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

QUERIDO NETO HENRIQUE

Se te conto esta lembrança de quando eu era neto, é porque os avós sabem muitas histórias, porque já viveram muito e viram muitas coisas e nós, mais tarde, as lembramos com ternura e admiração

JOSÉ MANUEL BARROSO*

UM DIA PERGUNTEI ao meu avô paterno o que era a liberdade. Este meu avô era militar e estivera preso algumas vezes por lutar pela liberdade. Quando lhe fiz essa pergunta eu tinha a tua idade, pouco mais de dez anos, como tu. Era verão, uma noite clara, e eu e os meus irmãos e primos íamos com ele pela estrada. Ele nos ensinando canções que sabia desde há muito - canções sobre a liberdade. Eram canções bonitas, falavam de espaços abertos, de campos vastos semeados por mãos calejadas, da beleza do luar e de pessoas que queriam ser felizes. Nós seguíamos lado a lado, na calma estrada batida pelo luar de agosto, que era vizinha à nossa casa de férias, e que usávamos como um grande palco para o nosso coro. Lembro-me que estávamos a trautear uma música de um poeta e compositor brasileiro - Catulo da Paixão Cearense, e nunca mais esqueci esse nome. E os primeiros versos começavam assim. "Ai que saudades eu tenho do luar da minha terra...".

Se te conto esta lembrança de quando eu era neto, é porque os avós sabem muitas histórias, porque já viveram muito e viram muitas coisas e nós, mais tarde, as lembramos com ternura e admiração. Então, quando eu lhe perguntei o que era, ao certo, a liberdade, o meu avô parou de cantar, pediu-nos que nos sentássemos em volta dele na borda da estrada, e falou assim tão bonito: "a liberdade é sermos como um pássaro". E explicou o que era ser pássaro. Voar no céu sem barreiras, cantar num galho de árvore as canções de que se gostava, como aquela do Catulo, sem que ninguém nos impedisse de voar ou de cantar. Então, pediu que juntássemos as nossas mãos nas mãos dele e disse: "quando eu estava preso e sentia a saudade dos meus filhos, os vossos pais, eu olhava a lua e o céu através das grades da prisão

Direitos reservados

José Manuel Barroso com o neto Henrique

e cantava baixinho, como quando os adormecia, a canção que vos ensinei hoje, 'ai que saudades eu tenho do luar da minha terra', E isso me dava forças e ânimo".

Porque tu estavas preso, avô? que fizeste de mal? - perguntou um de nós. "Sabem, nós tínhamos e temos um governo que não nos deixa voar livremente, que quer que pensemos só o que ele quer e que coloca entre grades quem reclama pela liberdade de pensar e de criar, cada um ter direito a um diferente pensamento". Nós queríamos ser pássaros livres sempre, e achámos que o avô tinha razão e ficámos orgulhosos dele, por lutar para que toda a gente tivesse a possibilidade de ser pássaro livre. E de ir à escola, e de não ter fome.

Meu avô, infelizmente, morreu sem ter saboreado o resultado vitorioso dessa luta. Mas, desde esse tempo de canções pela estrada e de leitura de livros que meu avô me oferecera (*Os capitães da areia*, de Jorge Amado, foi o que me ensinou melhor a rebeldia), eu aprendi que lutar pela justiça, pela dignidade das pessoas, pela liberdade e por melhor vida para todos era uma semente que fora plantada em mim pelo meu avô.

Mais tarde, na universidade e depois no serviço militar, tomei consciência mais viva da injustiça da sociedade em que vivíamos, da injustiça da guerra e do direito que todos tínhamos a ambicionar ser pássaros. Outros companheiros jovens, que fui conhecendo, pensavam o mesmo e também tinham uma mesma semente dentro de si. Plantada por seus avós e por seus pais, plantada pelo que de injusto iam observando em volta, entendendo o olhar dos que sofriam de pobreza e de desigualdade e pelo que ansiavam de liberdade. E, com a certeza de que tínhamos por missão mudar as coisas, abrir o caminho para construir um mundo mais justo - todos juntos continuámos a luta de nossos avós e conseguimos vencer. E, agora, a transmitimos a vocês esse testemunho, essa semente da liberdade, para que a guardem nos vossos corações e a deixem continuar a ser planta e a ser flor. Para que possam continuar a ser pássaros livres e a voar de encontro ao sol e à lua e às estrelas da liberdade.

Teu avô José.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

RESPOSTA A UMA CARTA AOS NETOS

Direitos reservados

No caso da luta pelos direitos das mulheres, a maioria das empresas que dão condições iguais para mulheres e homens não o fazem por ser a ação correta, mas sim para terem uma boa imagem pública

"No que toca à questão dos valores, eu gosto de pensar que a maioria de nós se rege por ideais corretos. A nossa geração aparenta ser a mais tolerante para com os grupos minoritários." Resposta a carta de Jorge Golias

CLARA CARDEIRA LEANDRO*

PENSEI BASTANTE SOBRE as ideias lançadas por Jorge Golias na sua carta. Quero contribuir lançando algumas das minhas próprias reflexões. Começando por concordar com o estereótipo lançado na sua carta de que os jovens de hoje leem pouco ou nada. Apesar de ser uma generalização, esta não deixa de ser uma crítica correta. E, infelizmente, não posso prever que isso mudará. Não existe a consciência do conhecimento sobre a Humanidade que se pode

retirar da leitura dos clássicos, ou mesmo de alguns autores contemporâneos. Assim, a única motivação para conhecer estas obras é a sua obrigatoriedade escolar.

Com o crescimento das redes sociais e da internet, quando surge a necessidade de ler os clássicos, é mais fácil para a nossa geração pesquisar um resumo no Google, do que ler uma obra que não nos apela. Mais recentemente, com ferramentas como o chatGPT, a necessidade de saber escrever bem começa a ser ainda mais insignificante para a maioria dos jovens. E com a área das ciências, a responsável pela criação deste tipo de ferramentas, dominada maioritariamente por pessoas que desvalorizam as áreas humanística e das ciências sociais, este problema só irá piorar, num ciclo vicioso que já verificamos.

A sociedade onde vivemos desvaloriza a área de humanidades. Somos encorajados pelos nossos pais a ir para ciências porque essa é a área que dá dinheiro. Ouvimos pessoas a referirem-se a humanidades como a opção de segunda, para onde vão as pessoas que não são boas a matemática. Não é então surpresa que a maioria dos jovens não demonstre interesse em expandir a sua cultura geral e em refletir sobre a sociedade. Toda esta separação radical por áreas é errada e, de certo modo, perigosa. É preciso mostrar como as várias "áreas" estão intimamente interligadas. É necessário rever a maneira como as disciplinas de humanidades são lecionadas no secundário de forma a despertar o interesse dos alunos de todas as áreas. Assim teremos, possivelmente, mais jovens adultos interessados nestes temas.

No que toca à questão dos valores, eu gosto de pensar que a maioria de nós se rege por ideais corretos. A nossa geração aparenta ser a mais tolerante para com os grupos minoritários. Até mesmo a maioria das pessoas que levou uma educação conservadora, por parte de famílias onde existem posições xenófobas, racistas ou homofóbicas, eventualmente acaba por mudar o seu ponto de vista, quando exposta a culturas e estilos de vida diferentes. Tenho observado pessoalmente estas mudanças de atitude no meu círculo de conhecimentos.

O 25 de Abril garantiu a liberdade dos portugueses, a liberdade de que desfrutamos hoje. É importante a nossa geração usá-la para continuar a luta começada pelos nossos avós. Ainda há muito para fazer. Um dos grandes dilemas da nossa geração é descobrir como o fazer. Não concordo que as nossas lutas se tornem violentas, ou de natureza arruaceira. Estamos perante forças que, quase literalmente, controlam o mundo inteiro. Falo dos grandes poderes económicos e dos países com maior poder político e militar. Acho que recorrendo a táticas violentas, não estamos a demonstrar força (visto que estas entidades são tão poderosas que o nosso protesto lhes é insignificante), estamos apenas a dar oportunidade de sermos encarados como imaturos. Para além de que, se somos contra regimes que impõem ideias à força, parece-me hipócrita fazermos o mesmo, ainda que as nossas ideias sejam, na nossa perspetiva, corretas. Argumentando para o lado oposto, também é extremamente desmoralizante lutar por uma causa, conseguindo apenas que (no caso das al-

Clara Cardeira Leandro responde a carta de Jorge Golias

terações climáticas) governos ou empresas prometam objetivos que não tencionam cumprir, apenas para nos apaziguar. Pelo que compreendo de onde vem o desejo de recorrer à violência. Em Portugal, antes do 25 de Abril, abolir o regime de ditadura era o principal objetivo dos revolucionários. Atualmente, a falta de um objetivo tão fundamental deixa lugar para que se criem divergências nos pontos de vista dos elementos de um mesmo movimento, contribuindo para uma diminuição do seu impacto. Nem todos os membros do mesmo grupo têm objetivos iguais. Revisitando o exemplo das alterações climáticas, há cada vez mais jovens a defenderem este movimento, no entanto, a maioria deles recusa-se a abdicar do estilo de vida materialista que a sociedade contemporânea vive. Um outro exemplo é o do impacto negativo das opiniões extremistas na luta contra a desigualdade de género, mencionada por Golias na sua carta.

O último ponto de vista que irei explorar é o da ciclicidade e inevitabilidade dos problemas que enfrentamos. No caso da luta climática, substituímos carros de combustão por carros elétricos. No entanto, a energia usada para carregar as baterias é maioritariamente proveniente de combustíveis fósseis. Além disto, as próprias baterias demoram anos a degradarem-se, causando impactos negativos para o ambiente. No caso da luta pelos direitos das mulheres, a maioria das empresas que dão condições iguais para mulheres e homens não o fazem por ser a ação correta, mas sim para terem uma boa imagem pública. É quase como se não houvesse soluções a 100%.

Face a uma sociedade que sofre de problemas complexos, a maioria dos quais não pode ser confrontado por meio da força física, bem como a aparente falta de resultados que temos tido, algumas pessoas preferem escolher não lutar de todo, ou sequer pensar nestas questões. Este é mais um motivo pelo qual é importante celebrar o 25 de Abril. Para relembrar, não só que é preciso continuar a lutar, mas também que não é em vão. É importante também este tipo de transmissão de conhecimento entre gerações, bem como a aprendizagem com eventos passados, não só relativamente à revolução, mas para todos os temas estruturantes.

* Estudante de Engenharia

TENENTE-GENERAL MANUEL RIBEIRO FRANCO CHARAIS

No início de 1974 aproximou-se do Movimento dos Capitães e colaborou na redacção do programa político do Movimento das Forças Armadas

RODRIGO DE SOUSA E CASTRO*

APRESENTAMOS NESTE NÚMERO d'*O Referencial* a personagem multifacetada do militar de Abril Franco Charais.

Nascido no Porto, durante a sua longa carreira militar desempenhou funções em múltiplos lugares, incluindo Angola, Moçambique, Açores e Madeira.

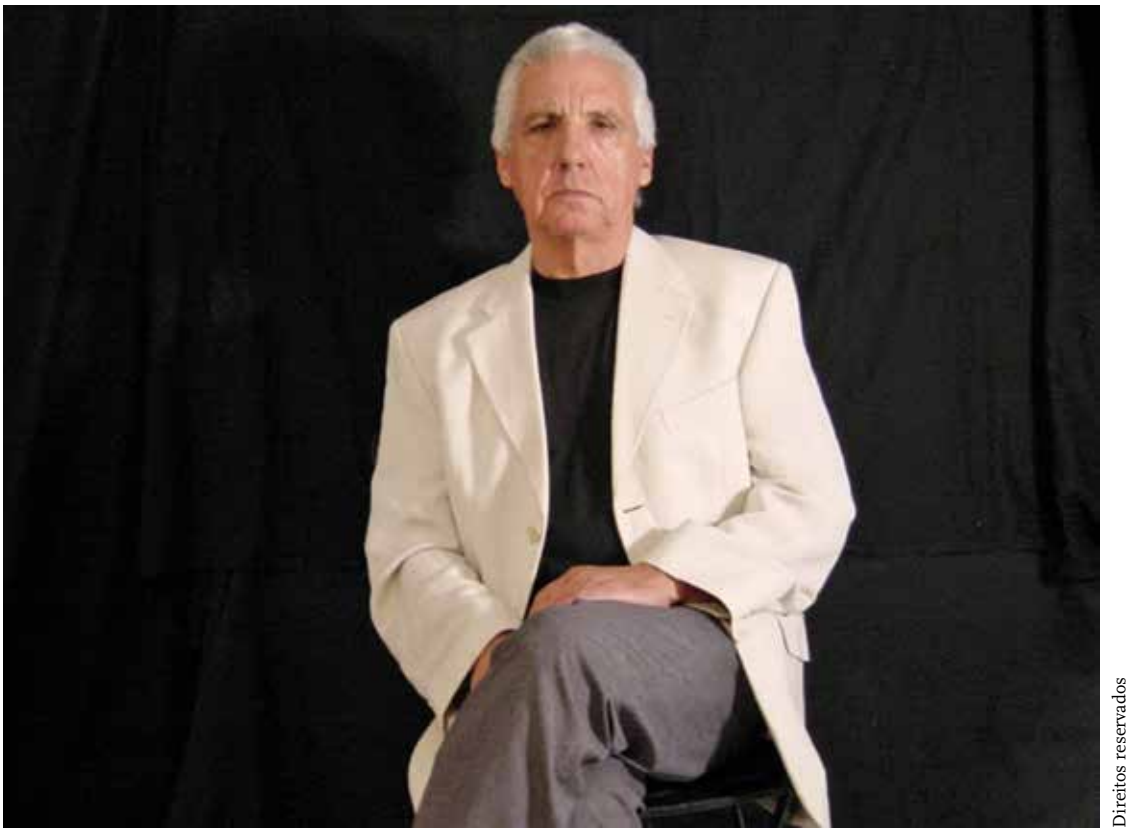
No início de 1974 aproximou-se do Movimento dos Capitães e colaborou na redacção do programa político do Movimento das Forças Armadas. No final do dia 25 de Abril, em especial durante as negociações com o general Spínola na Pontinha, teve relevo a sua posição, impondo, com apoio de outros militares de Abril, a apresentação pública do Programa do MFA.

Integrou a Comissão Coordenadora do MFA após o 25 de Abril de 1974, assim como o Conselho de Estado e fez parte do Conselho da Revolução durante o periodo da sua vigência, entre 1975 e 1982.

Em Maio de 1975 foi graduado em brigadeiro para exercer o comando da Região Militar do Centro. No Verão Quente de 1975 foi um dos signatários do documento dos Nove e na qualidade de comandante da Região Militar do Centro um dos esteios operacionais do grupo militar que apoiava os Nove, contribuindo de forma decisiva para a reposição da normalidade democrática a 25 de Novembro de 1975.

É condecorado com a Ordem da Liberdade.

* Capitão de Abril, sócio da A25A



Direitos reservados

FRANCO CHARAIS: MILITAR, DEMOCRATA E PATRIOTA

Foram as duas comissões de serviço em África (Moçambique e Angola) que o levaram a concluir ser falsa, errada e perigosa a política ultramarina do Governo (Salazar e Caetano)

LUÍSA AMARAL*

FALAR (ESCREVER) sobre o general Franco Charais constitui, para mim, mulher de matriz democrata-cristã e que se formou bem longe dos ambientes militares, um verdadeiro desafio.

O meu contacto profissional, com ele próprio e com outros dos seus camaradas que desempenharam funções relevantes na transição de Portugal para a democracia, permitiu-me "entender" bastantes coisas que pareceram "estranhas/bizarras" a muitos dos intervenientes políticos civis dessa transição.

E, de entre os mais "misteriosos" personagens militares, o então tenente-coronel Franco Charais, era, sem dúvida, um expoente. Lembro-me, por exemplo, de se dizer que ele era "muito próximo do PC"; e, também, que ele era dos mais "moderados" e, mesmo, "conservador". Quando fui ler o seu livro Biografia de Um Militar, à procura dos fatores que mais poderão ter contribuído para a formação da sua personalidade, na infância, na adolescência e já como jovem oficial, fui lá encontrar uma sua referência a este facto. Escreveu: "às segundas, quartas e sextas acusavam-me de ser comunista; e às terças, quintas e sábados de ser reaccionário".

Nos limites físicos deste texto, não poderei fazer a "psicanálise evolutiva" do nosso herói. Mas, sinteticamente, deu para o considerar um Herói, como tantos portugueses que passaram infâncias e adolescências difíceis, material e/ou afetivamente, mas que puxaram das suas energias vitais e adquiriram qualidades de autossuperação permanente, que não se deixaram ficar "enrolados" nessas dificuldades e souberam, a pulso, com infinita perseverança e inspirados em "algo mais", religioso ou cívico-patriótico, construir-se a si próprios como Sujeitos da construção de uma Sociedade, de uma Pátria, bem como atores da construção das suas Instituições.

Essa luta de infância fez dele uma "máquina de superar obstáculos" e de encarar de frente os mais acutilantes desafios. Fez dele o oficial do Exército competente e dinâmico que a Pátria exigia e cujas qualidades o levaram a ser chamado para o serviço de Estado-Maior e, logo depois, apesar de se considerar um "analfabeto político", como um membro relevante (mas não televisivo) do processo revolucionário.

Da Biografia de Um Militar ressalta a lenta e parcial tomada de consciência política de Franco Charais até ao início da Revolução.

Foram as suas duas comissões de serviço em África (Moçambique e Angola) que o levaram a concluir ser falsa, errada e perigosa a políti-

Direitos reservados

Franco Charais na Associação 25 de Abril na apresentação do livro de que é autor: Biografia de um militar

ca ultramarina do Governo (Salazar e Caetano); falsa porque, de facto, quase nada se fazia para respeitar a humanidade dos indígenas e impedir os excessos das empresas e colonos brancos; errada porque a guerra não era solução na medida em que esgotava as energias "de lá e de cá", incluindo a progressiva degradação familiar dos militares do quadro permanente; perigosa, pois conduzia a situações de grande vulnerabilidade militar, pela "falência" do Estado em manter o esforço de armamento e municionamento das tropas, podendo acabar em verdadeiros desastres, como seria evidente na Guiné.

Para me ajudar a entender melhor a personalidade e a atuação concreta de Franco Charais no decurso da Revolução, especialmente da sua fase mais discutida, conversei um pouco com o então tenente Miguel Judas, da Armada, que o então presidente Costa Gomes considerava "muito puxado à esquerda". De forma resumida disse-me que "todos eles eram muito jovens, generosos e limpos de alma quanto a interesses próprios". Que "o Charais, para além dessas qualidades próprias dos jovens, tinha, pela sua idade, formação e experiência, mais maturidade e prudência, sendo mesmo, em muitos aspetos, naturalmente conservador". Que, "numa grosseira referência partidária, se identificava mais com o PPD, defensor da iniciativa privada, apesar de reconhecer as debilidades endémicas do nosso empresariado"; que

"nada sairia da Comissão Coordenadora se não tivesse a convicta concordância do Charais"; "por isso, ele era a "chave" para qualquer decisão". No 28 de Setembro, "ele tomou o comando da Coordenadora e ficou feliz com a saída de Spínola, que sempre rejeitara a referência à democracia política no Programa do MFA, que não queria as eleições para a Constituinte e defendia uma política ultramarina que conduziria à manutenção da guerra". "Foi ele que, em nome do MFA, encomendou a Melo Antunes, em Outubro de 74, a elaboração de um plano para evitar e decomposição económica prometida por Spínola aquando da sua saída, e que, em Dezembro/Janeiro de 1975, encabeçou a pressão sobre o mesmo Melo Antunes para concluir essa tarefa, cada vez mais urgente". "Foi ele que, reconhecendo a debilidade estrutural do MFA, considerou imprescindível manter, na mesma época, por razões pragmáticas, a unidade do movimento sindical; e, para isso, convenceu todo o Conselho dos 20 (Junta, Coordenadora e Ministros Militares)". "Foi ele quem apoiou, dada a conjuntura de decomposição económica e financeira, a nacionalização da banca e setores básicos. Do mesmo modo, apoiou a Reforma Agrária, como forma de assegurar que as searas não fossem queimadas, como alguns pretendiam, e que haveria sementes para as sementeiras de Outono". Que "todas essas medidas apoiadas conscientemente por Franco Charais foram medidas defensivas para assegurar o futuro democrático de Portugal e não medidas de avanço em direção a qualquer coisa que não fosse o interesse de Portugal". Aliás, "foi esse interesse de Portugal que o Charais prosseguiu, uns anos mais tarde, quando promoveu e dirigiu um esforço de "re-ligação" e cooperação técnica e de gestão empresarial com as nossas ex-colónias, quando, no plano oficial, nada se fazia nesse sentido". Finalmente, que "o então tenente-coronel Charais sempre foi: 1.º, um Militar; 2.º, um Democrata e Patriota; nunca tendo saído desse seu perfil característico. Foi, por tudo isso, uma das principais charneiras da Revolução".

Eu, Luísa Amaral, na altura era jovem e, do "tenente-coronel-capitão" Charais, lembro-me da sua figura sempre muito séria e compenetrada, distante do contacto com as pessoas comuns. Só há poucos anos tomei consciência da diferença de idades entre ele e alguns dos seus camaradas da Coordenadora e do CR, chegando a medir-se por 16 anos!

Conheci muito mais de perto o general Franco Charais em tempos posteriores. Afinal, uma pessoa bem diferente das minhas primeiras imagens: afetuoso, atento aos outros com sentido de humor, ágil e criativo de pensamento, atualizado, sempre derrubando barreiras, como o comprova a sua brilhante carreira de artista-pintor. Ao mesmo tempo, um batalhador sem esmorecimentos, na escrita dos seus livros, de memórias e de consolidação historiográfica da Revolução de Abril. Em suma, sempre o mesmo Militar, Democrata e Patriota que, nos seus 92 anos, a todos nos indica O Caminho para a realização pessoal e cívica.

* Jornalista

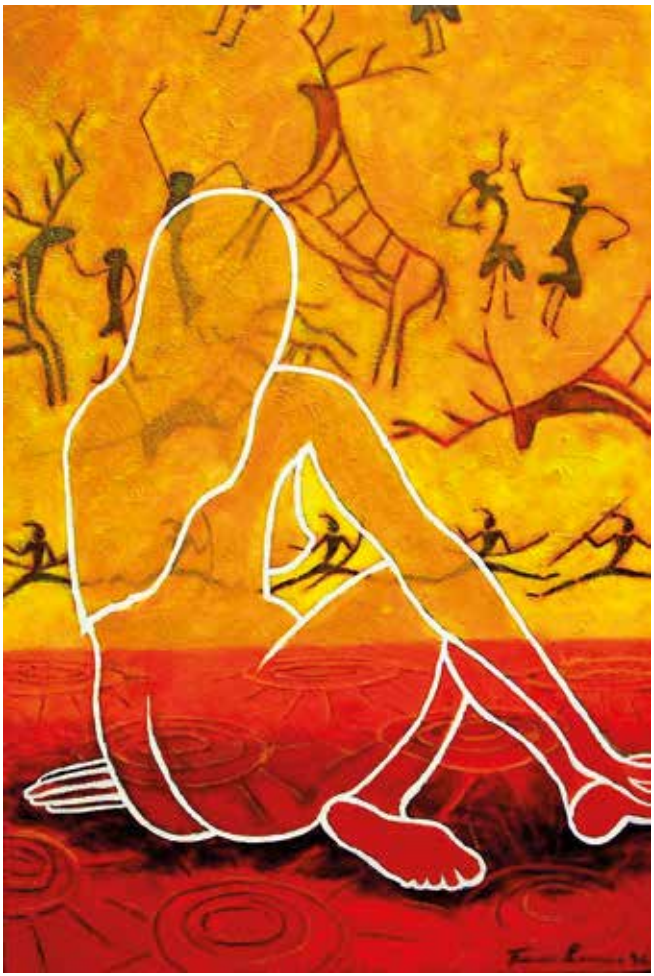
O GENERAL **QUE É PINTOR**

Falar do militar de Abril como pintor, tendo sido eu sua professora, e sendo sua esposa, é inevitável falar um pouco da nossa história em comum!

STELA BARRETO*

JÁ PERCEBI HÁ ALGUNS ANOS que a vida que temos para viver é em grande parte fruto de um conjunto de acasos sucessivos que nós vamos aos poucos orientando e procurando encontrar as melhores respostas e soluções! Por vezes a vida coloca-nos em situações bastante difíceis e delicadas para as quais nós nunca teríamos imaginado lá estar! Assim foi a minha história como professora de Artes de Franco Charais, há cerca de 30 anos!

Nessa altura, em Portimão onde vivia e ainda vivo, eu tinha já há alguns anos um projeto de Ensino de Desenho e Pintura Artísticos aberto à comunidade, que mais tarde se transformou na Iniciarte - Associação de Artes Plásticas, que ainda hoje existe, paralelo à minha profissão como professora do ensino secundário. Procurei oferecer à cidade onde nasci um pouco do meu conhecimento e experiência no campo do Desenho e Pintura onde visava um ensino mais académico, procurando dar aos meus alunos as técnicas e as ferramentas para melhorarem os seus conhecimentos e aptidões. Portimão era uma cidade num extremo do país onde estas atividades artísticas eram inexistentes. Estou a falar de 1993, 19 anos depois da Revolução de Abril, altura em que as cidades de província começavam a quererem desenvolver-se culturalmente, por oferecer locais de ensino de música, dança, canto, desporto e artes plásticas, que também estavam apenas localizadas nos grandes centros como Lisboa e Porto. Portimão era ainda na altura um verdadeiro deserto cultural! A cultura estava situada nos grandes centros e para todos os que aqui viviam, tudo era distante! Face a essa lacuna, com cerca de 34/35 anos, abri um espaço pioneiro de ensino artístico. Preparei muitos para ingresso nas Belas Artes, para concursos, e muitos outros para a pintura como amadores e profissionais, dei formação de desenho anatómico para alunos de escultura, preparei alunos para ingresso em escolas nos Estados Unidos e no Reino Unido. Comecei cerca de sete anos antes de conhecer o Franco, a oferecer à comunidade, num local cedido pela Câmara Municipal de Portimão, com poucas condições mas que fui adaptando e preparando para um ensino que fornecia conhecimentos essencialmente académicos e clássicos. Foi um grande desafio para mim



Direitos reservados

oferecer um espaço destes para uma cidade fechada e um pouco crítica na altura. Lembro que a internet não existia e tudo dependia da existência de professores e livros.

Na altura eu era além de professora e pintora artística, mãe divorciada com uma jovem filha de 13 anos a quem procurei sempre proporcionar a maior oferta possível de ensino quer académico, quer artístico. A minha filha era estudante de dança clássica havia nove anos, estudante de música e minha aluna de Desenho e Pintura.

Tendo a intenção de lhe abrir os horizontes culturais, procurei oferecer-lhe uma viagem à

Itália, que seria para mim o país mais interessante para lhe mostrar na altura. Procurei uma viagem de grupo, com um plano organizado, onde as duas nos pudéssemos integrar facilmente! E é aí que começa a minha história com o Franco Charais e a pintura!

Estávamos na Páscoa de 1993 e as duas seguimos para Lisboa para iniciar uma viagem de autocarro com um grupo de pessoas que desconhecíamos. Ao entrar no grupo, um dos viajantes era o militar de Abril Franco Charais, que na altura era ainda bem conhecido pelo público em geral e por mim certamente também. Conhecia-o da televisão e dos jornais e foi com muito agrado que o vi pessoalmente. A seu lado estava a primeira esposa que o acompanhava. É claro que a primeira parte da viagem não nos comunicámos mas a pouco e pouco fomo-nos aproximando. Ele mesmo nos convidou para conversar e acompanhar nas visitas onde parávamos.

Foram nesses diálogos que eu falei do meu trabalho como pintora e do meu projeto de ensino de Desenho e Pintura em Portimão, com o meu entusiasmo falei do que ensinava, dos sucessos que já tinha tido com os alunos de todas as idades que me surgiam, das técnicas que utilizava, dos métodos de ensino que aplicava, de toda a minha experiência que já tinha nessa área.

É aí que o Franco se manifestou dizendo que também já tinha pintado, tinha em casa alguns trabalhos a óleo, e se mostrou muito interessado em adquirir mais conhecimentos pois estava numa fase da sua vida em que poderia dispor de mais tempo para se dedicar à pintura.

A viagem decorreu muito bem e pouco mais eu poderia imaginar do que estaria para acontecer!

Passados alguns meses, no dia 5 de Outubro, foram convidados Franco Charais e mais dois palestrantes, pela Câmara Municipal de Portimão. Como recebi o convite fiz questão em estar presente! Em dia de chuva miúda e muita humidade, a sala da assembleia do município estava composta e interessada! Franco Charais recebeu-me efusivo, e voltou a citar o desejo de frequentar as minhas aulas!

Como eu teria que ir a Lisboa em breve entregar uns quadros meus para uma exposição coletiva na Sociedade Nacional de Belas Artes, o Franco ofereceu-se para me acompanhar e pediu-me para ir ver os seus trabalhos de pintura a óleo que ele teria feito há anos atrás. Foi interessante verificar que aquele homem militar e político que eu conhecia da revolução, revelasse um grande talento para a pintura! Na altura, o seu trabalho era clássico, pintura a óleo, e que apesar do talento visível, tinha algumas lacunas ao nível do conhecimento artístico! Face à minha apreciação, ele decidiu começar a frequentar o meu espaço indo uma vez por semana ao Algarve, deixando-me bastante surpreendida até porque eu achava que Lisboa deveria ter uma oferta muito superior à minha!

Mas talvez ele tivesse em vista um pouco mais do que as aulas! Na altura eu desconhecia! No fim desse dia regressei à minha terra e ficou agendado o início de uma aprendizagem artística, com muito trabalho para realizar em casa!

Foi extremamente interessante e honrado para mim estar a ensinar um homem como ele, que tanto fizera pelo meu país e que eu, até à data da viagem à Itália, só conhecia praticamente dos jornais e televisão!
Conheci então o Franco Charais artista, um homem talentoso e dedicado, trabalhador nos exercícios que lhe apresentava e que trazia todas as semanas muito bem realizados! E assim decorreram alguns tempos até que...
Pois de repente a nossa relação passou de professora/aluno para uma relação amorosa que eu já não conseguia controlar! Foi criada então uma rutura nas nossas aulas pois para mim era insustentável manter uma situação, que eu não queria prolongar!
É aí que os imprevistos novamente acontecem! Mais uma viagem aconteceu, eu fui passar uns dias à Tailândia durante um período de férias, e deixei bem claro que não tinha condições de manter aquela situação!
Após 15 dias de aventuras e passeios por terras do oriente, regresso ao país em viagem longa e cansativa em nove horas a viajar no sentido oposto ao movimento do sol!
Só que o Franco Charais não só é muito talentoso como irreverente e inesperado! À chegada ao aeroporto, na zona da receção das malas, aparece correndo e um pouco ofegante com uma inesperada novidade! Informou-me ter-se separado da esposa e decidido vir viver para o Algarve e continuar a ser o meu aluno e... um pouco mais certamente! Em seguida foi-me pedido que decidisse se o aceitava não só como aluno de novo e como futuro companheiro de vida!

O TRABALHO DE FRANCO CHARAIS TEM UMA FORÇA EXPRESSIVA MUITO PRÓPRIA, MOSTRA O SEU LADO POÉTICO E AO MESMO TEMPO INESPERADO

Confesso que não foi fácil reagir, após nove horas de viagem, a tão veloz alteração de vida, mas eu nunca tinha visto um homem tão interessante e lutador pelo que queria! Ele queria não só abraçar um novo caminho, a pintura, assim como estava a aventurar-se a uma nova e diferente vida! Senti-o como que renascido, e naquele rosto já marcado pelo tempo e pelas marcas da vida, os olhos brilhavam como um jovem! Sem pensar muito disse ... sim!
E voltámos juntos para o Algarve com sonhos por realizar, onde ele me manifestou o desejo de continuar a estudar, pintar e expor, ou melhor, de expormos juntos!
É nesta altura que eu vi a evolução fantástica do trabalho deste homem, a pesquisa por novos caminhos, a exploração de novas técnicas, a procura...
E as obras começaram a sair, no início com influências modernistas, explorando o cubis-

mo, mas em breve ele foi encontrando o seu caminho, a sua expressão mais próxima da sua personalidade... Os artistas rupestres sempre o interessaram e influenciaram, e através dessas formas simplistas e cheias de movimento, o Franco começa a contar as suas histórias!

Ele é um contador de histórias, por vezes com muito sentido de humor, por vezes representando histórias de cariz político, por vezes memórias do seu passado, por vezes histórias mais próximas da nossa vivência a dois que, surpreendentemente para mim, estava a ficar maravilhosamente bem! Eu encontrei um homem incrível que não só foi de extrema importância para a democracia do nosso país na fase anterior da sua vida, como um companheiro único quer ao nível das Artes quer na vida pessoal!

E tudo por culpa do destino...do acaso! Ou será que estava escrito, dirão alguns?

Franco Charais durante estes anos de vida em comum, pintou imensos trabalhos de pintura, cerca de 800 quadros, pintura sobre esculturas, participou em inúmeras exposições muitas vezes a dois, eventos, partilhámos o atelier onde horas a fio preparámos as nossas exposições, descobrimos caminhos, partilhámos ideias, e a vida foi maravilhosamente artística e muito plena!

O trabalho de Franco Charais tem uma força expressiva muito própria, mostra o seu lado poético e ao mesmo tempo inesperado, relata visualmente histórias ricas em mensagens irónicas, anedóticas, políticas ou mesmo eróticas! Ele consegue construir de uma forma original planos através do uso das cores e com muita simplicidade! Ele planeia quadros, por vezes, como planeou estratégias militares ou políticas! Algumas obras talvez se os observadores estiverem desatentos, não serão logo entendidas! É preciso saber ver o trabalho e o talento deste pintor /militar /político!

A vida tem sido simpática com ele e comigo! Já partilhamos cerca de 30 anos de vida em comum, de pintura, de sonhos, de viagens e aventuras sobre as nossas autocaravanas que ele tanto adora e que nos ajudaram a visitar museus fantásticos por essa Europa fora! Com ele e com a sua "eterna juventude mental", Franco Charais é um homem jovem no sentido em que a vida para ele é vista sempre com futuro e desejo de criar! Hoje ele escreve mais, as obras são mais os livros, são legados que quer deixar da sua vida política, da sua intervenção nos tempos difíceis do Conselho de Revolução onde ele, discreto como sempre foi e é, ajudou e muito a formação da Democracia em Portugal!

Tenho muita honra em tê-lo conhecido e ser sua professora de artes, mas ele foi para mim um professor da vida, o único homem que me ama e amou na totalidade e que quis partilhar comigo não só a vida assim como o sonho comum da Arte de pintar!

Franco Charais é o meu General Pintor e o meu grande amor!

Vida longa para ele!

* Pintora e professora

CERIMÓNIA DE IMPOSIÇÃO DE CONDECORAÇÕES A MILITARES DE ABRIL

Miguel Figueiredo lopes, Presidência da República

O Presidente da República condecorou, a 16 de Maio, em cerimónia no antigo Picadeiro Real do Palácio de Belém, com a Ordem da Liberdade, Grau de Grande-Oficial, os seguintes militares com participação direta no 25 de abril de 1974:

Tenente-General Vasco dos Santos Gonçalves, a título póstumo. Recebeu as insígnias Vasco Gonçalves Laranjeira, neto do Homenageado;
Capitão-de-Mar-e-Guerra Luís Pessoa Brandão, a título póstumo. Recebeu as insígnias Luís Manuel Pessoa Brandão, irmão do Homenageado;
Coronel Ângelo Mendes da Silva e Sousa, recebeu as insígnias Élia Silva e Sousa, mulher do Homenageado;
Coronel António Manuel Isidoro Matos Borges, a título póstumo. Recebeu as insígnias Nuno Filipe Barros Matos Borges, filho do Homenageado;
Coronel Carlos Leal Branco;
Coronel Eurico de Deus Corvacho, a título póstumo. Recebeu as insígnias Eduardo de Melo Corvacho, filho do Homenageado;
Coronel Francisco António Ricardo Dias da Silva Rebelo Gonçalves, a título póstumo. Recebeu as insígnias Raul Luz Xavier Rebelo Gonçalves, filho do Homenageado;
Coronel José Albano Veloso Coelho, a título póstumo. Recebeu as insígnias Maria Teresa Ferreira da Cunha Gonçalves, viúva do Homenageado;
Coronel José Nuno da Câmara Santa Clara Gomes;
Coronel Luís Lopes Francisco;
Coronel Luís Vicente Martins de Melo Cabral;
Coronel Manuel Augusto Quiñones de Magalhães;
Coronel Manuel Carlos de Almeida Guerra Cerdeira, a título póstumo. Recebeu as insígnias Maria Manuel Cerdeira, filha do Homenageado;
Coronel Manuel João Ferreira de Sousa, recebeu as insígnias Maria João Ferreira de Sousa, filha do Homenageado;
Coronel Mário Alfredo Brandão Rodrigues dos Santos, a título póstumo. Recebeu as insígnias Maria Adelaide Galhardo Brandão Rodrigues dos Santos, filha do Homenageado;
Coronel Nuno Alexandre Lousada, a título póstumo. Recebeu as insígnias Maria Alexandre Lopes Campanhã Lousada, filha do Homenageado;
Coronel Vítor da Silva Carvalho;
Coronel Vítor Manuel Martins Jorge, a título póstumo. Recebeu as insígnias Patrícia Sousa Martins Jorge, filha do Homenageado;
Tenente-Coronel Rui Edgar Babo de Castro, a título póstumo. Recebeu as insígnias Sónia Cristina Chinita Babo de Castro, filha do Homenageado;
Major Luís da Piedade Faria, a título póstumo. Recebeu as insígnias Sandra Faria, filha do Homenageado;
Major Pedro Manuel Lopes de Sales Grade. Recebeu as insígnias Irina Sales Grade, sobrinha do Homenageado.

JOSÉ PINHO (1953-2023)

O HOMEM **DOS LIVROS**

Faleceu, no dia 30 de Maio, aos 69 anos, o nosso sócio José Duarte de Almeida Pinho, devido a doença prolongada. Um civil de Abril

DULCE AFONSO*

JOSÉ PINHO NASCEU em 1953 numa aldeia do concelho de São Pedro do Sul, no distrito de Viseu. Aos 19 anos exilou-se em França por se opor ao fascismo e à guerra colonial, e veio a formar-se, depois do 25 Abril 1974, já de regresso a Portugal, em Línguas e Literaturas Modernas.

José Pinho foi editor, livreiro, disseminador de livrarias e criador de festivais literários, apaixonado pelos livros e pela leitura. Mas foi, acima de tudo, um exemplo de um Civil de Abril, um homem que dedicou a vida a promover a cultura ao alcance de todos, a liberdade e a criatividade, acreditando que a democracia e a igualdade só se constroem numa sociedade solidária e visionária.

Nos anos 1990, foi editor da revista literária de análise e crítica social *Devagar*. Ao longo do tempo, editou mais de 20 livros e fundou outros projetos temporários, ligados à atividade cultural, como a *Nouvelle Librairie Française*, em Lisboa, a *Ler Devagar Cinema*, na Cinemateca Portuguesa, e a *Ler Devagar Artes,* na Culturgest. Em 2017, assumiu a reabilitação da histórica livraria Ferin (em funcionamento desde 1840), na Rua Nova do Almada, em Lisboa.

Foi fundador da livraria Ler Devagar, atualmente localizada na LX Factory, em Lisboa, e que se distingue, ainda hoje, por ter nascido como uma livraria de fundos editoriais, numa época em que não havia lugar nas livrarias para os fundos que as editoras acumulavam nos armazéns.

Fundou os festivais literários Folio e Latitudes, em Óbidos – vila onde, em 2014, abriu 11 livrarias em lugares abandonados, criando o projeto de uma «vila literária» que, no ano seguinte, levou à classificação de Óbidos como Cidade Criativa da Literatura em Portugal, pela UNESCO.

Criou também o Lisboa 5L – Festival da Língua, Literatura, Livros, Livrarias e Leitura, que contou com a participação da A25A em duas das suas edições, de 2021 e de 2022. Foi nesta última que José Pinho recebeu, das mãos de Vasco Lourenço, a medalha comemorativa da A25A, como reconhecimento pelo seu papel de divulgador cultural.

José Pinho esteve também envolvido na criação da Rede de Livrarias Independentes (RELI), que, durante os anos da pandemia, lutou contra o fecho das livrarias e propôs medidas que as ajudassem a sobreviver ao confinamento.

O seu último projecto, o CCBA, Centro Cultural e Social do Bairro Alto, regressou ao bairro onde tudo começou para dar outro passo em direcção ao futuro, com um espaço onde irão conviver livrarias, galerias de arte, salas de concertos e de artes performativas e estúdios de cinema e de gravação de audiobooks e podcasts.

Pela sua inesgotável energia e imaginação ao serviço da cultura para todos, foi agraciado com a medalha de mérito cultural das Câmaras Municipais de Óbidos (2019) e de Lisboa (2023), e ainda, pelas mãos do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, com o grau de comendador da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. Em 23 de Junho último, viu aprovado por unanimidade, na Assembleia da República, um voto de pesar pelo seu desaparecimento, como homenagem à sua «defesa ousada e inovadora do livro, da leitura e da cultura».

Fica a saudade e a obra que nos deixou, como exemplo de uma intervenção cívica feita com altruísmo e alegria, que terá continuidade pelas mãos de todos aqueles a quem tocou.

* Membro da Direcção da A25A

REGISTÁMOS O FALECIMENTO DOS SEGUINTES ASSOCIADOS:

Sócios Fundadores
Mário José Vargas Cardoso
Eugénio Alexandre Rita Chaveiro
Carlos José de Campos Andrada
Adelino de Matos Coelho
Vicente Furtado Dias
Florentino Armando Conceição Antunes

Sócios Efectivos
Maria Natércia Rosa Vilaça
José Luís L da Silva Louro
Herminio Aurélio Ribeiro Nogueira
Ramiro da Costa Lopes
José Duarte de Almeida Pinho
Lucien Vangoitsenhoven

MATOS COELHO (1946-2023)

IN MEMORIAM MEMORIAE[1]

Adelino Matos Coelho foi um militar distinto, corajoso, como o demonstrou em Março de 1974, nas Caldas da Rainha, legítimo herdeiro daqueles militares que tudo arriscaram, nas revoltas contra a Ditadura e o Estado Novo, em prol da Liberdade

ANTÓNIO VENTURA*

A VIDA É FEITA de encontros e desencontros. Conheci Adelino Matos Coelho no início dos anos oitenta do século passado, quando ambos pertencíamos à Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos e participávamos nos congressos e outras iniciativas por ela organizadas. Recordo o seu interesse pelos monumentos militares do Baixo Alentejo, em especial pelo castelo de Noudar que foi, aliás, tema para um livro que publicou em 1999. Depois, perdemos o contacto. Reencontrámo-nos anos mais tarde, durante um dos colóquios sobre História Militar, no Palácio da Independência. Ele era então Director da Direcção de História e Cultura Militar do Exército, cargo que desempenhou entre 2007 e 2011; eu dirigia o Centro de História da Universidade de Lisboa. Juntámos o útil ao agradável, iniciando uma colaboração entre as duas instituições e, a partir de então, cultivámos um convívio mais frequente, nomeadamente no âmbito dos 200 anos da Guerra Peninsular, em colóquios e nos livros publicados pelo Exército para assinalar a efeméride. Ingressou mais tarde como Investigador Colaborador do Centro de História da Universidade de Lisboa, instituição que tem privilegiado a História Militar e uma estreita colaboração com a Academia Militar, a Escola Naval e a Academia da Força Aérea, criando mesmo uma linha de investigação em História Militar, na qual Adelino Matos Coelho se integrou, desenvolvendo alguns projectos, dos quais se destacam duas linhas de trabalho ainda em curso: uma sobre a importância dos prisioneiros de guerra e do Direito Humanitário no contexto da I Guerra Mundial, e de conflitos posteriores, e a outra sobre as campanhas militares portuguesas durante a I Guerra Mundial nos territórios de Angola e de Moçambique.

O gosto pela História consolidou a nossa relação, com assíduos contactos, na Faculdade de Letras, onde ia frequentemente tomar café, co-

1 Em memória da memória. Apropriação consciente do título do livro de David-Mourão Ferreira de 1962.

Direitos reservados

migo e com outros amigos, dos quais destaco o meu colega José Varandas, também muito interessado na História Militar. Entre animadas trocas de impressões, nem sempre coincidentes, como é salutar, boas conversas, bem-humoradas sobre os mais diversos tópicos. Tratávamo-nos por "tu", naturalmente, e pelo primeiro nome, embora por vezes, quando me ligava, eu respondesse com um "Sim meu general!". E riamo-nos, riamo-nos muito. Éramos confrades – académicos da Academia Portuguesa da História – e tive o gosto e a honra de colaborar várias vezes, a seu convite, em iniciativas da *Revista Militar* de que era sócio efectivo desde 1999. e na própria revista.

Adelino Matos Coelho foi um militar distinto, corajoso, como o demonstrou em Março de 1974, nas Caldas da Rainha, legítimo herdeiro daqueles militares que tudo arriscaram, nas revoltas contra Ditadura e o Estado Novo, em prol da Liberdade. Mais tarde, prosseguindo a carreira, serviu a Pátria e o Exército com proficiência. Já na situação de reserva, teve sempre a consciência da importância e do papel fundamental da Instituição Militar no contexto da Nação, e da forma displicente como tem sido tratada pelos sucessivos governos, movidos por interesses político-partidários, subserviências externas espúrias ou visões economicistas. Nunca deixou de manifestar a sua opinião, nomeadamente no âmbito do Grupo de Reflexão Estratégica Independente (GREI), a propósito de medidas que considerava desajustadas.

Mas, para além do que ficou dito, o Adelino era um ser humano de excelência. Era um Senhor, com a modéstia que só os Senhores podem exibir. Num mundo em que estamos rodeados de arrivistas, de canalhas e de indivíduos destituídos de carácter, Homens assim, são raros. É o convívio com eles que ameniza as agruras do nosso dia a dia.

A sua morte é uma perda enorme, que a História não deixará olvidar.

Pelo que me diz respeito, perdi um bom amigo, que vou recordar com muita saudade.

Mas fica um vazio, impossível de preencher.

Lisboa, 16 de Junho de 2023

* Professor universitário, historiador

REFERENCIAL EM SESSÃO PÚBLICA

A apresentação do número 148 da revista aconteceu a 18 de Maio na sede da Associação 25 de Abril

Pela terceira vez, *O Referencial* foi apresentado publicamente aos sócios, amigos e colaboradores da Associação 25 de Abril (A25). Aconteceu a 18 de Maio na sede da instituição, também conhecida como Casa da Liberdade.

Com o auditório cheio, as boas-vindas, como sempre, foram dadas pelo presidente da A25A, coronel Vasco Lourenço. O director da revista, coronel Aniceto Afonso, apresentou os conteúdos, rúbrica a rúbrica, tendo na frente a maior parte dos autores que gentilmente contribuíram para o enriquecimento do número 148.

Pela primeira vez foi apresentada a rúbrica *Figuras de Abril*. Coube ao coordenador dessa secção, Rodrigo Sousa e Castro, explicar os objectivos e a metodologia a que devem os colaboradores atender.

Participaram na sessão, como já tem sido habitual, vários alunos da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, acompanhados pela professora Fátima Lopes Cardoso. São aqueles estudantes que têm contribuído, com as suas reportagens e notícias, para o enriquecimento da rúbrica *Abril e os Jovens*.

No final, o coronel Aniceto Afonso deu informações sobre os conteúdos no número 149 que aqui apresentamos e que será divulgado publicamente a 6 de Setembro, no mesmo local.

LIVROS PARA @BRIL

Direitos reservados

Iniciativa partiu da Associação dos Artistas Plásticos do Concelho de Vila Franca de Xira, em colaboração com a A25A

Dois livros foram apresentados na Associação 25 de Abril a 11 de Maio, com o mesmo título, mas referentes a anos diferentes.

Livro para @bril 2020, tem a participação de 46 Autores de Portugal e Brasil e é composto por 62 páginas (exemplar único). Projecto e coordenação são de Irene Ribeiro e de Américo Silva.

Livro para @bril 2021, tem a participação de 34 Autores de Portugal, Brasil e Argentina e é composto por 47 páginas (exemplar único). Projecto e coordenação são de Irene Ribeiro, Américo Silva e Manuel Pequito.

A iniciativa partiu da Associação dos Artistas Plásticos do Concelho de Vila Franca de Xira, em colaboração com a A25A. A apresentação das obras, que no final foram doadas à A25A, contou com a colaboração do coronel Aprígio Ramalho, vice-presidente da A25A (na foto do lado esquerdo).

EXÍLIOS NO FEMININO

A25A acolheu a 29 de Abril antestreia da série documental organizada em dois episódios

Direitos reservados

O filme documental desenvolvido por Edgar Feldman, Paulo Guerra e Eduarda Manso está organizado em dois episódios, cada um com cerca de 50 minutos e reproduz as entrevistas realizadas a Amélia Resende, Beatriz Abrantes, Fernanda Marques, Helena Cabeçadas, Helena Rato, Irene Pimentel e Maria Emília Brederode dos Santos. A antestreia teve lugar na Associação 25 de Abril, a 29 de Abril, com início às 16h00.

No fim da apresentação do filme realizou-se um debate com a participação das protagonistas do livro *Exílios no Feminino*. Fazem parte da equipa Edgar Feldman e Paulo Guerra na realização, Eduarda Salaviza Manso nas entrevistas, Jorge Galvão nos grafismos e Luís Cilia na música original.

ARTE É **LIBERDADE**

Direitos reservados

A25A acolheu exposição de pintura e livros de Elise Senyarich com inauguração no dia 1 de Junho. O evento foi animado com músicas interpretadas por Francisco Fanhais e Rogério Cardoso Pires (na foto). Durante aquele mês realizaram-se no mesmo local várias palestras com intervenções de José Luís Cardoso, dia 2, Alexandra Azevedo, dia 9, e Joaquim Pinto, dia 16. A exposição esteve patente até dia 23.

OFERTAS À A25A

Livro *A Guerra Civil em Portugal (1828-1834)*, oferta Comissão Portuguesa de Historia Militar

Emblema , oferta da Comissão Portuguesa de Historia Militar

PUBLICIDADE

SERIGRAFIA DE JÚLIO POMAR

Com a serigrafia do Burro a Cantar Fado quis Júlio Pomar homenagear a gesta de Abril quando estavam cumpridos 40 anos sobre a "madrugada inteira e limpa". O quadro original do génio criador foi reproduzido numa edição de 200 exemplares devidamente numerados. As cópias ainda disponíveis podem ser adquiridas na sede da A25A.
Os interessados devem solicitar a reserva através de correio electrónico para secretaria@a25abril.pt ou pelo telefone 21 324 14 20.

A Conspiração

Direitos reservados

TESTEMUNHOS DE PARTICIPANTES E DE ESTUDIOSOS DO 25 DE ABRIL

DA GUERRA À LIBERDADE

ANICETO AFONSO*

Depois da revolução liberal e ao longo da História de Portugal, houve sempre movimentos conspirativos da força militar, com a ideia de intervenção na esfera política, por forma a alterar o rumo dos acontecimentos. Esses movimentos acentuaram-se depois da implantação da República, em 1910. Era inerente ao funcionamento da força armada ser a única entidade com a posse legítima das armas. E, embora a obediência da força armada ao poder político estivesse sempre presente nos textos constitucionais, a verdade é que muitos militares se consideravam com legitimidade de intervenção, quando a entendessem necessária. Este pensamento era partilhado por um largo número de oficiais, que sempre estava pronto a considerar esta hipótese como indispensável para a boa resolução dos problemas da sociedade. Contudo, a maior parte dessas intervenções não chegou a tomar proporções que pusessem em causa a continuidade da ação política, sendo dominadas pelas forças fiéis ao poder.

A primeira ação vitoriosa em toda a dimensão foi o movimento militar contra a República, em 28 de maio de 1926, que derrubou em definitivo o poder republicano e instaurou uma ditadura militar. Esta ditadura, transformada depois no regime do Estado Novo, iria durar 48 anos, até ser derrubada, por sua vez, por uma intervenção dos militares na política, em 25 de Abril de 1974.

Durante este longo período de ditadura, foram vários os movimentos conspirativos com a participação de militares, com o fim de conquistar o poder, instaurar um regime democrático e restabelecer a República. Mas tanto por razões da sua própria fraqueza, como da sua insuficiente organização ou mesmo da falta de apoio social, acabaram dominados com maior ou menor facilidade pelos novos poderes instituídos.

Aconteceu assim na primeira revolta republi-

António Cotrim, Lusa

O tempo da Conspiração foi um período de reflexão, de adesão ao processo libertador, de preparação para a ação.

cana ocorrida em fevereiro de 1927, em que não foi possível, como estava combinado, que as ações, no Porto e em Lisboa, fossem simultâneas e com largo apoio militar. As forças da ditadura conseguiram dominar a rebelião, primeiro, no Porto, e depois, em Lisboa. Ficaram no terreno mais de uma centena de mortos e muitos feridos, e foram expulsos e deportados algumas centenas de militares. Este fracasso ficou na memória de todos e dificilmente a força armada conseguiu recuperar das suas consequências. Só, em 1931, houve um novo movimento significativo, a chamada revolta da Madeira, aliás levado a efeito por alguns dos mesmos protagonistas. Depois destes acontecimentos, o novo regime dominou com certa facilidade todas as manifestações e revoltas, impedindo sempre os movimentos de atingirem significado marcante, quer fosse em Lisboa (1936, revolta da Armada), na Mealhada (1946), de novo em Lisboa (1959, revolta da Sé), Abrilada (1961), Beja (1962, assalto ao quartel). Depois de iniciada a guerra em Angola, as contestações militares ficaram praticamente inibidas. A passagem à luta armada dos movimentos nacionalistas das colónias portuguesas ocor-

reu tardiamente em relação à generalidade de outros territórios coloniais europeus, mas havia de assumir uma natureza completamente diferente. O Estado Novo, construído desde a década de 30 em torno da figura de Salazar, ergueu-se apoiado em alguns pilares ideológicos, de entre os quais a posse do império colonial constituía uma condição inalienável. A manutenção do império ligou-se, desde o início do conflito, à própria sobrevivência do regime. Foi um impasse fatal, que impediu, até um limite insuportável, a hipótese de negociações com os movimentos nacionalistas.

Foi a lógica deste envolvimento que levou à mobilização de expedições militares cada vez mais volumosas e que prolongou, para lá de todos os limites, a continuação da guerra nos territórios de Angola, Guiné e Moçambique.

Por razões que estão estudadas, vieram a convergir, no ano de 1973, múltiplas variáveis internas e externas que enfraqueceram o regime e que deram oportunidade aos capitães do Exército de porem em causa a continuação da guerra.

Quando se soube que o regime reagia às suas dificuldades com a organização de um Congresso dos Combatentes, de apoio ao reforço da sua política de defesa intransigente da guerra e dos meios para a fazer, muitos dos militares mais empenhados no conflito sentiram que era altura de reagir. O rastilho mostrou-se tão poderoso que já não houve descanso até ao desenlace. Foi dessas raízes que nasceu o processo da Conspiração e que se iniciou a formação do Movimento dos Capitães.

A LIBERDADE, PALAVRA QUE OS PORTUGUSES NÃO CONHECIAM HÁ MUITO TEMPO, TRANSFORMOU-SE NA RAZÃO DOS CAPITÃES E CONSTITUIU-SE COMO A CHAVE COMUM DA INTERVENÇÃO MILITAR E DO MOVIMENTO POPULAR

E se o êxito de um movimento de intervenção militar na política necessita de uma razão fundamentada e facilmente compreensível, a continuação da guerra colonial foi a motivação evidente. A pouco e pouco, os quadros médios do Exército, em especial capitães e majores, aprofundaram a sua consciência não apenas do impasse da guerra, mas também da natureza do regime. Entre o verão de 1973 e a primavera de 1974, desenvolveu-se em Portugal um processo de conspiração militar nas Forças Armadas, em especial no Exército, que se concentrou em algumas centenas de oficiais e apontou progressivamente para o fim da guerra, o derrube do regime e a ideia de construção de uma democracia. A liberdade, palavra que os portugueses não conheciam há muito tempo, transformou-se na razão dos capitães e constituiu-se como a chave comum da intervenção

militar e do movimento popular. A Revolução Portuguesa ou Revolução dos Cravos juntou os portugueses no desejo de uma sociedade livre, democrática e justa.

Aquilo por que toda uma sociedade ansiava, no fundo a sua libertação de um regime opressor e violento, foi conquistada pelos militares de Abril numa operação militar planeada com sabedoria, realizada com muita coragem e concluída com tolerância, sem derramamento de sangue. Foi uma revolução exemplar, em tudo diferente de outras tentativas anteriores.

Em conclusão, o 25 de Abril triunfou, porque, por um lado, os militares de Abril adquiriram, de forma geral e em pouco tempo, através da sua participação na guerra, uma consciência política consistente, e impuseram determinadamente (especialmente a si próprios) a apresentação ao povo português de um programa escrito, com compromissos políticos concretos (Programa do MFA), e, por outro, porque o povo aceitou, apoiou, defendeu e exigiu o cumprimento dos compromissos políticos desse programa.

Os militares do 25 de Abril agiram com generosidade, com dignidade e com coragem, porque arriscaram tudo, sabendo que arriscavam, e reconheceram, em consciência, ser necessário colocar Portugal na corrente da História.

Estes militares eram, na sua maioria, oficiais dos quadros médios do Exército (majores e capitães), com experiência da guerra colonial. Eram 17% da totalidade dos oficiais do Exército, 27% dos oficiais das armas combatentes, 40% dos postos médios dessas mesmas armas. Eram de múltiplas e pouco definidas origens regionais (mais rural que urbana) e sociais (sem evidente predomínio).

OS MILITARES DO 25 DE ABRIL AGIRAM COM GENEROSIDADE, COM DIGNIDADE E COM CORAGEM, PORQUE ARRISCARAM TUDO, SABENDO QUE ARRISCAVAM, E RECONHECERAM, EM CONSCIÊNCIA, SER NECESSÁRIO COLOCAR PORTUGAL NA CORRENTE DA HISTÓRIA

Mas o 25 de Abril triunfou, porque o seu valor essencial foi a liberdade, traduzida em liberdade individual (direitos, liberdades e garantias), liberdade coletiva (democracia, tolerância) e liberdade dos povos (descolonização).

O tempo da Conspiração foi um período de reflexão, de adesão ao processo libertador, de preparação para a ação. A operação Viragem Histórica iniciou um novo tempo para Portugal, o nosso tempo, aquele em que nos sentimos cidadãos. Aquele em que somos livres.

As reflexões que alguns militares de Abril aqui nos trazem são uma pequena parte da história de vida de uma geração generosa. A todos saudamos, com muita gratidão.

* Capitão de Abril, diretor de O Referencial

DIA INICIAL INTEIRO E LIMPO

VASCO LOURENÇO*

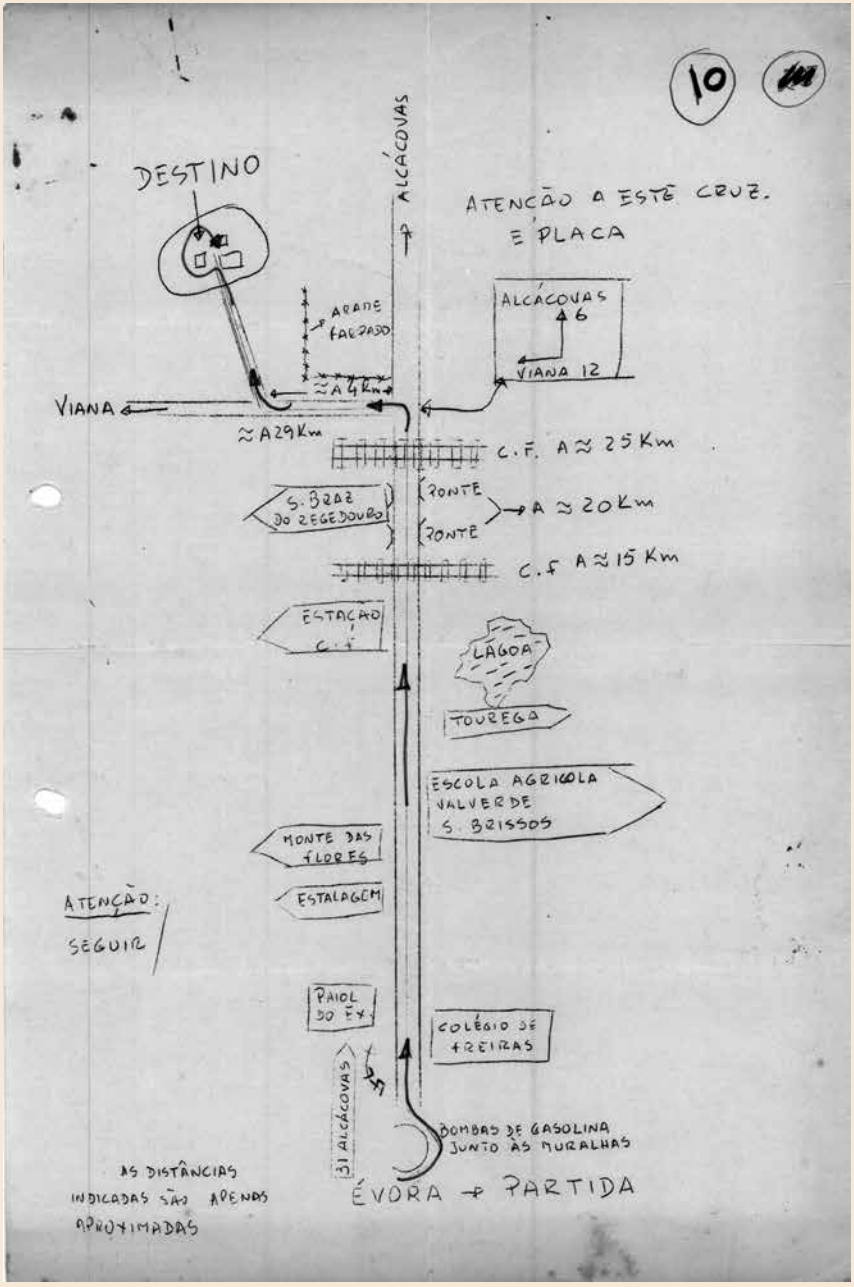
Decidiu, e bem, a Direcção d'*O Referencial* dedicar à Conspiração um dossiê especial, quando passam 50 anos sobre as movimentações que nos levaram ao "dia inicial, inteiro e limpo"!

Foi-me pedido que fizesse uma síntese dessa caminhada rápida e intensa, que criaria as condições para que a operação «Viagem Histórica» ou «Fim Regime» tivesse sucesso. Tentarei fazê-lo sem entrar em grandes pormenores, pelas limitações de espaço, mas tendo em conta a minha especial responsabilidade nesse percurso, privilegiando uma visão pessoal do que foi o meu envolvimento nessa epopeia colectiva que a todos nos honra e enche de orgulho.

Regressado da guerra colonial na Guiné, com um turbilhão de sentimentos contraditórios, emergia, de entre todos, a decisão de aproveitar a minha condição de militar para ajudar a "dar o piparote" nos ditadores, resolver a questão da guerra e colocar nas mãos dos portugueses a decisão do seu próprio destino. Posso dizer que foi a contestação ao Congresso dos Combatentes (1 a 3 de Junho de 1973) que me conduziu ao caminho para a concretização dos objectivos que fervilhavam na minha cabeça.

Viria, de seguida, o célebre decreto de Sá Viana Rebelo, que se transformaria no melhor instrumento de mobilização dos oficiais do Exército para o combate indispensável a esse desiderato. Considerando que a maioria das pessoas só reage quando sente alguém a meter-lhe a mão nos próprios bolsos, e vendo que havia muitos a clamar "tira a mão, que o bolso é meu", desde logo considerei essa reacção como um valioso instrumento para mobilizar os oficiais do quadro permanente, abrir-lhes os olhos para a realidade e fazê-los compreender que a nossa superior missão só seria alcançada quando servíssemos o nosso povo e não os ditadores que impunham a sua lei.

Envolvi-me inteiramente na luta, assumi a sua Direcção e, num processo rápido, intenso, di-



Croqui para chegarem ao local da Conspiração, em Alcáçovas, 9 de Setembro de 1973

fícil e perigoso, consegui, integrado num colectivo constituído pelo escol do Exército, ver realizados os sonhos que acalentava quando regressei da guerra.
Não foi fácil enfrentar os vários inimigos que a nossa acção desencadeou, nem ultrapassar os obstáculos que nos semearam pelo caminho.
Desde logo, os que, no meio de proclamações de bravata, clamavam pela realização de uma manifestação pública, fardados e com as medalhas ao peito, acção que então considerei destinada ao fracasso.
A isso, contrapusemos uma "bandeira" que, servindo-nos de instrumento mobilizador, serviu também de óptima camuflagem junto das autoridades civis e militares. Estando o Exército muito desprestigiado perante a Nação portuguesa, contribuindo as medidas decretadas para aumentar esse desprestígio, a solução só podia passar por uma luta destinada a **recuperar o prestígio do Exército junto da população portuguesa**.
Todo este processo de luta, conduzido na necessária e possível clandestinidade, e traduzido num movimento de conspiração contra o regime, terminaria menos de nove meses depois, com o 25 de Abril. No seu percurso passou por três fases.
A primeira foi a demonstração da existência desse desprestigio – foi fácil de explicar, pois a generalidade de nós sentia-o na pele. A segunda foi a de saber o porquê desse desprestígio, e a resposta também foi fácil: a população identificava-nos como o suporte do regime opressivo, que vinha impondo uma guerra há 13 anos, sem mostrar intenções de encontrar uma solução para a mesma, que não passasse pela continuação da guerra. Tudo agravado pelo facto de se aproximar a mais que provável derrota militar na Guiné e os políticos se prepararem para repetir o que se passara na Índia em fins de 1961, onde os militares foram os bodes expiatórios da incompetência e covardia do poder político.
Finalmente, sendo assim, que fazer para recuperar esse prestígio? – nova resposta, fácil e simples: deixar de ser esse suporte.
Mas como? – resposta ainda mais fácil: fazer um golpe de Estado e abrir as portas à liberdade, ou seja, derrubar a ditadura, resolver o problema da guerra, fazendo a paz e estabelecer um regime democrático, com a entrega do poder à sociedade democraticamente organizada.
Face a um percurso tão rápido, é lícito pensar que tudo terá sido fácil.
Já o afirmei atrás, o percurso foi difícil e atravessou vários momentos de perigo, em que se podia ter ficado pelo caminho, por muito boas que fossem as intenções. Enfrentámos esses momentos com coragem e determinação, tendo mesmo de recorrer a um autêntico estratagema, que assumo ter protagonizado, o que nos permitiu criar o que chamei de nossa *arma nuclear* – a recolha de um número superior a 700 pedidos de demissão de oficial do Exército, postos nas mãos da Comissão Coordenadora, que os utilizaria como e quando entendesse.
Na nossa caminhada, conseguimos enfrentar a tentativa de o Governo nos "comprar", após as "eleições" de Outubro de 1973. Apesar de Mar-

celo Caetano ter dito aos seus colaboradores mais próximos, como viemos a saber, que se devia "ter cuidado com os capitães, porque, sendo novos, não se deixam comprar", o facto é que o Governo não deixou de tentá-lo, através de três importantes medidas: revogação dos decretos; 200 promoções nos diversos postos de oficiais; chorudos aumentos de vencimentos, com especial incidência nos postos de capitão e coronel.
Estas medidas foram motivo para a proposta do capitão Mariz Fernandes, membro da Comissão Coordenadora escolhida em Alcáçovas, de que devíamos dar um "cheque em branco" ao Governo, uma vez que ele ia resolver os nossos problemas. Este episódio provocaria a única ruptura no Movimento durante a Conspiração, protagonizada entre mim e esse capitão.
A entrada de novos protagonistas, resultado da opção de alargamento do Movimento a oficiais mais graduados, iria trazer-nos novos obstáculos. Desde logo, o que terá sido o maior que enfrentámos durante o caminho para a acção final, consubstanciado numa tentativa de aliciamento para um golpe da extrema-direita, protagonizado por quatro generais, com Kaúlza de Arriaga como figura de proa.
Denunciada e abortada, a *Kaúlzada* teria o mérito de nos aproximar de Costa Gomes e de Spínola, oficiais escolhidos para chefes a contactar, quando avançássemos para o golpe de Estado, que se nos apresentava cada vez mais inevitável.
Uma outra situação potencialmente perigosa ocorreu quando o tenente-coronel Luís Ataíde Banazol apareceu a proclamar que "isto só lá vai a tiro e quem está em condições de o fazer somos nós! Ficaremos na História, negativamente, se não cumprirmos o nosso dever". A sua intervenção, na reunião de 24 de Novembro de 1973, em São Pedro do Estoril, teve uma extraordinária influência na mente de muitos, aí alertados para a inevitabilidade de uma acção de ruptura com o regime, não tendo sido fácil enfrentar a sua proposta que, lamentavelmente, repetia a estratégia de todas as anteriores tentativas de derrube da ditadura: uma força militar avança, e espera que as outras forças a sigam, levando à queda do Governo e do regime, o que de facto nunca aconteceu.
Ora, o mesmo pensamento esteve presente também na tentativa da denominada "intentona das Caldas da Rainha", de 16 de Março de 1974.
Felizmente, depois de se deixar arrastar para esta malograda tentativa spinolista, e não ter sido detectado e preso, Otelo soube compreender o tremendo erro cometido, permitindo que alguns

NÃO PUDE PARTICIPAR NESTA ÚLTIMA FASE, EM VIRTUDE DO MEU AFASTAMENTO COMPULSIVO PARA PONTA DELGADA, PELO QUE TIVE O DESGOSTO DE NÃO COMANDAR, PESSOALMENTE, AS FORÇAS ENVOLVIDAS NA OPERAÇÃO "VIRAGEM HISTÓRICA"

dos capitães que com ele ficaram, onde destaco o Luís Macedo, o convencessem da bondade do que eu e esses capitães vínhamos defendendo, de há muito tempo: "Só teremos sucesso se nos organizarmos de forma a que todas as forças envolvidas iniciem a sua acção em simultâneo".
Não pude participar nesta última fase, em virtude do meu afastamento compulsivo para Ponta Delgada, pelo que tive o desgosto de não comandar, pessoalmente, as forças envolvidas na operação "Viragem Histórica".
Resta-me a consolação de o meu afastamento só ter acontecido no momento em que a nossa estrutura já estava em condições de aceitar a minha substituição pelo Otelo, tornando possível que o sucesso acontecesse, através da realização da operação militar mais bem-sucedida, na história das Forças Armadas Portuguesas.
Com Otelo, correu muito bem; comigo, falta fazer a prova!
Pessoalmente, além de ter preparado a nossa intervenção em Ponta Delgada, perante vários cenários que admitíamos pudessem verificar-se, não tive de executar as medidas previstas, porque, no continente, rápido resolveram a questão. Por isso, nem na fotografia fiquei.
Mas, por outro lado, tive a satisfação de ainda ter participado na decisão da elaboração e no início da sua discussão, de um programa político (Programa do MFA). Programa que se revelaria essencial para o sucesso do 25 de Abril, apesar das tentativas de Spínola para o "deitar para o caixote do lixo". Tentativas que, assim o podemos considerar, começaram com a antecipação da publicação do seu livro *Portugal e o Futuro*, que constituiu um importante instrumento por nós utilizado para alargar e incentivar a acção do Movimento, mas muito aquém da importância que muitos teimam em atribuir-lhe.

RESTA-ME A CONSOLAÇÃO DE O MEU AFASTAMENTO SÓ TER ACONTECIDO NO MOMENTO EM QUE A NOSSA ESTRUTURA JÁ ESTAVA EM CONDIÇÕES DE ACEITAR A MINHA SUBSTITUIÇÃO PELO OTELO, TORNANDO POSSÍVEL O SUCESSO, ATRAVÉS DA OPERAÇÃO MILITAR MAIS BEM-SUCEDIDA, NA HISTÓRIA DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS

Enfim, regressado na madrugada do dia 29 de Abril, ao entrar nessa manhã no Posto de Comando na Cova da Moura, retornando ao "Núcleo do Vulcão", tive a sensação de que estava numa guerra que não era minha. Os meus camaradas mais responsáveis não tinham preparado o "dia seguinte!".
Terminada que estava a Conspiração, vi-me "forçado" a entrar de imediato no que chamo de "contra conspiração".

Onde ainda me encontro!

* Capitão de Abril, presidente da Direcção da A25A

LEMBRANÇAS DA MINHA PARTICIPAÇÃO

ALBERTO FERREIRA*

Em princípios de 1973, regresso a Portugal de uma comissão de dois anos em Moçambique e sou colocado, na Academia Militar, como adjunto do professor de Tática de Cavalaria. Fizera já duas comissões em Angola e duas no ex-Estado Português da India, onde fora prisioneiro.

Como oficial do quadro permanente, que frequentara a Academia Militar, na sequência de legislação feita pelo governo, não confiava na maioria dos chefes, principalmente do Exército. As vivências, experiências de combate nos diferentes teatros de operações, as conversas e reflexões sobre as razões das guerras em que estava envolvido, tinham gravado em mim a convicção de que o poder político não estava à altura da resolução dos nossos problemas nacionais, que se tinham tornado mundiais. O "orgulhosamente sós" não vencera batalhas nem solucionara conflitos. Amava Portugal, batera-me pelo Império, mas deixara de acreditar nos governantes.

Enquanto prisioneiro na Índia, desiludido, pensara em abandonar as fileiras. No entanto, depois do ataque indiano, como fôramos apelidados de cobardes e eu não queria passar por tal, continuei ao serviço, tanto mais que, em 1961, rebentara a guerra em Angola e o ministro do Exército na altura, Andrade e Silva, publicara um despacho, a 7 de novembro de 1961 (Despacho 6), no qual convidava os oficiais milicianos a ingressarem no quadro permanente mediante condições que publicitou. Estas tinham-me agradado e aceitara-as. O ministro, porém, nunca as cumpriu, daí a minha descrença, além de outras, no poder governamental, que se foi avolumando ao longo dos tempos. Acreditava, no entanto, na grandeza do País pela vastidão dos territórios de África e não punha em causa o seu estatuto.

Agora, em Portugal, após cerca de cinco meses em vários estágios de contraguerrilha fui promovido a capitão e enviado para Angola, onde andei, nos primeiros tempos, saltitando de unidade para unidade, tapando furos.
Seria louvado, por exceção, no final da comissão, por proposta do comandante de batalhão onde servia. Digo exceção, porque para este comandante, o cumprimento das obrigações militares era apenas dever, nada de louvores. "Quem cumpre, faz o que deve; quem não cumpre, leva uma porrada", dizia. Era apelidado de a "fera".
Nem todos os comandantes operacionais pensavam assim, e havia desigualdades que me chocavam. Eu, no entanto, tinha consideração pela "fera" e admirava-a pelo desassombro, organização e comportamento em combate, quando me acompanhava nas operações. Ficámos amigos.
Neste território angolano, conheci um grande oficial e combatente, com quem fiz operações, o capitão Luís Banazol, pertencente a uma grande família de militares. Quer em missões de quadrícula, nos Dembos, quer, mais tarde, em Luanda, na intervenção, fizemos diversas operações às ordens do comandante-chefe.
ZUm grande problema, além de outros tanto ou mais graves, havia no Exército e engrossara ultimamente. Era de natureza corporativa e opunha oficiais oriundos de cadetes, ditos puros, porque tinham entrado na Academia nos seus 20 anos, e os oficiais oriundos de milicianos, ditos espúrios, tinham entrado nos seus 30.

O "ORGULHOSAMENTE SÓS" NÃO VENCERA BATALHAS NEM SOLUCIONARA CONFLITOS. AMAVA PORTUGAL, BATERA-ME PELO IMPÉRIO, MAS DEIXARA DE ACREDITAR NOS GOVERNANTES

Eu era um espúrio e, por razões conjunturais, um dos seus líderes.
As razões profundas dos antagonismos estavam na incompetência das autoridades, incapazes de resolver problemas. Puros e espúrios, superaram mais tarde as divergências, quando se consciencializaram dessa incompetência, e caminharam em conjunto para o derrube do Estado Novo.

UNIÃO

Tinham ocorrido então grandes episódios, que provocaram ainda mais intensamente as minhas reflexões, comportamentos e descrenças. Distingo aqui alguns.
Decretos 353 e 409, de julho e agosto de 1973, que, como é conhecido, foram uma questão

muito sensível para quase todos os oficiais do quadro permanente, puros e espúrios, mas foram também mais uma alavanca para a união a que aspirávamos. Repudiámos a tentativa e conseguimos a sua revogação.
Eu, instrutor na Academia Militar, expressei-me abertamente contra, e com o capitão António Morais da Silva, oriundo de cadete e também aí instrutor, discuti o assunto estando ambos em uníssono.
Um curso superior para oficiais que era anteriormente de quatro anos, passava para dois semestres. Era uma machadada na nossa Universidade militar e tal não aceitávamos.
Embora não concordando com os decretos referidos e seus alinhavos, mas o facto de ter sido aldrabado ao longos dos anos por legislação não cumprida, levou-me a exigir o seu cumprimento e entrar numa luta de panfletos corporativos, alguns ofensivos dos camaradas oriundos de cadetes. Dizia então, aos meus camaradas espúrios, que, mais tarde, os pontos de não concordância seriam resolvidos, porque havia estudos que apontavam para soluções que pareciam satisfazer puros e espúrios.
Outro ponto importante foi a tomada de posição política dos militares, o que aconteceu especialmente na Guiné, onde o general Spínola e os oficiais aí em serviço, tinham consciência de que os problemas do conflito só seriam dirimíveis por via política e não militar e falavam disso abertamente.
Eu pensava o mesmo e já tivera oportunidade de o expressar numa reunião geral, em Mueda, quando perguntei irreverentemente ao general Kaulza de Arriaga, em resposta à sua ideia de que a guerra estava ganha: "O meu general acredita no que está a dizer?".

TORNEI-ME UM DOS CAPITÃES OPERACIONAIS DO 25 DE ABRIL, DE QUE MUITO ME ORGULHO. HOJE, TEMOS UMA DEMOCRACIA, E EU FUI UM DOS SEUS INTERVENIENTES, PELO QUE ESTOU MUITO ORGULHOSO

Outra questão importante foi a realização do Congresso dos Combatentes, no Porto, através do qual o governo tentou aliciar os militares para a sua política de vencer pelas armas um problema que já era político. Foi um fiasco e nós, puros e espúrios, repudiámo-lo e desvinculámo-nos dele com assinaturas.
Quero também destacar a criação do Partido Socialista, na Alemanha, em meados de abril de 1973, pois, a despeito de nunca ter estado em partidos políticos ou organizações semelhantes, quero deixar uma referência ao acontecimento, porque um dos seus fundadores foi o advogado Roque Lino, um antigo e valente

combatente, comandante de um pelotão da minha companhia. A sua criação, por estar nele Roque Lino, revigorou-me as forças, por ver que organizações civis poderiam ajudar a erguer Portugal.
Um outro momento importante foi o ataque de civis brancos moçambicanos aos militares, quando, na Beira, a população civil, evidenciando falta de confiança nas Forças Armadas, apedrejou a messe de oficiais, partindo vidros e disparando até alguns tiros. À semelhança do que se passara após a queda da Índia, recriava-se, o mesmo bode expiratório – os militares.
Ainda um outro assunto que destaco foi a perseguição intimidatória a oficiais que o governo considerava cabecilhas das reuniões que se realizavam, públicas umas, clandestinas outras. Eu fui transferido da Academia Militar, a 1 de janeiro de 1973, na sequência de uma ordem do ministro do Exército, Andrade e Silva. Vasco Lourenço e outros oficiais sofrem iguais transferências. A minha transferência, primeiro para Elvas e depois para o Regimento de Cavalaria de Estremoz, foi, contudo, contraproducente para as intenções do ministro, pois permitiu-me ficar junto de tropas operacionais, que estimulei e com as quais vim para Lisboa, para o cerco à GNR e outras missões sequentes, às ordens do Posto de Comando do MFA.
No entanto, subsistiram as dúvidas e as hesitações, porque temia consequências desastrosas para o Ultramar, e por isso pedi uma entrevista ao general Spínola. A ideia que me transmitiu e que me satisfez, foi a de que, após as eleições livres no País, seriam uma decisão do povo português.
Assim me tornei um dos capitães operacionais do 25 de Abril, de que muito me orgulho.

Hoje temos uma democracia, e eu fui um dos seus intervenientes, pelo que estou muito orgulhoso.

Viva Portugal!

UM OUTRO MOMENTO IMPORTANTE FOI O ATAQUE DE CIVIS BRANCOS MOÇAMBICANOS AOS MILITARES, QUANDO, NA BEIRA, A POPULAÇÃO CIVIL, EVIDENCIANDO FALTA DE CONFIANÇA NAS FORÇAS ARMADAS, APEDREJOU A MESSE DE OFICIAIS, PARTINDO VIDROS E DISPARANDO ATÉ ALGUNS TIROS.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

INQUIETAÇÃO: GUERRA, 25 DE ABRIL E DESCOLONIZAÇÃO

Direitos reservados

Provando o rancho, em Moçambique

ANTERO RIBEIRO DA SILVA*

Julgo que nenhum dos meus amigos terá dúvidas do meu genuíno envolvimento físico e emocional no 25 de Abril de 1974 e em todo o processo dele decorrente, assim como na Associação 25 de Abril. A minha dedicação a esta causa tem sido quase total, embora com algum desânimo e cansaço nos tempos mais recentes. Posso dizer, sem nenhuma dúvida, que aquela data foi a do nascimento de um filho, embora com paternidade partilhada por diversos pais. Como qualquer filho, este deu-me inúmeras alegrias, mas também sobressaltos, preocupa-

ções e até desencantos. Não nos ficará mal, em momento algum, assumirmos algumas culpas e responsabilidades nos percursos escolhidos pelos filhos. Mas também não deveremos pôr em cima dos nossos ombros a culpa de todas as incorreções no caminho do seu crescimento.
As perguntas que vou fazendo a mim próprio são inúmeras, como base da minha inquietação, em relação a esta trajetória histórica:
O 25 de Abril é inquestionável?
Se o é, como penso, teve o programa e os objetivos corretos?
Toda a condução do processo até aos nossos dias teve erros ou falhas graves determinantes?
Estas interrogações, encorajadas não poucas vezes pelo que vou ouvindo, lendo e sentindo, constitui uma verdadeira inquietação. Esta não me paralisa, mas antes me obriga a partir em busca de respostas.
Certezas tenho muitas, mas dúvidas também. Respostas vou encontrando, colocando as perguntas pela forma inversa – se não? Concluo sempre pela inevitabilidade do ato libertador.
Para esta conclusão foi decisiva a minha segunda comissão em Moçambique, comandando uma companhia, entre 1970 e 1972. Tudo o que nela ocorreu foi uma aprendizagem permanente sobre o que é ser condutor de homens, muito especialmente em situações de risco. Falhei por vezes, porventura repeti alguns erros. Disso, sem complexos ou sentimentos de culpa, me penitencio. Mas tinha acabado de fazer vinte e três anos! Apesar disso, há algo que procurei ter sempre no meu espírito: ser humano e justo. Nem sempre o terei conseguido, mas, se falhei nestes aspetos, foi sempre involuntariamente.

CADA BAIXA PASSOU A SER UMA FISSURA NAS MINHAS CONVICÇÕES SOBRE A LEGITIMIDADE DAQUELA GUERRA. FUI-ME CONVENCENDO CADA VEZ MAIS DE QUE ÍAMOS MORRENDO HOJE, PARA CONTINUAR A MORRER AMANHÃ, SEM SOLUÇÕES À VISTA PARA O CONFLITO

Quando parti para esta comissão, pouco ou nada esclarecido em relação à política, pareciam-me claras as justificações da guerra que nos esperava. A noção do Império, do Minho a Timor, pairava no espírito da maioria de nós à época. Os perigos da guerra, com o conhecimento que íamos tendo das sucessivas baixas que as nossas tropas sofriam, considerava-as como "ossos de ofício". Mas, cada baixa passou a ser uma fissura nas minhas convicções sobre a legitimidade daquela guerra. Fui-me convencendo cada vez mais de que íamos morrendo hoje, para continuar a morrer amanhã, sem soluções à vista para o conflito.
Havia no entanto algo que comecei a ver claro:

as pessoas que viviam à nossa volta não tinham um estatuto igual ao dos que iam ou tinham vindo de Portugal, os negros eram explorados das mais diversas formas e as autoridades coloniais eram prepotentes em relação aos autóctones. Essas conclusões começaram a dar-me que pensar, pois injustiças eram algo que considerava intolerável.

A guerra que travávamos era cada vez mais de sobrevivência, tentando a grande maioria das forças no terreno correr o mínimo de riscos. Boa parte das nossas forças tentava quase exclusivamente garantir a sua própria segurança e do seu aquartelamento.

As missões atribuídas à minha companhia eram quase exclusivamente de segurança à circulação nos itinerários. As minas e as armadilhas, ou outros engenhos explosivos, esperavam-nos em cada trilho das picadas, ou curva do caminho. As baixas, e não foram poucas, eram causadas por essas minas. Era um combate completamente desmoralizador. No entanto, nunca mais se via o dia de rodar para outro local em que se corresse menos riscos.

Analisando este aspeto anos depois, já mais maduro, cheguei à conclusão de que talvez não tenha colocado superiormente, com a devida ênfase, essa questão. Os próprios relatórios de operações por mim redigidos naquele tempo merecem-me o seguinte comentário: santa ingenuidade a minha!

Recuando, não me foi difícil concluir que urgia terminar com a guerra, pois ela não tinha sentido. Derrubar o regime era a única forma, ainda hoje o penso com toda a convicção. O fim da guerra foi um elemento decisivo para deixarmos o isolamento em que vivíamos na comunidade internacional.

RECUANDO, NÃO ME FOI DIFÍCIL CONCLUIR QUE URGIA TERMINAR COM A GUERRA, POIS ELA NÃO TINHA SENTIDO. DERRUBAR O REGIME ERA A ÚNICA FORMA, AINDA HOJE O PENSO COM TODA A CONVICÇÃO

O 25 de Abril trouxe-nos a liberdade e a democracia, e fundamentalmente a possibilidade do orgulho de sermos portugueses.

Em relação ao programa, objetivos e erros cometidos, não tenho respostas definitivas, nem porventura alguma vez as terei. Os primeiros dias da Revolução passei-os longe dos centros de decisão, na Madeira, transferido por imposição. Também numa parte do "verão quente" de 1975 estive ausente em Moçambique, no processo de transição.

Tudo tem de ser relativizado, em relação aos tempos e épocas em que os acontecimentos se foram sucedendo. Os contextos políticos,

sociais, económicos, militares e outros, que foram condicionando as opções, não são passíveis de ser recriados. Recordo com uma nostalgia serena aqueles tempos idos de 1975, em que tantas vezes estive em desacordo com muito do que se passava, mas que hoje, vejo com clareza, foram enriquecedores para a nossa História e para as nossas vidas.

Hoje, sinto que foi importante a experiência vivida naquele período "louco", mas belo. Tenho hoje, para mim, que é preferível lutar por utopias, do que não ter ideais nenhumas. Os ideais, dizem-nos, não nos alimentam o corpo, mas com toda a certeza alimentam-nos a alma, algo bem mais precioso.

Não gostaria deixar de me referir a um assunto muito importante em todo este processo – a descolonização ou período de transição.

Posso fazê-lo com algum conhecimento de causa, nomeadamente em relação a Moçambique, onde participei nos acontecimentos desse tempo, a caminho da independência daquele território. Lá, como nas outras ex-colónias, nem tudo correu como teríamos desejado, quer antes, quer naquela fase. A ditadura não quis entender os ventos da História e, posteriormente, arrastou o indesejável conflito armado, que só deveria ter tido como objetivo dar tempo para uma solução política negociada para a independência dos territórios. Negociar no rescaldo de uma guerra, com todas as desconfianças entre os interlocutores, com as chagas abertas pelo conflito, com a momentânea desorganização do nosso país, com as incompreensões de muitos dos intervenientes no processo, senão mesmo a sua hostilidade, não foi tarefa fácil.

TENHO HOJE, PARA MIM, QUE É PREFERÍVEL LUTAR POR UTOPIAS, DO QUE NÃO TER IDEAIS NENHUNS. OS IDEAIS, DIZEM-NOS, NÃO NOS ALIMENTAM O CORPO, MAS COM TODA A CERTEZA ALIMENTAM-NOS A ALMA, ALGO BEM MAIS PRECIOSO

Atrevo-me a dizer que todo este processo foi o possível e não o desejável.

Estes aspetos provocaram-me uma natural inquietação, mas houve uma intervenção do meu camarada Pezarat Correia, num debate a que assisti, que teve o condão de me apaziguar. Disse ele, na ocasião, que as pessoas mais bem colocadas para julgar a descolonização seriam os povos desses novos países e não nós...

* Capitão de Abril, sócio da A25A

Direitos reservados

Floresta de Maiombe, Cabinda, 1972

EM TEMPOS DE CONSPIRAÇÃO

ANTÓNIO DELGADO FONSECA*

Liguei-me ao movimento de oficiais logo no verão de 1973, quando se iniciaram os contactos entre os capitães, em reação aos decretos com que o governo tentou resolver o problema de falta de comandantes de companhias para continuar a guerra. O movimento iniciou-se, assim, por esta questão de ordem corporativa, mas sabíamos que essas medidas governamentais apenas serviam para esconder o esgotamento do potencial militar do País e a dramática situação militar nas

colónias, recusando a decisão cada vez mais urgente de negociar a paz com os movimentos independentistas.
Estava em Cabinda, na minha terceira comissão, e segui o desenvolvimento dos contactos e opções que foram sendo tomadas pelo Movimento. Assim, quando se decidiu, em Lisboa, convidar os camaradas a assinar um documento individual de demissão de oficial do Exército, naturalmente juntei o meu.
Porque a minha missão em Cabinda, como coordenador dos TE *[Tropas Especiais]*, me obrigava a visitar com frequência todas as unidades, passei naturalmente a ser o elo de informação entre Lisboa-Luanda e os capitães em comissão em Cabinda.
Nesta fase, dado que se tratava principalmente do assunto da antiguidade dos capitães milicianos, a informação circulava ainda sem grandes cuidados e era conhecida de todos os comandos. Mas, mesmo assim, foi permitindo estabelecer ligações morais entre nós e iniciar a discussão sobre a perigosa situação militar e a necessidade de negociar a descolonização para se conseguir uma retirada estratégica coordenada antes que tivéssemos de terminar a guerra em debandada. Quando se começou a entrar na forma de terminar a guerra é que se começou a proteger mais a informação e, verdadeiramente, se passou à fase da conspiração.
As músicas de resistência que da Universidade nos chegavam pelos quadros milicianos iam-nos fazendo pensar, iam-nos formando politicamente. As "Cantigas de Maio", do Zeca Afonso, e as baladas do Adriano Correia de Oliveira foram criando o ambiente para refletir.

AS MÚSICAS DE RESISTÊNCIA QUE DA UNIVERSIDADE NOS CHEGAVAM PELOS QUADROS MILICIANOS IAM-NOS FAZENDO PENSAR, IAM-NOS FORMANDO POLITICAMENTE

Na perspetiva de terminar a minha comissão em dezembro de 1973, já consciente de que a descolonização iria ter início, logo que o Movimento fizesse cair o governo em, fiquei preocupado com o futuro dos TE numa Angola independente. Solitariamente e em total clandestinidade em relação ao Comando, resolvi procurar e contactar o coordenador do MPLA *[Movimento Popular de Libertação de Angola]* na cidade de Cabinda, na tentativa de facilitar a desejável integração daquela tropa nas forças armadas do novo país e, assim, evitar a guerra civil. Tive sucesso no contacto e, por ocasião da minha partida para Lisboa, deixei boas perspetivas para o sucesso Lisboa dessa operação.

Infelizmente, esta minha tentativa viria a ser neutralizada depois do 25 de Abril, conforme me informou, pouco antes da sua morte, o ex-governador de Cabinda, general Themudo Barata, que recebeu instruções precisas de Lisboa para recuperar de Kinshasa os dirigentes da FLEC *[Frente de Libertação do Enclave de Cabinda]*, os mesmos que eu tinha conseguido neutralizar, quando o general Costa Gomes me designou expressamente para essa missão. O resultado foi o rastilho para a guerra civil, que viria a prolongar-se no enclave por muitos anos.

Regressado de Angola, fui colocado no GACA3 [*Grupo de Artilharia Contra Aeronaves nº 3*] em Espinho, entrando]desde logo em contacto com os camaradas da Região Militar Norte, a começar pelo capitão Corvacho, porque conhecia os problemas disciplinares que ele teve na Guiné e porque presumia que ele pertencia ao Movimento. Fui imediatamente aceite e passei a participar nas reuniões clandestinas do grupo e nas ações de contacto com camaradas de outras unidades da Região Militar.

Em unanimidade de posições nas questões de ordem corporativa, cedo começaram a ser sentidas claras divergências nos objetivos do movimento: para muitos, tratava-se claramente de acabar com o regime e iniciar negociações para terminar a guerra; para alguns, tratava-se apenas de derrubar o governo e entregar o poder ao general Spínola para ele executar as políticas que propunha no seu livro. Porque importava manter a unidade do Movimento, nas reuniões do grupo nunca se deixou aprofundar esta divisão, mas foi sendo abordada em reuniões mais restritas.

NA REUNIÃO REALIZADA NO ESTORIL, EM QUE PARTICIPEI COMO UM DOS REPRESENTANTES DO GRUPO DO PORTO, FICOU BEM CLARO QUE O OBJETIVO DO MOVIMENTO SÓ PODIA SER A DESTITUIÇÃO DO GOVERNO POR UM GOLPE MILITAR

Na reunião realizada no Estoril, em que participei como um dos representantes do grupo do Porto, ficou bem claro que o objetivo do movimento só podia ser a destituição do governo por um golpe militar. Como nesta reunião se manteve em fundo a questão dos generais, mais uma vez para evitar a rotura, foi ali decidido continuar o apoio conjunto aos generais Spínola e Costa Gomes para ocuparem os mais altos cargos após o sucesso do golpe de Estado.

A partir da reunião do Estoril, o grupo do Porto passou a organizar as forças militares para a ação. Coube-me estabelecer a ligação com os camaradas da Figueira da Foz, Coimbra, Viseu, Viana do Castelo e em especial com os de La-

mego. Na Figueira, consegui passar a palavra aos capitães através do oficial de dia ao Regimento de Artilharia, que era o oficial miliciano Jaime Gama. Em Coimbra, contactei o capitão Pereira da Costa, que me forneceu a informação da pequena disponibilidade de forças, mas garantiu a ligação com Coimbra. Em Viana do Castelo, obtive a garantia do segundo-comandante do batalhão, ali em IAO [*Instrução de Aperfeiçoamento Operacional*], major Medeiros de Almeida, para empenhar esse batalhão, nomeadamente no controlo dos acessos norte ao Porto e ao aeroporto, se lhe fosse garantida a passagem nas pontes do rio Ave e do rio Cávado, o que seria assegurado por forças da Escola Pratica de Administração Militar da Póvoa do Varzim.

Em 15 de Março, reagindo à demissão dos generais, os 12 capitães e dois tenentes que estavam em serviço em Lamego, exigiram do comandante do CIOE [*Centro de Instrução de Operações Especiais*] a tomada de posição contra as demissões. No Porto, logo que tomamos conhecimento dessa situação, tentámos fazer parar aquele movimento, dado que ainda nada estava planeado a nível nacional. Embora neutralizado, não se impediu o movimento de forças das Caldas da Rainha, que marcharam para Lisboa.

Os capitães de Lamego foram imediatamente distribuídos por outras unidades e, porque o CIOE ficou sem ninguém para continuar a instrução do curso de Operações Especiais, fui destacado para lá, a 8 de abril. O comandante da unidade tinha sido também substituído pelo tenente-coronel Sacramento Marques, que eu conhecia bem de Angola. Fiquei praticamente sozinho com o encargo de preparar forças para apoiarem as ações na cidade do Porto. Felizmente, consegui manter em espera de vacinas a Companhia de Comandos 4041, comandada pelo capitão José Lopes Oliveira, acabada de formar e em espera para embarque para a Guiné. O resto foi relativamente fácil de controlar, pois eu conhecia bem o CIOE desde 1964.

Nesta última fase, fiz várias reuniões com os camaradas do Regimento de Infantaria de Viseu, capitães Gertrudes da Silva e Aprígio Ramalho, e com o capitão Monteiro Valente do Batalhão, de Infantaria, da Guarda. Fiquei com a certeza de que aquelas unidades cumpririam as respetivas missões.

A conspiração terminava e passámos à ação na madrugada de 25 de Abril, com vontade de tudo fazer para construir um Portugal democrático, europeu e muito melhor para os seus cidadãos.

* Capitão de Abril e sócio da A25A

FELIZ POR TER DADO O MEU CONTRIBUTO

ANTÓNIO MELO DE CARVALHO*

Hoje, sinto-me feliz, por ter dado o meu contributo para o 25 de Abril de 1974. Nessa altura, já não duvidávamos que a ceifa precoce de vidas ia terminar. Porém, a alegria da comemoração dos 50 anos que se aproximam, fica ensombrada com a realidade actual. Ao compararmos Portugal com os países europeus, a posição relativa fica bastante aquém do que alguma vez esperámos.

Naquele 8 de Março de 1970, estava longe de imaginar a surpresa. Estava para aterrar, em Bissum, um oficial paraquedista que me queria falar e tinha de regressar rapidamente. Era o coronel Alcino, comandante do Agrupamento Operacional de Teixeira Pinto, Guiné. A Companhia de Caçadores 2465, que eu comandava, era uma das unidades cuja actividade operacional era controlada por este comando. Já nos conhecíamos dos primeiros três meses da comissão, no lugar de Có, onde estávamos integrados na segurança à construção da estrada asfaltada que viria a ligar Bula a Teixeira Pinto. Vinha só com o piloto, desceu do avião, cumprimentámo-nos e eu faço-lhe um breve resumo da actividade da companhia. Afasta-se um pouco comigo do avião, onde o piloto esperava, e, fitando-me nos olhos, disse-me o seguinte (cito de memória): "Melo de Carvalho, a situação mudou. A partir desta data, vai deixar de fazer operações ofensivas. Só patrulhas de reconhecimento. Se encontrar inimigos *não toma a iniciativa de fazer fogo. Só faz fogo em resposta a eventual fogo* deles. O assunto já foi coordenado com o seu comando de batalhão. Daqui a uns tempos, virá a perceber o que se passa. Não me faça perguntas, porque não lhe posso responder."

Senti surpresa, mas não total. Já havia um ou dois meses que corriam rumores a apontar para a possibilidade de um volta-face inesperado.

À luz da nova orientação recebida, continuámos a desenvolver a actividade. Não tenho registos de contactos de fogo nesse período.

É neste contexto que, em 20 de Abril de 1970, rebenta a notícia do massacre dos três majores Osório, Passos Ramos e Pereira da Silva, e do alferes miliciano Mosca, na área de Jolmete. Destes, conheci o major Osório. Já iam no décimo encontro, soubemos depois, com os principais comandantes dos grupos inimigos. Compareciam desarmados, para criarem confiança nos interlocutores. Naquele último encontro, em que chegou a estar

planeada a presença do comandante-chefe, era dada como certa a rendição dos grupos do inimigo do Norte da Guiné.
Ficámos todos em estado de choque. Principalmente os ingénuos que vislumbravam uma luzinha ao fundo do túnel. Voltou tudo ao princípio. Mas o general Spínola manteve-se fiel e, provavelmente, então ainda com maior convicção, à orientação estratégica que transmitiu aos comandantes das unidades, no início do seu comando em 1968: "uma guerra subversiva não se ganha militarmente; portanto, ele não ia pedir aos militares que a ganhassem; ia apenas pedir-lhes que a não perdessem, a vitória teria de ser conseguida pelo governo no campo político[1]".
Os contactos continuaram mais tarde, com a mediação de Leopold Senghor, presidente do Senegal. Em Outubro de 1972, Spínola é finalmente confrontado com a preferência do poder político por uma derrota militar na Guiné, pondo ponto final nas negociações. Ficou posta em causa a estratégia de conquista das populações. O trabalho feito no terreno pelas unidades operacionais deixava de ter sentido e passava-se para outro patamar da guerra, com a previsão da retracção do dispositivo.
A decisão de Marcelo passou de boca em boca. Mas a tragédia da Índia estava ainda demasiado fresca na memória dos jovens oficiais para ser esquecida. Era o tema principal das nossas conversas. Assim começou a conspiração.
O tempo da espera estava esgotado. O poder já tivera o tempo suficiente para encontrar uma saída política para a situação, que deixou agravar.

"SE ENCONTRAR INIMIGOS NÃO TOMA A INICIATIVA DE FAZER FOGO. SÓ FAZ FOGO EM RESPOSTA A EVENTUAL FOGO DELES. O ASSUNTO JÁ FOI COORDENADO COM O SEU COMANDO DE BATALHÃO. DAQUI A UNS TEMPOS, VIRÁ A PERCEBER O QUE SE PASSA"

A minha receptividade à urgência do virar de página era total, ancorada na guerra da Guiné e no percurso de vida desde menino. Não posso calar a profunda gratidão perante a primeira e maior dívida contraída fora da família, respaldada na grande admiração pela coragem dos pais ao dispensarem os bracitos de uma criança. São seus credores duas pessoas. O meu professor da primária e a sua companheira. Trabalhavam do nascer ao pôr-do-sol como todos os agricultores.
Depois do final da última hora de escola, os alunos da 3.ª classe iam para casa do professor, onde a D. Augusta dava lições suplementares até à hora da ceia. O professor Alfredo continuava na escola com a 4.ª classe, até final do dia. O distrito de Aveiro era o que tinha maior número de alunos distintos no exame da 4.ª classe. A minha home-

1 Bernardo, Manuel Amaro. *Guerra, Paz e Fuzilamento dos Guerreiros; Guiné 1970 – 1980*. (Lisboa: Prefácio, 2007), p. 48.

nagem a ambos. São os responsáveis por eu não ter ficado pela primária e ter sido oficial de Abril. Sem a ajuda deles, viria a ser mais um cavador das vinhas da Bairrada, enquanto tivesse energia física suficiente. E do que eles me livraram!... Filho de pequenos agricultores, fui de facto mais um a juntar-me aos que tiveram a sorte de cedo perceberem para que lado era o norte. O muito que lia foi a minha agulha magnética. Das mãos da D. Augusta recebi o primeiro livro não escolar. Pertencia à sua pequena biblioteca. Foi o primeiro passo. Lido o primeiro, passa-me um segundo. E um terceiro. Ganhei-lhe gosto. Não mais parei.

À gratidão atrás confessada poderia contrapor um rosário de tristezas da nossa história, onde necessariamente incluiria o grande erro de Salazar ao não ter dado a vez a um democrata após o final da guerra de 1939/45[2], assim como o adiamento da decisão estratégica sobre o Ultramar, com a conivência da elite social e económica portuguesa, que salvaguardava os seus interesses, mesmo que isso implicasse minar o esforço de guerra em África[3].

Compreender-se-á, assim, o entusiasmo com que aceitei relatar, em Moçambique, a primeira reunião dos capitães em que tomei parte e que teve lugar num conhecido monte alentejano, no dia 9 de Setembro de 1973, depois de, descontraídos mas decididos, termos andado a jogar às escondidas com a PIDE. Em Dezembro de 1973, fui eleito para a Comissão Coordenadora do MFA em Moçambique, constituída por cinco oficias do quadro permanente. Neste âmbito, o sofrimento dos anos de guerra deu-nos a coesão, coragem e lucidez suficientes para decisões acertadas.

A TRAGÉDIA DA ÍNDIA ESTAVA AINDA DEMASIADO FRESCA NA MEMÓRIA DOS JOVENS OFICIAIS PARA SER ESQUECIDA. ERA O TEMA PRINCIPAL DAS NOSSAS CONVERSAS. ASSIM COMEÇOU A CONSPIRAÇÃO

Sinto-me rejuvenescer ao relembrar o entusiasmo e à-vontade com que contactava camaradas para difundir informações e/ou pedir assinaturas para tomadas de posição. A alegria sentida com as adesões, de modo relevante de camaradas mais graduados, não mais foi esquecida.

Assumi a minha posição no movimento dos capitães, base da acção em 25 de Abril de 1974, com a plena convicção de que aquela guerra tinha de terminar e a vontade do povo português, expressa em eleições livres, teria de ser o farol do futuro de Portugal.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

---

2 Moreira, Adriano. *Memórias do Outono Ocidental – Um Século sem Bússola*. (Coimbra: Edições Almedina, 2013), p. 298.

3 Meneses, Filipe Ribeiro de. *SALAZAR – Uma Biografia Política*, 1ª ed. (Alfragide: D. Quixote, 2009), pp. 595 e 596.

EU ESTAVA LÁ!

ANTÓNIO PEDRO DE VASCONCELOS*

Deviam ser umas quatro em meia da manhã, quando o telefone tocou na minha casa, na travessa do Combro, onde, no dia 25 de Abril de 1974, vivia a meias com o meu amigo Vasco Pulido Valente. Nenhuma das nossas namoradas da altura coabitava connosco e a partilha da casa trazia-nos todas as vantagens: dividir as despesas e poder conversar sobre as nossas vidas e os nossos projectos, num Portugal onde a PIDE, a Censura, os empregos precários, a falta de perspectivas e a miséria cultural nos asfixiavam e estavam a matar os melhores anos das nossas vidas. Eu tinha 35 anos e estava, como Dante diz no primeiro verso da "Divina Comédia", "no meio do caminho da minha vida", quando o telefone tocou.

Àquela hora, temi que fossem más notícias. Mas, quando ouvi do outro lado a voz de uma amiga noctívaga que tinha acabado de ouvir o comunicado do MFA, lido pelo Joaquim Furtado aos microfones do RCP, a dizer-me que as tropas que estavam na rua eram para depor o governo e derrubar o regime, vesti-me à pressa, acordei o Vasco e saí para a rua!

A primeira imagem que fixei na memória foi a de uns soldados com G3 instalados nos telhados da Emissora Nacional, no fundo da rua do Quelhas, a meio do meu caminho para as instalações de "O Século", onde estava instalada a Redacção do "Cinéfilo", a revista de cinema e espectáculos de que eu era o chefe de redacção. Eu tinha duas boas razões para ser esse o meu destino: por um lado, a sede do matutino era o melhor sítio para me informar do que se estava a passar. E, por outro, ia tentar travar a edição que saía no dia seguinte, porque, em caso de sucesso do golpe militar, era ridículo sair uma edição que, quem a lesse no dia seguinte, já vivia noutro regime e num mundo que a revista parecia ignorar.

Os meus esforços foram vãos, porque os tipógrafos estavam demasiado ocupados a imprimir e reimprimir as sete edições do jornal, e isso era bem mais importante para o País do que saber que filme se estreava no dia seguinte! Foi aí, na sala de redacção, quando me preparava para ir para o Largo do Carmo, onde sabia que estavam as tropas de Salgueiro Maia a cercar o Presidente do Conselho, que se refugiara no quartel da GNR, que tive o meu primeiro confronto com os efeitos da revolução.

O homem cuja missão na vida sempre tinha sido levar e trazer "provas" da Censura (chamemos-lhe "o senhor Sardinha"), bate-me à porta e pergunta-me se tenho "provas" para submeter a uns coronéis reformados que vigiavam tudo o que se escrevia em Portugal e que, jurava ele, estavam à espera de novos artigos, num gabinete, na rua da Misericórdia, de lápis azul em punho e um carimbo na outra mão.

O insólito da cena, quando eu já sabia que Marcello estava encurralado ali perto, levou-me a dizer-lhe que esquecesse a Censura, que o regime estava no fim e que aproveitasse para tirar uma folga. Mas o homem advertiu-me, intimidado: "Ó senhor Vasconcelos, não brinque com essas coisas! Olhe que eles estão lá!" Entre rir-me da sua ingenuidade e abraçá-lo, acordando-o para a nova realidade, escolhi dizer-lhe, paternalisticamente: "Ó senhor Sardinha, a Censura acabou, o regime está por horas, o Marcello está cercado no largo do Carmo! Se não acredita, venha comigo e veja com os seus olhos!"

Li-lhe na cara a angústia que interrompia, pela primeira vez em 30 anos, a rotina do seu trabalho monótono, repetitivo e melancólico. O senhor Sardinha olha para mim e pergunta (no fundo, punha a questão a si mesmo): "E agora o que é que eu vou fazer?" Confesso que foi a primeira e quiçá a única vítima do 25 de Abril por quem tive alguma compaixão.

O resto do dia vivi-o no Largo do Carmo, até à chegada de Spínola e a saída de Marcello, sem saber exactamente as peripécias que estavam a envolver a rendição dentro do quartel, num clima de euforia popular, vivido como nenhuma revolução em Portugal alguma vez havia provocado!

E lembro-me de que, a certa altura, vi chegar um *cameraman*, que começou a fazer um *travelling* sobre os populares. E, quando, de súbito,

"Ó SENHOR SARDINHA, A CENSURA ACABOU, O REGIME ESTÁ POR HORAS, O MARCELLO ESTÁ CERCADO NO LARGO DO CARMO! SE NÃO ACREDITA, VENHA COMIGO E VEJA COM OS SEUS OLHOS!"

reconheci o João Rocha, que havia sido o operador do meu primeiro filme, *Perdido por cem*, que se estreara meio ano antes, acenei-lhe com a mão. Quando mais tarde vi essas imagens, vi-me - com o meu 1,94 m de altura -, na segunda fila, com o braço no ar, no meio de uma multidão de jovens em delírio - a provar que estava lá!

Esse dia foi – e será para sempre – o dia mais feliz da minha vida! "E o nascimento dos teus filhos?", costumam perguntar-me. Esses, respondo eu, foram momentos únicos da minha vida, mas já estava à espera deles há nove meses! E o 25 de Abril, os portugueses esperaram por ele durante 48 anos! E, apesar da esperança de que o regime não podia durar eternamente, a verdade é que o golpe do MFA, que derrubou em meio dia uma ditadura que nos abafou, atrasou e empobreceu durante quase meio século, apanhou-nos de surpresa.

Durante décadas, devo confessar que nunca me questionei a fundo sobre o que foi preciso de heroísmo, coragem e determinação e o risco que correram os capitães que espoletaram a revolta, a que mais tarde se juntaram majores, coronéis e mesmo dois generais, e os outros ramos das forças armadas – a Marinha e a Força Aérea, ainda que de forma menos comprometida.

Foi preciso que, um dia, uma saudosa amiga, a Rosário Rodrigues, me tivesse chamado a atenção para uma operação militar clandestina, que, dois dias antes do 25 de Abril, permitiu ao posto de comando da Pontinha ter acesso, no dia D, às escutas dos telefonemas entre os membros do governo e destes com a PIDE/DGS.

DURANTE DÉCADAS, DEVO CONFESSAR QUE NUNCA ME QUESTIONEI A FUNDO SOBRE O QUE FOI PRECISO DE HEROÍSMO, CORAGEM E DETERMINAÇÃO E O RISCO QUE CORRERAM OS CAPITÃES QUE ESPOLETARAM A REVOLTA

Sob a direcção de Garcia dos Santos, a quem Otelo confiou a montagem do Plano de Transmissões, os capitães Veríssimo da Cruz e Pena Madeira, juntamente com o furriel Carlos Cedoura, alguns dos muitos que, depois do 25 de Abril, nunca reclamaram os loiros da sua coragem, conseguiram, com um pelotão de 21 guarda-fios, estender a linha telefónica do Colégio Militar até à Pontinha, passando-a por cima dos telhados, das árvores e dos eléctricos, sem que ninguém suspeitasse!

Foi essa surpreendente revelação que me levou a realizar, em 2018, um docudrama – *A Voz e os Ouvidos do MFA* – em que recriava o que foi essa operação heróica e decisiva para o sucesso da Revolução de Abril, que nenhum português anónimo conhecia.

E foi a partir dessa revelação que me interro-

É IMPORTANTE NÃO DEIXAR QUE SE APAGUE NEM DETURPE A MEMÓRIA DO QUE FOI O 25 DE ABRIL, QUE SE DENUNCIE OS QUE NUNCA SUPORTARAM QUE O PAÍS PUDESSE ESCOLHER LIVREMENTE O SEU DESTINO

guei sobre o que fora preciso para que as várias unidades solidárias com o Movimento saíssem disciplinadamente, dos quartéis, na madrugada do dia 25 de Abril de 1974, ao som do *Grândola, Vila Morena*, depois de terem neutralizado os respectivos comandantes!

Foi isso que me levou a lançar-me na aventura de interrogar todos os protagonistas vivos que participaram nessa epopeia, sem reclamar os louros de terem devolvido aos portugueses o direito a escolher o seu destino em liberdade.

Chamei-lhe *A Conspiração*, porque foi disso que se tratou: das reuniões que, ao longo de cerca de nove meses, um punhado de jovens militares promoveram, na metrópole e nas colónias, para se libertarem do anátema de que eram o braço armado da ditadura, que, ao longo de 13 anos, condenou uma geração de portugueses a arriscar a vida para defender o indefensável: um império com pés de barro. E que decidiram usar as armas (que o regime lhes havia entregado para defender um sonho imperial sem futuro), pondo-as ao serviço do País, que juraram servir, e cuja vontade perceberam que o governo já não representava.

E, nas vésperas de comemorarmos esse dia único na nossa História e na história das revoluções em todo mundo – uma revolução feita por militares sem apego ao poder, movidos apenas pelo apego à liberdade –, é importante não deixar que se apague nem deturpe a memória do que foi o 25 de Abril, e que se denuncie os que nunca suportaram que o País pudesse escolher livremente o seu destino, e que invocam os "anos do PREC *[Processo revolucionário em curso]*", curtos e efémeros, que são a ressaca de todas as revoluções, mas que os militares mais firmes e sensatos não deixaram que manchassem os valores de Abril, pelo revanchismo nem pelo ajuste de contas.

E muito menos podemos deixar (agora que a Europa e o mundo se encontram ameaçados) arrastar os portugueses para o descrédito na democracia, que os mais desesperados e os mais demagogos se aproveitem para denegrir a pureza do 25 de Abril, esquecendo-se de que tudo o que se passou em Portugal desde esse dia foi o preço da liberdade que os Capitães de Abril nos deram de escolher o nosso destino.

* Cineasta, cidadão

IMPRESSÃO PESSOAL

ANTÓNIO PENA*

Desafiado a pronunciar-me sobre o processo da conspiração que levou ao Movimento dos Capitães e ao 25 de Abril de 1974, vou procurar destacar alguns factos que acompanhei.

Estando colocado na Escola Militar de Eletromecânica (Paço de Arcos), saliento alguns acontecimentos, admitindo que possa haver interesse no testemunho de um coronel, não ex-aluno da Academia Militar, sobre o processo criador do Movimento dos Capitães, a partir de um "Diário" pessoal que mantenho: "*Resumo dos acontecimentos ocorridos na Escola Militar de Electromecânica em relação ao Movimento das Forças Armadas*". Esse diário começa em outubro de 1973 e termina em março de 1975, sendo as primeiras páginas dedicadas ao período anterior ao 25 de Abril, portanto, ao tempo da conspiração. Elas mostram as tentativas de participação em reuniões realizadas na escola, em que se destacavam o capitão Neves Rosa e dois capitães de Artilharia, Sousa e Castro e Rosado da Luz, que frequentavam um curso de Eletrónica para receber, em França, um Sistema de Armas. Nas reuniões, em especial o Rosado da Luz demonstrava a necessidade de mudar o sistema político, disso muito se falava, mas pouco da Guerra do Ultramar. Nas conversas, apercebia-me da realização de reuniões em diversos locais, gostava de participar, mas, talvez por não ser oriundo da Academia Militar, nunca consegui. Ainda antes da publicação do livro *Portugal e o Futuro*, falava-se muito do general Spínola, como se confirma no referido "Diário": "*(...) o Rosa não gosta dele, eu digo-lhe que com ele e a sua equipa, isto voltava-se com facilidade*". No dia 22 de fevereiro de 1974, foi publicado o livro, fiquei radiante, li-o com comentários a lápis, notei entusiasmo nos capitães, em especial nos artilheiros do curso. No dia 4 de março, apercebi-me de que, no dia seguinte, ia haver uma reunião para a qual o Rosa convidou um oficial técnico do Exército e um da Força Aérea. No dia 9 de março, sábado, fui para o quartel às 08h00, entrava de oficial de dia e a Escola esteve de prevenção. A seguir ao almoço, o Rosa disse-me que a prevenção se destinava a evitar a concentração de oficiais junto do Ministério do Exército para protestarem contra as transferências. Para explicar o assunto, fez-se uma reunião na unidade com 18 oficiais onde eu estava incluído. Na reunião, acordou-se ir ao comandante afirmar a nossa discórdia sobre as transferências e informar que se tratava de camaradas do Movimento com quem estávamos de acordo e éramos solidários. No grupo faltava um capitão ex-aluno da Academia Militar e estavam seis oficiais técnicos, três do Exército (todos ex-alunos dos Pupilos, alferes Lopes da Silva e capitães Brites e Pena) e três da Força Aérea. O comandante ordenou uma reunião de oficiais na Biblioteca, na qual, segun-

do o meu "Diário", disse que *"o nosso gesto era considerado rebelião, embora soubesse que estavam a acontecer factos semelhantes noutras Unidades, de qualquer modo, como era nossa vontade ia transmitir a nossa mensagem ao QG/RML. O Figueira* [capitão de Transmissões], *entre dentes, mas audível disse para ir e depressa. Esperámos e, a seguir, o comandante disse-nos que do QG tinham mandado fazer um Auto de Notícia*".

O auto era individual, mas combinámos uma redação igual para todos. Perto das 18h00, termina a prevenção, as pessoas começam a sair, mas, decorridos 30 minutos, nova ordem manda chamar todo o pessoal. Os capitães do curso trazem notícias do que se passou noutras unidades. O Rosado da Luz fez uma exposição sobre o MFA que me agradou. Fiz algumas intervenções e notei falta de liderança. Entretanto, chegámos ao 16 de Março e noto desorientação e nervosismo em alguns capitães. No dia 18, juntamente com o Brites, fui chamado ao comandante, que também chamou outros oficiais, parecendo-me que, em termos de desculpas sobre o envolvimento, apenas o Figueira deu explicações inconvenientes, pelo que foi o único proposto para sair da Escola, o que aconteceu logo a seguir.

DECRETOS

Voltando atrás, de uma forma geral, posso dizer que o Movimento dos Capitães surgiu na sequência de dois decretos de 1973, facilitando a passagem de oficiais do quadro especial ao quadro permanente, prejudicando capitães e subalternos oriundos da Academia Militar. A conspiração começou envolvendo parte significativa dos oficiais da hierarquia média do Exército, sobretudo das armas combatentes e de apoio e também de alguns serviços, mas foi difícil penetrar na estrutura superior da hierarquia e do comando. Em 1973, realizam-se reuniões motivadoras, alarga-se o Movimento à Guiné (que foi um foco iniciador), a Angola e a Moçambique e concretizam-se ideias sobre alteração política e militar. O livro do general Spínola, *Portugal e o Futuro*, foi um acontecimento agregador em termos de integração de oficiais no Movimento. Em março e abril de 1974, muitos capitães e muitos majores oriundos da Academia Militar estavam com o MFA, mas havia poucos tenentes-coronéis, coronéis e oficiais-generais. Houve dificuldades, mas acabou por ter sucesso a conquista da liberdade em 25 de Abril de 1974, sem sangue e com pouca dor.

A minha ideia final, que mantenho até hoje, prende-se com a necessidade de distinguir alguns dos militares que estiveram na base da mudança e acompanharam a transição para uma sociedade democrática e livre e que não foram devidamente reconhecidos até hoje. São cinco os militares que eu proponho para essa distinção, cujos nomes aqui ficam: Salgueiro Maia, Otelo Saraiva de Carvalho, Ernesto Melo Antunes, Vasco Lourenço e Ramalho Eanes. Eles são merecedores, porque se empenharam e levaram a cabo a transformação da nossa sociedade segundo os princípios do Programa de MFA e defenderam sem desfalecimentos a construção da democracia.

* Coronel na reforma, sócio da A25A

De uma forma quase "natural", se foi abrindo o caminho que iria conduzir ao 25 de Abril

AS MINHAS **MOTIVAÇÕES**

ROSADO DA LUZ*

Ler é levar a alma a passear e o meu pai é o verdadeiro culpado de tudo isto, pois não só me ensinou a ler, aos meus 3-4 anos, pela *Cartilha Maternal* de João de Deus, como também me subverteu com os contos infantis e a banda desenhada que me ia comprando, que semearam em mim, desde a infância, uma impaciência que nunca mais deu descanso ao meu interminável passeio.

Tal como acontece com *toda a gente*, os meus "porquês" começaram numa quadra do algarvio Aleixo: *Não sou esperto nem bruto / Nem bem nem mal*

educado / Sou simplesmente o produto / Do meio onde fui criado – e continuam, ainda hoje, como acontece com *muito poucos*, no "Cântico Negro", de José Régio – *"...Não sei por onde vou / Não sei para onde vou / Sei que não vou por aí"*.

PRIVILÉGIO

Após muitas gerações de agricultores, os meus pais foram os primeiros da família a migrar para a cidade. Com a vida sempre repartida entre ambas, tive o raro privilégio de ter adquirido duas "culturas" e foi dos contrastes entre elas, que comecei a aperceber-me do injusto e distorcido mundo em que vivíamos.

Embora o livre-arbítrio seja o fardo que a espécie humana carrega, só alguns têm disso consciência. O instinto de sobrevivência leva sempre a maioria a procurar refúgio no conforto das regras que regem todas as sociedades e a aventura da escolha é algo que nunca se lhes colocou. Esse instinto nunca funcionou comigo, pois a tal impaciência afastou-me sempre da "ordem".

A urbe cosmopolita em que nasci era a capital política, administrativa, económica, cultural, religiosa e militar de uma região privilegiada pela natureza em quase tudo. Em cima de ricas atividades primárias, haviam sido criados ativos setores industriais, comerciais e turísticos. Só que isto era apenas a parte emersa de um imenso *iceberg*, no fundo do qual havia uma "outra realidade". A proibição da mendicidade e do "andar descalço" não dera dinheiro nem sapatos a ninguém. Ao fundo da minha rua, o regime instalara um dos seus "monumentos": a sopa dos pobres. À hora das refeições, as dezenas de homens e mulheres com andrajos escuros e ar triste e sombrio, que por ali jaziam sentados no chão, entravam num refeitório sem cobertura, através de um portão, em frente do qual eu passava diariamente e de onde saía sempre um cheiro azedo de couves cozidas. Na cidade, o regime dispunha ainda de outras "instituições", como a PIDE ou a Legião, e todos nos habituámos a observar uma rotina que acontecia com alguns vizinhos, como o Dr. Júlio Carrapato, que era preso em alturas certas do ano, por um "afável" chefe da PIDE que lhe batia à porta e lhe dizia: "Bem, senhor doutor, cá estou eu de novo, ... lá terá de ser". Após aguardar na sala que o Dr. Carrapato fizesse a mala, lá iam os dois, lado a lado, rua abaixo...

Em contraste com a cidade, ia adquirindo a cultura rural de dois mundos distintos. Para os meus avós paternos, era a dura luta pela sobrevivência, praticada nos solos paupérrimos de Barão de São Miguel do sudoeste algarvio e, para os meus avós maternos, era a vida dos ricos lavradores alentejanos de São Teotónio, que embora detivessem extensos patrimónios fundiários, com rendeiros, sobreiros, cereais, hortas, vinhedos e gado, a vida ainda era organizada e gerida num sistema medieval. Aqui, o "outro lado" era o dos malteses, livres, que saltitavam de monte em monte à procura de sustento por vias nem sempre lícitas e o dos ganhões, que eram a maioria da população, mas que apenas tinham de seu, as mãos. Ficavam semanas e meses sentados em poiais nos largos da aldeia, à espera que parasse um camião,

de onde saía um contratador que os levava para longe, para a semeadura, monda ou ceifa do trigo ou do arroz. Dizia-me o mestre Joaquim Coelho, que o salário disto eram "60 papas por mês": papas ao almoço e papas ao jantar, com um fiozinho de azeite e um piquinho de linguiça, ao domingo.

Foi neste contraste que as minhas "motivações" começaram a ganhar forma. Ainda eu não tinha um ano quando aconteceu o encontro de Bela Mandil, entre Faro e Olhão, e os ecos da repressão que se lhe seguiu prolongaram-se pela minha infância e juventude. Com 10 anos, participei na minha primeira *manif,* pela libertação... de um cão... rafeiro, vesgo e sem licença. Era a mascote do Liceu e fora levada pela "carroça dos cães" da Câmara, ato que levou centenas de jovens a desfilar pelas ruas da cidade até ao Governo Civil, aos gritos de "libertem o Merdok". Com 12 anos, assisti à enorme apoteose de Humberto Delgado, em Faro, e, em 1961, já mais politicamente consciente, não escapei à excitação do *annnus horribilis* do fascismo salazarista, que começou logo em Janeiro com o assalto ao Santa Maria por Henrique Galvão, prosseguiu em Fevereiro, com o início da Guerra Colonial em Angola, a que se seguiu a Abrilada do Botelho Moniz, Craveiro Lopes, Almeida Fernandes e Costa Gomes e o desvio do *Super Constellation* da TAP por Palma Inácio e Camilo Mortágua, terminando, em Dezembro, com a queda da Índia no meio do mês e com o assalto ao Quartel de Beja por Varela Gomes, no último dia do ano. O ano seguinte foi o do início das lutas estudantis e

COM A VIDA SEMPRE REPARTIDA ENTRE AMBAS [*VIDA RURAL E URBANA*], TIVE O RARO PRIVILÉGIO DE TER ADQUIRIDO DUAS "CULTURAS" E FOI DOS CONTRASTES ENTRE ELAS QUE COMECEI A APERCEBER-ME DO INJUSTO E DISTORCIDO MUNDO EM QUE VIVÍAMOS

guardo, do eco que elas tiveram em Faro, a recordação das minhas primeiras fugas à frente da Polícia.

No meu outro mundo, o alentejano, a par da resistência, surda mas palpável, organizada por um PCP de aceitação total entre as classes pobres, sentia-se a presença de uma repressão muito mais séria, sobretudo praticada pela GNR. Entretanto, acontecera um "corte funcional e geracional" entre a classe etária dos nossos pais e avós ligados ao latifúndio e ao dinheiro e os seus filhos e netos, que haviam rumado para a cidade para estudar outras artes e regressara "contestatária". Em cada aldeia, alguns dos raros que sabiam ler, recebiam o "Avante". Na Zambujeira, era o Ti Jaime sapateiro, o "trinta cabelos" que, à noite e em grande segredo, o lia em voz surda, a pescadores e ganhões, à luz de um candeeiro a petróleo. Ao ouvir-nos cantar a "Trova do Vento que Passa",

do Adriano, ou "Os Vampiros", do Zeca, eles sabiam de que lado nós estávamos.
Não há ninguém que não tenha contradições para gerir... 1964 marca o corte quase total com as minhas origens e o início da "grande contradição", que aconteceu quando decidi concorrer à Academia Militar.
Nos tais impacientes "passeios de alma", a escolha da carreira das armas correspondia à procura do grande largo e da aventura e à recusa em desperdiçar uma vida que só se vive uma vez, no tédio de rotinas sem fim, encerradas em horizontes estreitos.
O preço desta decisão foi o ostracismo a que fui votado pelos meus amigos de sempre, que, entretanto, haviam entrado noutras faculdades. Nas ácidas discussões que comecei a ter com eles, o tema era recorrente: «*Passaste para o "outro lado" e fazes agora parte do pilar central que sustenta este odioso sistema*». A minha argumentação acabava sempre na utopia de umas Forças Armadas que nada tinham com o regime, pois eram uma instituição "Nacional", que pairava "acima" das ideologias, dos interesses de classe e das "lutas políticas".
Só que, na solidão posterior dos meus pensamentos, esta argumentação nem a mim próprio conseguia convencer.
Os 10 anos que se seguiram, foram os da "gestão" desta contradição. E ela foi feita, em simultâneo, nas minhas muitas vidas paralelas, a começar pelo desenvolvimento normal de uma carreira militar em tempos de guerra, continuando nos permanentes debates e discussões com velhos e novos amigos, no meu envolvimento nos tumultos sociais e políticos da segunda metade dos anos 60 e início de 70, na intensa vertigem da vida social de então e, finalmente, na aprendizagem estruturada, e nas lutas políticas, da vida universitária que, entretanto, resolvera iniciar.
E foi a luz que foi entrando, através das janelas que tudo isso me ia abrindo na mente, que permitiu a clarificação, a estruturação e a consolidação das ideias e motivações que trazia lá de trás.
Era assim que, de uma forma quase "natural", se ia abrindo o caminho que iria conduzir ao meu envolvimento no 25 de Abril e a toda a minha vida futura. Foi com estas bases que me envolvi na conspiração, no Movimento dos Capitães e nas movimentações que levaram ao triunfo da liberdade.

A ESCOLHA DA CARREIRA DAS ARMAS CORRESPONDIA À PROCURA DO GRANDE LARGO E DA AVENTURA E À RECUSA EM DESPERDIÇAR UMA VIDA QUE SÓ SE VIVE UMA VEZ, NO TÉDIO DE ROTINAS SEM FIM, ENCERRADAS EM HORIZONTES ESTREITOS

*** Capitão de Abril, sócio da A25A**

Coluna na picada, Moçambique 1971

Direitos reservados

SÓ HAVIA UM CAMINHO: O DERRUBE DO REGIME

APRÍGIO RAMALHO*

Procurando os antecedentes dos meus primeiros contactos e do meu envolvimento no movimento conspirativo que ficou conhecido como Movimento dos Capitães, posso dizer que, em Julho de 1973, fui confrontado com a publicação do Decreto-Lei nº 353/73, de consequências altamente gravosas para a evolução da minha carreira militar.

Nessa altura, estava colocado no Regimento de Infantaria 14, em Viseu, após o regresso de uma comissão em Moçambique, durante dois anos, onde comandei uma companhia de caçadores que se manteve durante todo esse período no distrito de Tete, muito próximo da fronteira com a Zâmbia, em zona de guerra activa.

Estavam comigo na unidade mais três capitães do mesmo curso da Academia Militar (Diamantino Gertrudes da Silva, Arnaldo Silveira Costeira e António Luís Ferreira Amaral) e todos reagimos com indignação contra a hierarquia militar e o poder político, a qual transmitimos sem quaisquer reservas ao comandante do regimento, solicitando-lhe que comunicasse pelos devidos canais aos mais altos responsáveis militares, a nossa revolta contra os termos daquele Decreto-Lei.

Esta situação levou ao reforço da nossa camaradagem e amizade, permitindo-nos discutir, com realismo e sem reservas, a nossa condição de oficiais do Exército e as perspetivas, assim como a prepotência com que o poder político respondeu às reacções de muitos dos capitães, espalhados pelo País e pelos territórios coloniais.

Foi a altura para reavivar a minha memória das situações e experiências vividas na guerra, desde a primeira comissão em Moçambique, nas zonas de Cabo Delgado e da Zambézia, em 1967-68, continuada pela segunda comissão em Tete, em 1970-72.

No fundo, a minha experiência levava-me à convicção de que aquela guerra, além de injusta, não tinha sentido, não só por razões da natural evolução histórica e do pensamento internacional dominante em relação aos territórios coloniais, mas também pelas insanáveis incongruências da política e da prática coloniais das autoridades portuguesas, caracterizadas pela prepotência, exploração e injustiça, que chocavam com a minha consciência.

Paralelamente, a realidade das condições de vida da grande maioria da população portuguesa, que contrastava obscenamente com a faustosa vida das famílias da elite nacional, principais beneficiárias das riquezas exploradas nas colónias, reforçava a minha convicção do sem sentido que a guerra representava e, por isso, a minha dificuldade em evitar um natural instinto de rejeição de nova mobilização.

Todo este enquadramento alimentava uma luta interior, sendo natural o meu envolvimento num movimento de capitães que começou a tomar corpo com as reuniões de discussão sobre todas estas problemáticas, realizadas informalmente em Viseu, em Lamego e em Lisboa. Destas movimentações nasceu a ideia da realização de uma reunião alargada de capitães, a

qual veio a realizar-se no dia 9 de Setembro de 1973, no Monte Sobral, freguesia de Alcáçovas, com a presença de 136 capitães e subalternos do quadro permanente do Exército.
Para a grande maioria destes oficiais, este acto de indisciplina tinha ainda um cunho marcadamente de contestação corporativa. Pessoalmente, considero que esta reunião foi de facto decisiva, para o meu completo envolvimento e empenhamento no Movimento dos Capitães, que ali tinha tido o seu efectivo nascimento, tendo em conta tudo o que lá foi discutido e as escolhas que ali foram feitas.
A partir daqui, o foco num objectivo que considerava determinante para o futuro da minha vida e dos meus, nessa altura já estava casado e tinha o meu primeiro filho, nascido em 15 de Abril de 1973, passou a ser o farol orientador da minha caminhada, assumida com total responsabilidade e com o indispensável apoio da minha mulher, que, além de estar de acordo com o meu envolvimento neste processo, progressivamente evoluindo para a opção do derrube do regime, através de uma acção militar, foi sempre uma companheira comprometida e compreensiva com as minhas diversas ausências.
Sendo o objectivo deste depoimento a referência aos meus sentimentos e expectativas anteriores ao 25 de Abril de 1974, devo referir a luta interior que se foi avolumando ao longo das minhas vivências na guerra colonial, onde me confrontei no meio militar e também nas relações com as autoridades administrativas coloniais e destas com as populações africanas,

A PARTIR DAQUI [*REUNIÃO DE ALCÁÇOVAS*], O FOCO NUM OBJECTIVO QUE CONSIDERAVA DETERMINANTE PARA O FUTURO DA MINHA VIDA E DOS MEUS [...] PASSOU A SER O FAROL ORIENTADOR DA MINHA CAMINHADA, ASSUMIDA COM TOTAL RESPONSABILIDADE E COM O INDISPENSÁVEL APOIO DA MINHA MULHER

com situações difíceis de aceitar, pela prepotência, exploração, discriminação e injustiça que evidenciavam. Toda esta constatação constituiu uma importante aprendizagem que me amadureceu como homem e me permitiu analisar com vistas mais largas, a realidade em que estava envolvido e as perspectivas de uma vida pessoal e familiar, que se me projectava com cores muito sombrias e de forma muito preocupante.
Os fortes laços de camaradagem e amizade, criados durante o período da minha formação na Academia Militar e cimentados nas relações profissionais vividas nas minhas duas comis-

TORNOU-SE CADA VEZ MAIS CLARO PARA MIM, QUE SÓ HAVIA UM CAMINHO PARA A RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS COM QUE O POVO PORTUGUÊS SE CONFRONTAVA. E ESSE CAMINHO ERA O DERRUBE DO REGIME COM UMA ACÇÃO MILITAR EFICAZ

sões na guerra, permitiram que paralelamente pudesse analisar com alguma profundidade e discutir sem restrições com vários camaradas oficiais do QP *[Quadro Permanente]*, mas também com milicianos, as diversas situações e problemas que me preocupavam. Tudo isto foi importante para o reforço da minha determinação no envolvimento no Movimento dos Capitães, no seu desenvolvimento e percurso posteriores.

Tornou-se cada vez mais claro para mim, que só havia um caminho para a resolução dos problemas com que o povo português se confrontava. E esse caminho era o derrube do regime através de uma acção militar eficaz, que exigiria uma cuidada preparação e uma grande determinação na sua execução. Felizmente, foi isto que o MFA conseguiu fazer, complementando a "Operação Viragem Histórica", no dia 25 de Abril de 1974, com a apresentação ao povo português de um programa político (Programa do MFA), onde assumia diversos compromissos directamente relacionados com a devolução da liberdade aos portugueses, a realização de um conjunto de actos criadores dos órgãos necessários para a implantação de um regime democrático e a realização de diligências para pôr termo à guerra colonial.

As profundas mudanças que vieram a ocorrer na sociedade portuguesa, ao longo destes quase 50 anos, através das múltiplas conquistas alcançadas e correspondentes às promessas constantes no Programa do MFA, de que muito me orgulho, são para mim a melhor recompensa que podia receber, pelo meu empenho e pelos riscos corridos por mim e pela minha família directa, não obstante as razões de crítica que naturalmente possamos ter, por algumas das formas e caminhos menos adequados seguidos ao longo desta caminhada, por responsáveis políticos democraticamente escolhidos pelos Portugueses.

O 25 de Abril, acto final do movimento clandestino em que me envolvi há 50 anos, juntamente com tantos camaradas meus, é a marca mais relevante da minha vida.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

SUBSÍDIOS À CONSPIRAÇÃO EM ANGOLA

ARNALDO CRUZ*

No já distante ano de 1961, os movimentos de libertação de Angola levaram a cabo ataques a algumas cadeias de Luanda, a povoações e a fazendas no norte; o regime não se cansava de difundir mensagens de condenação de tais "atentados ao Portugal multirracial e pluricontinental, uno do Minho a Timor".

As lutas de libertação surgiram também noutros territórios e, após mais de doze anos de guerra, corria já o ano de 1973, nada de passos concretos no sentido de uma solução política. Diversificadas situações e acontecimentos no plano nacional testemunhados pelos nossos concidadãos não poderiam ter escapado à nossa observação, e terão sido contributos decisivos na consolidação das inquietações de muitos, assim como de esperança no futuro.

O regime organizou, em Junho de 1973, um "Congresso dos Combatentes", cujos fins foram mal acolhidos, sobretudo por quantos estavam nos "pontos mais quentes" da guerra e que cada vez menos entendiam o sentido de tal congresso e das operações militares nos três teatros de operações.

Em Julho de 1973, começava o último quadrimestre da minha comissão militar como comandante da 33.ª Companhia de Comandos, com a intensidade do esforço operacional agora orientada para a Zona Militar Norte. Nessa altura, outras preocupações surgiram, decorrentes da afrontosa legislação então publicada e que esteve no cerne da mobilização do movimento dos capitães em Angola.

Terminada a comissão da companhia, em Outubro, com grande satisfação de todos, pois chegámos ao fim sem mortos e com os feridos mais graves aptos a retomarem as suas ocupações.

Os militares do recrutamento de Angola, que a

integravam (40% do efetivo), encaminharam-se para as suas terras de origem e os do recrutamento metropolitano, via aérea, rumo a Lisboa. Cabendo-me continuar até Novembro de 1974, tive oportunidade de, na cerimónia e saudações de despedida, lhes dar conta das minhas esperanças em que melhores dias viriam para o nosso País no ano que se aproximava, pressentimentos decorrentes das movimentações já em curso.

A minha continuação em Angola não obscurecia a ideia cada vez mais clara de que aquela era uma guerra sem sentido, assumida que estava, e conscientemente interiorizada, a decisão de ser aquele "o tempo da última mobilização".

Para os militares do recrutamento de Angola que integraram a companhia, os tempos de duros combates na sua própria terra terminaram, mas não certamente as inquietações quanto aos tempos vindouros.

Fica o meu tributo de respeito a quantos deles se empenharam no futuro daquela terra e em particular ao ex-alferes Luís Faceira, preso pela PIDE nos últimos meses de 1973; tributo que torno extensivo aos ex-furriéis Jorge Santos e Roque Ferrão, infelizmente já falecidos.

Quanto à legislação publicada, é um facto que o Decreto 353/73, de 13 de Julho, agitou o ambiente geral entre os capitães, agravado com o posterior 409/73, de 20 de Agosto, em que a "emenda foi pior que o soneto", ao excluir os oficiais superiores dos efeitos provocados. Das conversas sobre o tema passou-se às reuniões para "acertar o que fazer".

Não estive na primeira, em Luanda, creio que em casa do capitão Coelho de Sousa, por me encontrar a comandar a companhia, e então com empenhamentos frequentes. O acompanhamento estava garantido, porque no Centro de Instrução de Comandos éramos em número suficiente para assegurar presença nas reuniões e subsequente partilha de informações.

Passámos a contar com a presença de oficiais superiores numa reunião, no Hotel Continental (baixa de Luanda), com o major Pezarat Correia a assumir a ligação e solidariedade com os capitães, exemplo que foi seguido por outros; a opção por hotéis como locais para reuniões acabou por não trazer inconvenientes, nem sequer de segurança!

A MINHA CONTINUAÇÃO EM ANGOLA NÃO OBSCURECIA A IDEIA CADA VEZ MAIS CLARA DE QUE AQUELA ERA UMA GUERRA SEM SENTIDO, ASSUMIDA QUE ESTAVA, E CONSCIENTEMENTE INTERIORIZADA, A DECISÃO DE SER AQUELE "O TEMPO DA ÚLTIMA MOBILIZAÇÃO"

Com o crescente descontentamento, exposições individuais foram avançando com base em modelos logo surgidos.
A 1 de Setembro assinámos um requerimento colectivo, enviado ao Presidente do Conselho, subscrito por 95 oficiais em serviço em Angola. Porque se tornava urgente a coordenação do trabalho e a agilização dos contactos com a Metrópole, Guiné e Moçambique, foi eleita uma comissão constituída por cinco capitães, acrescida de cinco majores em reunião posterior.
Seguiu-se opção pelos "pedidos de demissão de oficial do Exército".
A expensas próprias, enviámos a Lisboa o capitão Duarte de Almeida para conhecer decisões ali adoptadas e informações ao vivo.
Em 18 de Outubro de 1973, remetido também memorando com principais tópicos do nosso descontentamento, com cópias a Bissau e Nampula. O seu pendor "corporativo/estatutário" parecia-nos factor de segurança e de aglutinação do pessoal, sendo que o mais importante era mesmo "não parar!"
As reuniões prosseguiram em Angola sem interferências conhecidas, com um número de presenças sempre crescente.
Entretanto, a comissão em funções entendeu demitir-se, no final do ano de 1973, mas logo em Janeiro de 1974 foi constituída nova comissão com seis majores e seis capitães, que difunde a circular 01, explicitando agenda e principais objectivos.
Os dias foram passando e não foi sem surpresa que soubemos das movimentações de algumas unidades na Metrópole, no 16 Março/Golpe das Caldas, cujos resultados não deixaram de nos causar alguma inquietação.

PORQUE SE TORNAVA URGENTE A COORDENAÇÃO DO TRABALHO E A AGILIZAÇÃO DOS CONTACTOS COM A METRÓPOLE, GUINÉ E MOÇAMBIQUE, FOI ELEITA UMA COMISSÃO CONSTITUÍDA POR CINCO CAPITÃES, ACRESCIDA DE CINCO MAJORES EM REUNIÃO POSTERIOR

Após o episódio, as informações rarearam, mas todas as oportunidades eram aproveitadas, como a passagem por Luanda de uma delegação dos Pupilos do Exército, com cujo responsável, major José Maria Moreira de Azevedo, marcámos encontro na ilha de Luanda; presentes Gil, Duarte de Almeida, Arnaldo Cruz, Moreira Dias, Mourato Nunes e outros. Contacto de grande interesse e motivador, reiterando o essencial da comunicação de 4 de Abril de 1974 do Movimento.
Dias depois, o capitão Duarte de Almeida, que comandava o Agrupamento Operacional dos Comandos no Grafanil, resolveu por iniciativa própria "convidar" o coronel comandante

NUMA MANHÃ ESPECIAL, SEGUÍAMOS AS NOTÍCIAS DOS ACONTECIMENTOS PELA RÁDIO E, EIS QUE CHEGA O DIA, HÁ MUITO POR TODOS ANSIADO – 25 DE ABRIL DE 1974!

daquele campo militar para reunião no Hotel Turismo, estando em agenda a problemática dos capitães; o convidado, sem mais, foi directo ao General Comandante da Região Militar, dando-lhe conta do convite.

O general ordenou a audição dos capitães Duarte de Almeida e Teixeira Gil, em processo disciplinar. No Centro de Instrução de Comandos apercebemo-nos destas movimentações e antecipámo-nos... Dezoito capitães oriundos da Academia Militar e dois do Serviço Geral, em serviço na unidade, acertaram solidariedade com os camaradas a ser ouvidos em processo. Na tarefa de porta-voz da "acção" junto do comandante, sugerida reavaliação da situação e alguma prudência em possíveis decisões a adoptar, porquanto "estávamos solidários com o Gil e o Duarte de Almeida", a possível acção disciplinar e consequente transferência, esfumou-se no tempo...

Dias depois, numa manhã especial, seguíamos as notícias dos acontecimentos pela rádio e, eis que chega o dia, há muito por todos ansiado – 25 de Abril de 1974. Connosco, ficou então uma grande satisfação interior, implicando no futuro novos caminhos possíveis.

Ao terminar estas notas à "movimentação dos capitães em Angola" antes do 25 de Abril, é justo recordar com respeito e apreço, os nomes de camaradas que, pela ligação directa a muitas das situações ali então vividas, terão por certo outras memórias de intervenção e/ou acervo documental alusivo, porque integraram comissões coordenadoras, participavam nas reuniões e debates com assiduidade e entusiasmo e/ou noutras atividades facilitadoras do caminho então iniciado.

Com grave risco de omissões daqueles a que a memória não chega e, sem qualquer razão substantiva para a sua ordenação, lamentando que alguns nos tenham deixado já, saúdo: Luís Vilas Boas, Sousa Guedes, Rui Tomás, Teixeira Gil, Duarte de Almeida, Moreira Dias, Leitão Fernandes, Ovídio Rodrigues, Pezarat Correia, Pedro Falcão, Luís Banazol, Ribeiro Soares, Maia Correia, Mourato Nunes, Garcia Correia, Horácio Ferreira, Américo Moreno, Gonçalves Freire, Virgílio Pinto, Orlando Abreu, Cardoso da Silva, Santos Piteira.

* Capitão de Abril e sócio da A25A

PRESO NAS VÉSPERAS DO 25 DE ABRIL

ARTUR PITA ALVES*

Em 1973, estava colocado no Serviço Mecanográfico do Exército (SME), no Largo da Graça, em Lisboa.
Como é sabido, na sequência da realização do Congresso dos Combatentes, no Porto, e com a publicação do Decreto-Lei 353/73, gerou-se grande descontentamento nos capitães do Exército.
Ainda em Junho, fui procurado no SME pelo capitão Diniz de Almeida, que me pôs ao corrente da contestação em curso ao referido congresso. Dias depois, estive num novo encontro com ele e mais dois capitães, Antero Ribeiro da Silva e Carlos Camilo, num café do Largo da Graça, pelos quais soube das várias adesões ao movimento que então se iniciava e que constituiria o embrião do Movimento dos Capitães, figurando entre eles Vasco Lourenço e Hugo dos Santos. Juntei-me, naturalmente, à corrente.
Começaram, então, a surgir alguns comunicados de contestação que me foram chegando às mãos. Como no SME tinha acesso às colocações dos oficiais do Exército, passei a enviá-los, pelo Serviço Postal Militar, para os capitães colocados nas colónias.
Em finais de Julho, por indicação do coronel Pereira de Carvalho, que escrevia artigos no *Expresso* sobre assuntos militares, fui lá levar um comunicado do Movimento, que entreguei ao então subchefe de Redação, Marcelo Rebelo de Sousa. Depois de muitos telefaxes trocados com a Comissão de Censura, Marcelo disse-

Grupo de militares preso na Trafaria

-me que havia sido aprovado um texto bem reduzido sobre o tema. E, de facto, no sábado seguinte, o jornal publicou o tal texto.

Entretanto, iniciaram-se múltiplas reuniões de alguns capitães, residentes na região de Lisboa, especialmente nas casas de Diniz de Almeida e de Vasco Lourenço, culminando esta actividade na reunião de Alcáçovas, em 9 de Setembro, a primeira grande reunião do Movimento. Outras se seguiram, no Estoril, na Caparica e, no dia 1 de Dezembro, em Óbidos, foi eleita a Comissão Coordenadora do Movimento e, também, as quatro equipas de ligação aos camaradas das unidades militares, tendo eu integrado uma delas. A nossa primeira missão foi a de coordenar os pedidos de demissão de oficial do Exército, o que a minha equipa fez junto das unidades à nossa responsabilidade, situadas no Porto, Lamego, Viseu, Coimbra, Águeda, Leiria, Tavira e algumas de Lisboa.

Além dos comunicados que enviava para as colónias, passei a ter um intenso contacto telefónico com os camaradas colocados nas unidades que me tinham sido atribuídas para ligação e, claro, com os membros da Comissão Coordenadora. Grande parte dos telefonemas eram feitos/recebidos no SME, outros em casa.

Já em 1974, ao final da tarde do dia 15 de Março, realizou-se uma reunião na Rua Alexandre Herculano, em que predominavam oficiais "spinolistas", tendo ali sido referido que havia várias unidades em preparação para se desloca-

rem para Lisboa para fazerem um golpe militar. A certa altura, o Otelo chama-me e diz-me para telefonar rapidamente para o pessoal do Movimento de Vila Real, Lamego, Porto e Viseu, dizendo-lhes para desmobilizarem, para não tomarem qualquer acção sem indicações precisas da Comissão Coordenadora. Fui de imediato para o SME, fiz telefonemas aos contactos dessas unidades e fui para casa. Já em casa, o telefone não parava de tocar, todos pretendiam saber mais sobre o que fazer. De Vila Real e de Lamego diziam-me que "estavam sobre rodas", isto é, prontos para partir.

Cerca das 23h00, tocam à campainha da minha casa. Era uma equipa da Polícia Militar, chefiada por um capitão do Quadro Especial de Oficiais, de nome Baltazar. Disse-me que tinha ordens para me levar. Fardei-me, e levaram-me para o Quartel-General. Ali, o general recebeu-me e disse-me isto: "você não tem juízo, armou-se em telefonista, agora aguente". Percebi de imediato o que se passava. Fui ouvido em auto, o coronel informou-me que tinham sido informações da Direcção-Geral de Segurança, ex-PIDE.

Levaram-me, depois, para o Regimento de Lanceiros 2, Quartel da Polícia Militar, onde fui recebido com alguma hostilidade, na sala de oficiais, que estava repleta. O comandante mandou-me para um quarto. Consegui saber que havia movimento miliar a partir do Regimento das Caldas da Rainha.

Logo de manhã, levaram-me para a Casa de Reclusão Militar, na Trafaria, onde só estava detido um capitão ligado ao Movimento, o capitão Pinto Soares. No final da tarde desse dia 16 de Março, apareceram mais nove detidos, que eram os oficiais da "coluna das Caldas", mais o major Almeida Bruno, que fora detido na Academia Militar. Fiquei então esclarecido dos pormenores do golpe falhado.

FARDEI-ME,
E LEVARAM-ME
PARA O QUARTEL-GENERAL.
ALI, O GENERAL
RECEBEU- ME
E DISSE-ME ISTO:
"VOCÊ NÃO TEM JUÍZO,
ARMOU-SE
EM TELEFONISTA,
AGORA AGUENTE"

A vida na prisão era tranquila, não havia visitas, mas recebíamos encomendas. Passados uns dias, o coronel Pereira de Carvalho mandou-me os galões de major e cópia da Ordem do Exército que referia a promoção. Os "prisioneiros" presentes fizeram-me uma pequena festa e tenho fotos tiradas com uma pequena máquina que, habilidosamente, me lá fizeram chegar.

Fui libertado no dia 8 de Abril, com indicações rígidas de que deveria seguir imediatamente para o DRM (Distrito de Recrutamento e Mobi-

lização) de Évora. Fui a Lisboa buscar alguma roupa e o carro. Em Évora, estabeleci contactos com o major César Rodrigues e os capitães Esteves Pinto e Silvestre Porto, colocados no Regimento de Infantaria local, ligados ao Movimento. Fizemos reuniões clandestinas, uma delas em casa do capitão Porto. Mas os agentes da PIDE continuavam a seguir-me e, um dia, a 21 de Abril, confrontei um deles. No dia seguinte, fui chamado ao general, comandante da Região Militar, que me admoestou e transferiu para o DRM de Beja.

Chegado a Beja, o director do DRM levou-me ao Regimento de Infantaria local, onde havia as cerimónias do "Dia da Unidade". O seu comandante, coronel Romão Loureiro, não aceitou a minha presença na unidade e tive de sair logo após as cerimónias.

Como fiquei sem contactos, não tive conhecimento prévio do 25 de Abril. Mas, ao fim da tarde do dia 25, o comandante do Regimento procurou-me e pediu-me para o acompanhar numa visita às instalações da PIDE e da Legião Portuguesa, para verificar se tudo estava em conformidade. Convidou-me para jantar no Regimento e, no final, houve uma reunião com os seus oficiais para eu os esclarecer sobre os objectivos da Revolução.

No dia 27, regressei a Lisboa e fui directamente para a Cova da Moura onde estava instalada a Junta de Salvação Nacional, e onde entreguei uma carta pessoal do coronel de Beja ao general Spínola. Soube, então, que o filho do coronel Romão Loureiro era inspector da PIDE, em Elvas!

DURANTE QUASE UM ANO VIVEMOS UM PERÍODO AGITADO, MAS AS RAZÕES DO NOSSO DESCONTENTAMENTO FORAM SUFICIENTES PARA JUSTIFICAREM A NOSSA PARTICIPAÇÃO DE QUE MUITO NOS ORGULHAMOS, INDIVIDUALMENTE E EM CONJUNTO

Durante quase um ano vivemos um período agitado, mas as razões do nosso descontentamento foram suficientes para justificarem a nossa participação de que muito nos orgulhamos, individualmente e em conjunto. Durante esse período, cada um à sua maneira, conseguimos criar as condições necessárias ao triunfo da nossa ideia, libertando o povo português dum regime de opressão que demonstrava não ter solução para qualquer dos problemas de Portugal – a guerra, o isolamento internacional e a política interna. O 25 de Abril abriu as portas à democracia e ficou para sempre ligado à liberdade. Isso deve-se aos capitães de Abril, onde me incluo com muito orgulho.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

Direitos reservados

Na adega anexa à padaria de António Jacinto, na foto, realizavam-se reuniões clandestinas

UM RIO COM MUITOS AFLUENTES

AVELINO RODRIGUES*

O 25 de Abril não caiu do céu aos trambolhões. Nem foi importado da guerra da Guiné. Tenho escrito que o processo do 25 de Abril é um rio com muitos afluentes, e o primeiro deles nasceu no RI5 das Caldas da Rainha, em 1966/67. Falo da fita do tempo, mas não só, como se verá. O meu testemunho vale quanto vale o peso do meu crédito profissional e pessoal, não resulta de citações nem bibliografias eruditas ou pseudo-eruditas, é uma fonte directa do que eu vi e convivi.

Fui parar por acaso ao Regimento de Infantaria Cinco, nas Caldas da Rainha, como capelão da Unidade (as voltas que a vida dá!).

Também tinha a meu cargo a freguesia dos Vidais, a seis ou sete quilómetros do quartel. A casa paroquial passou a ser o ponto de encontro dos meus amigos do RI5, para jantaradas e discussões pela noite dentro. Ao contrário da messe de oficiais, onde as críticas ao regime e a questão colonial apenas se balbuciavam em voz baixa, acontece que naquele ambiente recatado podíamos falar à vontade. Nesse ano de 1966, o Vasco Lourenço (que comecei a observar como líder natural) era encarregado da sala de oficiais, era ele que afixava ao balcão do bar um convite enigmático convidando os interessados a participar numa sessão dos "Cursillos de Cristandade" em casa do capelão (eu que até criticava aquele método espanhol de conversão apressada, muito em voga na época e que eu considerava uma espécie de lavagem ao cérebro...)

O grupo cresceu rapidamente, já éramos mais de vinte, a casa tornou-se pequena. Foi então que mudámos para a Matoeira, onde entretanto eu tinha convencido o padeiro António Jacinto a improvisar um pequeno restaurante na adega anexa à padaria.

Não havia tabus. Temas quentes: a queda da Índia dita portuguesa e consequente perseguição ao general Vassalo e Silva e aos militares que o regime culpara da derrocada inevitável ("Só regressam heróis ou num caixão de pinho" - terá cominado o ditador). E depois em catadupa o assassínio do general Humberto Delgado com

as peripécias da Revolução da Sé, em 1959, e do golpe de Beja, em 1 de Janeiro de 1962; o desvio do paquete "Santa Maria" com destino (fracassado) a Angola e o apelo de Henrique Galvão às colónias africanas ("libertem-se, que nos libertam"); o pronunciamento do general Botelho Moniz, em Abril de 1961, e a proclamação salazarista (para Angola, "rapidamente e em força"). Tudo isto com o pano de fundo já rebatido, ou seja, a acusação de incompetência profissional das chefias militares, que estariam arrastando as Forças Armadas para a ruína, preparando-se o governo para responsabilizar os militares pela derrota inelutável, como o fizera na Índia. E protestavam que não queriam ser o suporte de uma política suicida nem o bode expiatório da derrocada do império.

Em boa verdade, não se ouvia uma palavra contra a guerra colonial. Naquele grupo, talvez só eu me tenha apercebido de que, se esta experiência se repetisse noutros quartéis, o regime teria os dias contados, à medida que o monólito doutrinário se esboroava no ridículo e na contestação da juventude militar. Só não sabia quando, mas quase apostava que a mesma circunstância (a guerra e a ditadura) aliada à uniformidade dos agentes dispersos (os militares descontentes) provavelmente produzisse o mesmo efeito. Não direi o mesmo efeito, mas análogo ou parecido, porque as circunstâncias e sobretudo as pessoas não são uniformes. E foi assim que, sete anos antes do 25 de Abril, eu comecei a ver uma luz ao fundo do túnel.

Ao longo de 1967/68, todo o grupo se dispersou para a guerra colonial, mas o Vasco teve de adiar o embarque, por razões burocráticas. Entretanto, mais se irritava com a "bandalheira" das chefias, a ponto de encarar sair da vida militar. Era preciso procurar um emprego compatível, e disso me incumbi entre os meus amigos de Lisboa. Já estava tudo tratado, quando ele me aparece a desistir do emprego, por ter sido nomeado para a Guiné, dizendo-se incapaz de recusar a nomeação, porque era o mais perigoso dos teatros de guerra e não queria que ninguém pusesse em causa a sua coragem pessoal. Lá foi. Quando voltou, vinha de candeias às avessas com o general Spínola, que acusava de prepotência e de desconsiderar os subalternos. E contou-me de uma certa reunião em Bissau, em que teve de fazer frente ao general perante quatro centenas de oficiais. É que

NESSE ANO DE 1966, O VASCO LOURENÇO (QUE COMECEI A OBSERVAR COMO LÍDER NATURAL) ERA ENCARREGADO DA SALA DE OFICIAIS, ERA ELE QUE AFIXAVA AO BALCÃO DO BAR UM CONVITE ENIGMÁTICO [*PARA*...] "CURSILLOS DE CRISTANDADE" EM CASA DO CAPELÃO

Direitos reservados

Chaminé da padaria do António Jacinto, na Matoeira, Caldas da Rainha

o comandante-chefe dava mais valor à componente política da guerra, ao passo que o nosso capitão não podia fugir da responsabilidade de segurança militar.

Entretanto, na Guiné, Spínola era foco de interesse da imprensa internacional. Eu próprio fui convidado como repórter de guerra do *Diário de Lisboa*. Levava comigo uma lista dos lugares críticos com mais interesse jornalístico. Logo no primeiro dia, o oficial de ligação, o major Otelo, o próprio, veio buscar-me para jantar com o general no Palácio do Governo. "Pode ver tudo o que quiser, garanto, é só dizer" - franqueou-me o cabo-de-guerra. Mostrei-lhe a lista e ele ficou espantado: "*Tá* dito, pode ver tudo, vejo que fez o seu trabalho de casa". O que ele não sabia era que a lista tinha-me sido sugerida pelo Vasco Lourenço. O trabalho correu bem, e, a partir de 28 de Agosto desse ano de 1972, publiquei no *Diário de Lisboa* quatro extensas crónicas que foram poupadas ao lápis azul, porque, descobri entretanto, que Spínola

infiltrara a Censura. Mais interessante foi a entrevista (o título é um ronco: "Não há que temer a autodeterminação"), só que o texto não passou pelos censores, porque o seu exame prévio foi negociado entre Spínola e Marcelo Caetano. Não gostou foi do meu título *Guiné, crónica imperfeita*. Expliquei-lhe que só tinha visto a guerra do ponto vista português, até tinha entrevistado o comandante-chefe, mas não tinha visto a guerrilha nem tinha entrevistado Amílcar Cabral. Concordou, sabendo que eu sabia que tinha contactos com Leopoldo Senghor (ter-se-iam encontrado a 18 de Maio de 1972), em Cap Shiring, estância turística da costa senegalesa a norte da nossa guerra.

Por essa altura, já eu tinha dado uma volta à vida, em nome da revolução cultural que atravessava a Igreja Católica, e punha em xeque a hierarquia dos bispos portugueses. "Cães mudos", o nome lhes fica bem, já assim lhes chamara um papa de outros tempos. Em Setembro de 1972, convidei o Vasco Lourenço para o meu casamento e, nessa altura, apresentei-lhe o Manuel Serra, meu herói da Revolução da Sé e do assalto ao Quartel de Beja. Gravei na memória este diálogo improvável:

Serra: *"capitão? era o que mais me faltava!"*. E eu atalhando: *"deixa lá, é capitão mas é dos nossos!"*. Vasco meio triste: *"capitão sim, mas por pouco tempo, vou-me embora, não tarda"*. E, logo o revolucionário resoluto, tratando-o por tu: *"se és dos nossos, agora é que não sais, vamos precisar de ti"*. Resposta do Vasco, surpreendido: *"olha lá, o Avelino disse-me que acabas de sair da cadeia de Caxias, apanhaste onze anos, e já te queres meter noutra?"*. Serra empolgante: *"mais do que nunca, assim que possa!"*

REGRESSADO DOS AÇORES, ÀS DUAS DA MANHÃ DE 29 ABRIL, [*VASCO LOURENÇO*] LOGO AVANÇOU PARA A LIMPEZA DA COVA DA MOURA, ONDE O STAFF SPINOLISTA SE INSTALARA PARA EMPALMAR A REVOLUÇÃO

Este diálogo gravou-se-me na memória de jornalista, mas o mais interessante é que Vasco Lourenço o tem recordado, vezes sem conta, por escrito e de viva voz nestes cinquenta anos, prova mais que evidente do seu impacto motivador. Durante a conspiração e também quando foi preciso recuperar o 25 de Abril. Posso testemunhar o apoio de Serra na análise política da situação, em apoio da iniciativa de Vasco Lourenço, que, regressado dos Açores, às duas da manhã de 29 Abril, logo avançou para a limpeza da Cova da Moura, onde o *staff* spinolista se instalara para empalmar a revolução.

Faço aqui um "da capo" para melhor entender

VASCO LOURENÇO ENQUADRAVA A LINHA MODERADA COMO ESTRATÉGIA QUE DESSE TEMPO AO AMADURECIMENTO POLÍTICO DA MAIORIA, ATRAVÉS DE PROCEDIMENTOS PARTICIPATIVOS QUE ALARGASSEM A BASE DE MOBILIZAÇÃO E EVITASSE RUPTURAS

o percurso da conspiração, desde a contestação corporativista aos famigerados decretos de Sá Viana Rebelo, o "Meia-Nau", que favoreciam desajeitadamente os oficiais milicianos do quadro de complemento (QC) em prejuízo dos oficiais do quadro permanente (QP). Era um isco para alargar a onda de descontentamento contra o regime. Vasco revela-se **aí** o mais lúcido conspirador, como um campeão de bridge. É ele que me vai entregar ao *Diário de Lisboa* o primeiro documento colectivo do Movimento dos Capitães, por sinal secundado por outra cópia trazida pelo major Carlos Fabião, meu conhecido da Guiné, que nessa altura frequentava o estágio para oficial superior, em Pedrouços, sendo que os dois não sabiam um do outro. Publicámos a notícia, em manchete de primeira página do dia 14 de Agosto de 1973, obviamente mutilada pela Censura. Faltavam 23 dias para a primeira e decisiva reunião do Movimento em Alcáçovas/Évora, no dia 9 de Setembro do ano da graça de 1973, data a partir da qual podem contar-se os 229 dias da conspiração.

O Movimento, entretanto, evoluiu da simples reivindicação salarial para um patamar de conscientização política, a ponto de alguns impacientes advogarem "porrada já", ao passo que a maioria nem queria ouvir falar de política. Vasco Lourenço enquadrava a linha moderada como estratégia que desse tempo ao amadurecimento político da maioria, através de procedimentos participativos que alargassem a base de mobilização e evitasse rupturas.

Muito mais haveria a dizer. Despeço-me por agora do assunto com uma nota final. Vejo a história da nossa conspiração como uma dialéctica entre dois grupos em fase de construção, polarizados em duas personalidades que representam um império que se fina e uma alternativa que renasce. Mas esta é apenas um jogo de sombras, pois que o mundo se move com o peso do tempo e a mole imensa dos povos, em evolução solidária e contradição permanente. É por isso que o 25 de Abril mal começou, mal se conhece e não pára de acontecer.

Lisboa Julho de 2023

* Jornalista, sócio da A25A

Direitos reservados

Reunião para a Conspiração com Otelo Saraiva de Carvalho, Carlos Fabião e o autor deste texto, Carlos Clemente

MARÇO DE 1974
PRESO NOS AÇORES

CARLOS CLEMENTE*

Era uma madrugada fria de março. O dia 9 desse mês de 1974 iniciava com o meu regresso a casa, após uma reunião em Alvalade, na residência do meu camarada Luís Macedo. Nessa noite, tomámos uma decisão que tinha tanto de importante como de arriscada. Eu, o Antero Ribeiro da Silva e o Vasco Lourenço, enquanto membros do Movimento dos Capitães, decidimos que não iríamos embarcar para as ilhas, tal como tinha sido superiormente determinado. Como forma de justificação, planeamos forjar um rapto que cobrisse essa ausência. O primeiro a ser "raptado" seria eu, passadas duas ou três horas, pelo Otelo.

Apesar de o relógio marcar as seis horas da manhã, não conseguia pregar olho, tamanha era a adrenalina. Distraído pelos meus pensamentos, dou um salto no sofá assim que oiço a campainha da entrada tocar. Apresso-me a abrir a porta e, para meu espanto, deparo-me com o tenente-coronel Ferrand de Almeida, sisudo, devidamente fardado e com o capote vestido para ocultar a arma que trazia consigo.

Antes sequer de o convidar a entrar, deu um passo em frente e instalou-se no *hall* do meu apartamento. Enquanto tentava averiguar qual o motivo daquela visita inesperada (e inoportuna), rapidamente fui esclarecido. As ordens eram claras: tinha vindo buscar-me para evitar que eu fosse "raptado". A naturalidade com que explanou a missão que lhe tinha sido atribuída, ainda hoje me deixa com dúvidas. Será que ele sabia exatamente o que se estava a passar? Impotente perante aquele imprevisto, pedi-lhe que me deixasse ao menos fazer a mala. Para meu espanto, acedeu ao meu pedido sem pestanejar. Muito provavelmente, o choro agudo da minha filha recém-nascida e o semblante pesado da minha mulher não o deixaram indiferente.

No instante em que estava prestes a fechar a mala, toca o telefone. Era o Otelo, num tom de voz reduzido, a informar-me que estava à minha espera, junto à cabine telefónica do outro lado da rua. Olhei em redor e apercebi-me que podia falar. Antes que fosse descoberto, disse-lhe que já estava sob prisão e que, por esse motivo, não iria ter com ele. Pousei o telefone, recompus-me, e com forças de origem desconhecida, lá consegui despedir-me com a naturalidade que me era possível. Bati com a porta, sem pensar muito sobre quando voltaria a atravessá-la e, lado a lado, eu e o tenente-coronel aguardámos silenciosamente que o elevador nos viesse buscar ao 6.º andar.

Parámos no rés-do-chão. Durante aquela travessia descendente, não trocámos uma palavra. Ao sair do ascensor, esbarro em dois soldados armados de G3. Levanto os olhos até à rua e vejo também um VW Carocha preto. Assim que chego cá fora, o motorista sai de imediato para nos abrir a porta. Apesar de o espaço não abundar, lá conseguimos instalar-nos na viatura. Subtilmente, observo a cabine telefónica para me assegurar que o Otelo já se tinha ido embora, não fosse a curiosidade atraiçoá-lo. Ao con-

trário do carro, a rua estava vazia. Arrancámos de forma apressada. Após inúmeras voltas pela capital, fomos parar a Monsanto, onde descemos em direcção à Calçada da Ajuda. Naqueles quilómetros, tudo me passava pela cabeça. À medida que pintava cenários pouco promissores, procurava resistir à angústia e à frustração. Felizmente, chegámos antes do meu desespero. Seria o portão do Regimento de Cavalaria 7, que já se encontrava de prevenção rigorosa, a primeira paragem de uma aventura indesejada, mas com um final (muito) feliz.

Entrámos no quartel e estacionámos de imediato. Sendo que era eu o único elemento à civil, tornava-se particularmente desafiante não dar nas vistas. Lembro-me de ter abordado o Ferran de Almeida para fazer uma chamada telefónica. Não me recordo se autorizou, mas não me sai da cabeça a reação dos oficiais perante a minha chegada ao bar. Num claro sinal de quererem distanciar-se do meu caso, todos saíram, deixando-me a sós com o soldado barista que se manteve entretido a secar uns copos. Pouco depois, o tenente-coronel regressa e informa-me de que o comandante pretendia falar comigo. Sem grandes alternativas, dirigi-me ao gabinete do coronel Romeiras, que, prontamente, me transmitiu uma mensagem do secretário de Estado da Defesa: "Nosso capitão, acabei de receber um telefonema para lhe perguntar se sabe do paradeiro dos capitães Vasco Lourenço e Ribeiro da Silva". Sem hesitar e tampouco reflectir, respondi: "Não sei onde estão e, como deve calcular, mesmo que soubesse, não lhe poderia dizer". Com um esgar de satisfação, o coronel Romeiras terminou o diálogo: "Não esperava de si outra coisa. Pode retirar-se". Perante aquela reacção, e também pelo facto de não nos conhecermos, senti-me algo esperançoso.

Novamente acompanhado pelo meu oficial de guarda, retornei por breves instantes à sala de oficiais, que continuava vazia. Posteriormente, voltámos ao VW Carocha para mais uma viagem rumo a destino incerto. A consciência da gravidade da situação impedia-me de verbalizar as incontáveis perguntas que me atormentavam. Naquela viatura, o silêncio só não era sepulcral, porque o motor não o permitia.

Próxima paragem: Aeroporto de Lisboa. Presumi que não fôssemos buscar alguém, pelo que só me restava uma hipótese. Assim que cruzo as portas de entrada, sou acolhido por um aparato ao qual não estava acostumado. Recordo-me de pensar: "Com tantos PIDE, PSP e PM, das duas, uma: ou sou uma figura importante ou um terrorista perigoso". Avaliando em retrospectiva, naquele contexto, talvez fosse ambos. Sem mais tempo a perder, fui encaminhado até aos balcões da TAP pelo tenente-coronel, onde lhe deram a informação de que já tinham os dois bilhetes para Boston, com partida às 14h00, via Santa Maria (Açores).

Dez minutos após termos embarcado na aeronave, o insólito acontece: uma ameaça de bomba. Num dia normal, teria ficado preocupado, mas em comparação com a minha manhã, um engenho explosivo era a menor das minhas

NO MEIO DE TODO ESTE "AZAR", ACABEI POR SER BAFEJADO PELA SORTE. NEM DOIS MESES DEPOIS, ACONTECE O 25 DE ABRIL. A REVOLUÇÃO PELA LIBERDADE QUE, NO MEU CASO, VEIO A SER NÃO SÓ NO SENTIDO FIGURADO COMO TAMBÉM LITERAL

preocupações. Com o alvoroço controlado pela tripulação, saímos todos do avião e, já no exterior, retiraram as malas do porão para serem identificadas. Assim que as autoridades exclamaram "falso alarme!", retomámos aos nossos assentos e descolámos dentro da normalidade. O meu lugar situava-se junto à janela. Lembro-me de contemplar o vasto Atlântico, enquanto tentava encontrar uma resposta para duas perguntas que teimavam em persistir. Tomei a real consciência do que estava a acontecer naquele 9 de março de 1974. "Algum dia voltarei a Lisboa com vida? Vou poder ver a minha filha crescer?" — eram estas as questões que mais me faziam desesperar. No meio da escuridão daquele túnel, acendeu-se uma luz ao fundo, na simpatia da hospedeira que, de forma perspicaz, apercebeu-se da situação e por isso teve um cuidado especial comigo, chegando ao ponto de me servir vinho por duas vezes.

Passadas quase três horas desde que deixámos Lisboa, aterrámos na ilha de Sta. Maria. A estadia foi curta, já que tínhamos à nossa espera um outro avião, desta vez da SATA, com destino à Terceira. São poucas, ou quase nenhumas, as memórias que tenho desses derradeiros momentos antes de chegar à minha "última" morada: a Fortaleza de São João Baptista. Era aqui que funcionava o Regimento de Guarnição N.º1 e onde, curiosamente, no início do século esteve preso Gungunhana — o último imperador de Gaza.

No meio de todo este "azar", acabei por ser bafejado pela sorte. Nem dois meses depois, acontece o 25 de Abril. A revolução pela liberdade que, no meu caso, veio a ser não só no sentido figurado como também literal. Se me dissessem, há cinquenta anos, que hoje poderia estar a partilhar este relato de forma serena, livre e espontânea, talvez não conseguisse acreditar logo à primeira. Ainda assim, algo mais profundo no meu ser não parava de insistir nessa possibilidade de um futuro mais livre, justo e humano.

Nunca vou saber quanto tempo teria aguentado naquela prisão, nem se algum dia voltaria ao continente com vida. Felizmente, a História foi escrita de outra forma e, graças a isso, pude também escrever esta memória à minha maneira.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

1973: CHEGOU O TEMPO DE INTERVIR NO CAMPO POLÍTICO

DAVID MARTELO*

Em Outubro de 1973, a notícia da suspensão dos DL 353/73 e 409/73 como que definiu a travessia da meta a que se propusera a contestação militar desse Verão. Era chegado o momento de intervir no campo político, onde, independentemente da nossa vontade, já nos encontrávamos envolvidos como participantes activos numa guerra que se arrastava desde 1961. Estávamos conscientes do divórcio existente entre a maioria da população e a luta que as Forças Armadas travavam em África. A vertente moral do prosseguimento da guerra afectou-nos de forma decisiva. Dos elementos que entendo fazerem parte da inerente pressão moral exercida sobre os jovens oficiais, sempre destaquei os seguintes:

– O alheamento da população quanto à evolução da guerra;
– A incapacidade do governo para fornecer às tropas os meios materiais que tornassem admissível uma ideia de vitória, em vez da institucionalização de uma guerra sem fim;
– As acusações que, em surdina, se faziam aos oficiais das Forças Armadas, entre as quais se contavam a sustentação do regime ditatorial e, até, a presunção de que a guerra não terminava, porque era financeiramente lucrativa para os militares do quadro permanente.

Revoltava-me a ausência de um forte elo afectivo entre a população e os que combatiam,

sentindo a injustiça desse distanciamento. Com esta profunda convicção, participo na reunião de 24 de Novembro de 1973, em S. Pedro do Estoril, e, uma semana depois, na de Óbidos. Delas emerge a necessidade de obter a legitimação da guerra. Isto é, para a maioria dos capitães, existe a clara disponibilidade de continuar a combater, desde que os portugueses exprimam essa vontade, por via eleitoral livre. É esse desejo de identificação com a vontade do povo que nos conduz para a única solução adequada: a instauração de um regime democrático.

Recordo-me dos cuidados de linguagem e da exposição de conceitos que denotava a maioria dos participantes. Pelo contrário, a intervenção do tenente-coronel Banazol, em S. Pedro do Estoril, já estava calibrada para o que interessava – o derrube da ditadura, através de um golpe militar. Interiormente, aplaudi a intervenção daquele camarada mais velho, embora tenha procurado manter uma atitude prudente.

À medida que ia findando o ano de 1973 e se dava início ao de 1974, as notícias do estado terminal do Regime iam-se acumulando. Em Janeiro, a situação em Moçambique era francamente preocupante. Uma família de agricultores brancos é massacrada por guerrilheiros junto à fronteira com a Rodésia. Na sequência desse acontecimento, os civis brancos da Beira manifestam-se violentamente junto da Messe de Oficiais, acusando o Exército de passividade e cobardia. Quando a notícia é difundida pelos canais do Movimento, sobe o número dos que se dispõem a intervir.

ESTÁVAMOS CONSCIENTES DO DIVÓRCIO EXISTENTE ENTRE A MAIORIA DA POPULAÇÃO E A LUTA QUE AS FORÇAS ARMADAS TRAVAVAM EM ÁFRICA

Em 22 de Fevereiro de 1974, o general Spínola publica o livro *Portugal e o Futuro*, no qual apresenta uma solução para o problema ultramarino, causando um fortíssimo abalo político-militar que traz para o Movimento os derradeiros indecisos, na sua maior parte oficiais mais conservadores e de patente acima de capitão. Com este gesto de Spínola, resolvia-se o problema da "traição", que fora malevolamente levantado, logo em 1961, por ocasião do frustrado "golpe Botelho Moniz". O patriotismo tinha, agora, uma palavra a dizer do lado dos opositores ao Estado Novo.

Março de 1973 é já um período em que se pressente a proximidade de acontecimentos decisivos. Lemos na imprensa a virulência dos debates na Assembleia Nacional, com a confrontação entre os 'duros' do regime – personalizados na figura do deputado Cazal Ribeiro – e o pequeno núcleo de deputados que constituíam o remanescente da "Ala Liberal", a que pertencera Sá Carneiro.

Em 5 de Março de 1974, desloco-me a Cascais para participar naquela que viria a ser a última reunião plenária antes de 25 de Abril. Enquanto a sociedade portuguesa se agita com a leitura de *Portugal e o Futuro*, o Movimento apresenta nessa concorridíssima reunião o primeiro documento de conteúdo político e programático. Lido pelo major Melo Antunes, recordo-me dos largos momentos de discussão que se seguiram. Sendo a esmagadora maioria dos oficiais presentes oriundos do ramo Exército, estavam também representadas a Força Aérea (onde se incluíam os paraquedistas) e a Armada. É curioso recordar que, enquanto para os delegados da Armada o documento ficava aquém (à direita) das posições dominantes no seu ramo, para os da Força Aérea o texto era demasiado *político* (entenda-se *de esquerda*) e não seria bem visto no seio daquela instituição. Recordo-me que houve, efectivamente, discussão acalorada, dúvidas insanáveis e temores vários, como era natural que sucedesse em assunto de tamanha gravidade. Mesmo assim, o documento seria assinado por mais de metade dos oficiais presentes.

Regresso à Escola Central de Sargentos (ECS), a minha unidade, sem saber bem se acabara de ver um copo meio-cheio ou meio-vazio. Na manhã de sexta-feira, dia 8, sou chamado ao comandante. Visivelmente surpreendido, anuncia-me que recebera uma mensagem que ordenava a minha transferência para o Batalhão de Caçadores 3, em Bragança. Apesar de ser um oficial de tipo prussiano, tinha tido com ele, após a reunião de Alcáçovas, algumas conversas sobre a contestação que fazíamos dos DL 353 e 409. Quando me perguntou se eu sabia a razão da transferência, respondi que seria por causa do meu envolvimento nesse processo. Como sempre denotara grande respeito por mim, despedimo-nos com amizade e fui à secretaria levantar a guia de marcha, pela qual partiria para o BC 3 na segunda-feira, dia 11, pelas 08h00. Seguidamente, peguei nos meus artigos pessoais e fui para o Porto, para casa da minha mãe.

Cerca da meia-noite, recebo um telefonema da Escola a notificar-me que deveria apresentar-me no quartel, porque a unidade passara ao estado de prevenção rigorosa. Não imediatamente, vim a saber que a prevenção se devia ao "rapto" que o Movimento executara de outros dois oficiais (Vasco Lourenço e Antero Ribeiro da Silva) que haviam, igualmente, recebido ordem de transferência. Os dias 9 e 10 deram tempo ao comandante para interceder por mim junto do QG da Região Militar de Coimbra. Foi o bastante para que o ministro do Exército acedesse à anulação da transferência. No fim-de-semana seguinte, voltámos à prevenção rigorosa. Desta vez, por causa da saída da coluna do Regimento de Infantaria 5, nas Caldas da Rainha. Em Águeda, na Escola Central de Sargentos, ficamos surpreendidos e tristes pelas notícias desse dia. Março termina com camaradas presos e vários outros transferidos de unidade. Era forçoso não desanimar e reconhecer que mantínhamos todas as condições de sucesso.

* Capitão de Abril

O CAMINHO SERIA FEITO CAMINHANDO

FRANCISCO FIALHO DA ROSA*

Devo dizer, como notas prévias, que escrevo este meu depoimento a pedido do meu grande amigo Aniceto Afonso, que distingo como seu destinatário, e, em segundo lugar, não posso deixar de me questionar sobre o que significa recordar factos, emoções e sentimentos vividos há quase 50 anos!

Sem registos de qualquer natureza, que os não tenho, regressar tão atrás no tempo, na tentativa de capturar e retirar "elementos puros" para um depoimento, é necessário ter em atenção e considerar de que forma vivências posteriores – e tantas foram – poderão ou irão certamente afectar as recordações daquela época.

Diz-se que a vida não é como a vivemos! Ela contém também, e sobretudo, os elementos que recordamos e, mais interessante, a forma como os recordamos!

Em Março de 1973, regresso de uma comissão em Angola, como complemento do Tirocínio. Os oficiais de Transmissões, em Angola, não estavam sujeitos, nessa altura, a duras provas operacionais, embora empenhados na melhoria das comunicações militares, quer internas e operacionais, quer nas ligações a Lisboa.

A problemática da guerra tinha sido, no entanto, desenvolvida no meu consciente desde 1961, ainda no Liceu em Beja e depois na Academia Militar, na Universidade, na Igreja e no meio civil.

Se em 1961 ainda era possível acreditar que se lutava por uma causa, em 1973 tal deixava de ser uma realidade. A contestação a nível militar começa a tomar alguma importância, antevendo-se que recuar não seria possível.

Em Setembro de 1973, dou conta de uma reunião de oficiais em Alcáçovas, onde não estive

presente. Em Outubro, estou em Itália, nomeado para um curso de Guerra Electrónica.
Nessa estadia, a guerra que Portugal travava em África era um dos motivos de conversa com militares de outros países, o mesmo acontecendo com questões de carácter social e cultural.
Chegado a Lisboa, sou confrontado com o facto de terem sido assinadas exposições por todos os capitães do quadro permanente da Escola Prática de Transmissões (EPT), para entrega ao ministro do Exército, por desacordo com o DL 353/73, de 13 de Julho. Tal situação, soube ainda, constituía uma manifestação de grande parte dos capitães do Exército.
A minha assinatura seguiu o caminho das outras que ainda não tinham sido entregues. Este facto constituiu uma muito importante decisão do jovem capitão que então eu era, assumindo, em consciência, que algo estava em marcha e que o caminho se afigurava temeroso e com consequências difíceis de prever.
Estamos em Dezembro de 1973, na reunião em Óbidos, onde esteve presente o major Saraiva Mendes, da Escola Prática de Transmissões, que promoveu uma reunião na Unidade com os oficiais oriundos da Academia Militar, cujo ponto principal e único era a eleição de três oficiais para integrarem uma Comissão Coordenadora do Movimento. Foram eleitos, por voto secreto, o major Alcide de Oliveira e os capitães Homero Figueira e Fialho da Rosa. Alcide de Oliveira viria a desistir, tendo sido substituído pelo capitão Pinto de Castro.
A minha relação com o comandante, embora distante, era cordata e franca, o que me levou a dar-lhe conta da reunião e da minha eleição. Acredito hoje que o 2.º Comandante, não oriundo da Academia Militar, sempre foi mantido à margem deste assunto pelo comandante.
Uma semana depois realiza-se a primeira reunião da comissão numa vivenda da Costa da Caparica, com natural agitação dos presentes e poucas ou nenhumas ideias do caminho que se pretendia percorrer. Desta reunião, retive a incipiente ou inexistente agenda, a dificuldade na orientação dos trabalhos e a grande indefinição de como prosseguir. Mas fiquei com uma certeza! O caminho a percorrer, certamente irreversível, seria feito caminhando...
Neste contexto, os contactos continuam e na EPT alguma agitação ia acontecendo. E os acontecimentos da Beira, em Moçambique, são disso um exemplo.
Nessa altura, eu exercia o cargo de comandante de companhia e chefe do Centro Nacional

SE EM 1961 AINDA ERA POSSÍVEL ACREDITAR QUE SE LUTAVA POR UMA CAUSA, EM 1973 TAL DEIXAVA DE SER UMA REALIDADE. A CONTESTAÇÃO A NÍVEL MILITAR COMEÇA A TOMAR ALGUMA IMPORTÂNCIA, ANTEVENDO-SE QUE RECUAR NÃO SERIA POSSÍVEL

de Telecomunicações, pelo que, para mim, foi fácil, ainda que dispensando temporariamente os respectivos operadores, receber, directa e pessoalmente, um telex enviado de Nampula pelo capitão Bastos Moreira, sobre aqueles acontecimentos e que, de seguida, entreguei ao capitão Vasco Lourenço. Desse telex resultou a Circular n.º 1 do Movimento.

Este documento teve algum impacto em parte da sociedade lisboeta, designadamente na universidade, preocupando o Governo. Digo isto, porque o comandante da Escola foi "incomodado" pelo episódio, após o que me chamou e ouviu, tendo eu assumido a total e completa responsabilidade pela recepção do telex citado. Ainda houve "refluxos" sobre o caso nos dias seguintes e na escola tudo arrefeceu com estranha rapidez. Uma certeza retirei deste incidente! Entre mim e o comandante estabeleceu-se alguma cumplicidade que eu haveria de confirmar nos tempos e em acontecimentos posteriores.

Na escola, havia um número significativo de oficiais milicianos, alguns recém-saídos da universidade, o que ajudava na discussão, embora cuidada, dos acontecimentos. As questões políticas, sociais e económicas eram tema de conversas frequentes, ainda que com algum cuidado e sempre de forma discreta.

Pelo conjunto de situações e vivências nesta época, sentia-se, mais por sensibilidade do que por concretos indicadores, que a situação, algo tensa, não estava segura nem seria duradoura. Claro que não seria possível, nem ninguém esperava, que se pudesse alterar as coisas de forma instantânea e sem sobressaltos. Faço referência a este estado de alma, porque todos queriam a mudança, todos queriam que ela fosse rápida, célere e pacífica, mas... só não se sabia como!

QUANDO SE DÁ O "GOLPE DAS CALDAS", RECORDO A PERPLEXIDADE E AS DÚVIDAS COM QUE FICÁMOS

Lembro o lançamento do livro *Portugal e o Futuro*, de António Spínola. Houve uma adesão maciça para a sua compra, como se esta atitude fosse suficiente para que a mudança acontecesse. Era como se ali estivesse a solução pacífica para o fim do Governo e da guerra!

Mas, todos o sabemos, o êxito foi só editorial!

No dia 5 de Março, realizou-se a reunião de Cascais, com a presença de mais de uma centena de oficiais, onde a assinatura de um "manifesto" me colocou num caminho que se me afigurava cada vez mais irreversível.

Quando se dá o "Golpe das Caldas", recordo a perplexidade e as dúvidas com que ficámos. Este acontecimento e a sua interpretação não

eram, no entanto, uma prioridade, principalmente para quem continuava a reunir-se para o que haveria de ser o 25 do mês seguinte...
A este propósito lembro, no final desse mês de Março, uma reunião num apartamento na Parede, para onde fui acompanhado pelo capitão Luís Macedo, e onde as vozes elevadas por acaloradas discussões e muitos cigarros a arder, não impediram o abrir das janelas.
A reunião foi pela noite dentro!
Cá fora, a certeza do silêncio e o não saber se outros ouvidos escutavam....

Que mãos moldam o barro que somos? Que desígnio nos faz viver o que vivemos? Sempre me interroguei, desta forma, para tentar responder ao que de mim desconheço e que suponho não seja pouco.
Em 1973, a minha matriz de pensamento social e político estava praticamente formada e definida. A minha origem, a formação escolar e académica, os livros e o complemento dos jornais *Diário de Lisboa* e o recente *Expresso* tinham contribuído para tal.
Tirando algum protagonismo na Escola Prática de Transmissões, nada me leva a crer que fui determinante no evoluir da situação militar tendo em vista o que seria o 25 de Abril, nem um observador privilegiado com capacidade de estudar e interpretar os factos que aconteciam. Vivia com uma espécie de sensação tranquila pela sucessão de situações e episódios, pelo entendimento que progressivamente assumi da irreversibilidade do que estava a acontecer e pela ideia de estar "referenciado". Esta posição permitia-me transmitir alguma segurança aos oficiais da Unidade com quem mais conversava.
Até Março de 1974, tudo me parecia ser demasiado fácil e demasiado pouco contrariado!
Refugio-me no que escrevi no início para concluir que me pareceu que externamente ao MFA terá havido quem dele se aproveitou, para resolução de problemas de difícil solução, tendo-nos facilitado a visão, não muito difícil de conseguir, do "dia inicial inteiro e limpo".

QUE MÃOS
MOLDAM O BARRO
QUE SOMOS?
QUE DESÍGNIO
NOS FAZ VIVER
O QUE VIVEMOS?
SEMPRE
ME INTERROGUEI,
DESTA FORMA,
PARA TENTAR
RESPONDER
AO QUE DE MIM
DESCONHEÇO
E QUE SUPONHO
NÃO SEJA POUCO

* Capitão de Abril, sócio da A25A

A HORA DA **LIBERDADE**

JOANA PONTES*

Recuo a 1998, há 25 anos. Trabalho como realizadora na estação de televisão SIC e tenho em mãos a preparação de um filme sobre o dia 25 de Abril de 1974, mais precisamente sobre as manobras militares que ocorreram um pouco por todo o País e conduziram ao derrube do regime político chefiado por Marcello Caetano. Vai acompanhar-me o então major Rodrigo de Sousa e Castro, militar envolvido no movimento e que fará a ligação com a instituição militar. Sem a sua colaboração seria praticamente impossível visitar os quartéis de onde saíram as tropas e encontrar e selecionar o material que nos permitirá reconstituir o que se passou nesse dia.
Não o conheço. A sua energia, ironia mordaz e boa disposição contribuem para a certeza de que levaremos este projecto a um bom porto. Vai ajudar-me também na recolha de informação para a escrita do guião. É preciso detalhar com clareza o que aconteceu nesse dia: as horas, os meios envolvidos, os protagonistas e a sequência dos acontecimentos.

Na SIC, temos à nossa disposição uma sala pequena onde colocaram duas secretárias, algumas cadeiras, telefones, um armário, uma estante e uns quantos livros. Recordo os de Otelo Saraiva de Carvalho e os de Diniz de Almeida. Muito rapidamente percebemos que é necessário preparar um conjunto de pequenos filmes a transmitir diariamente que tracem o percurso da conspiração que levou à existência do Movimento dos Capitães e à preparação e execução do golpe militar. Dar a conhecer este processo permitirá um claro entendimento dos antecedentes do dia 25 de Abril.

E assim começou uma longa e inesquecível jornada de estudo, investigação e persistência. Foi preciso identificar, localizar e convocar os envolvidos em cada reunião e os que estiveram no comando e execução das manobras militares. Aceitaram contar as suas memórias com uma generosidade que me surpreendeu. Com a sua autorização, gravei as nossas conversas em cassetes utilizando um pequeno aparelho

de uso doméstico. Mais tarde, serviram para podermos editar em livro estes testemunhos que se revelaram de grande importância na compreensão dos antecedentes da revolução e da própria manobra militar.
Para estas conversas trouxeram papéis com datas e rascunhos de documentos, algumas fotos e até um filme da chegada de um pequeno grupo de militares a uma das reuniões. Nesse filme, de muito curta duração, a cores e sem som, recordo-me da chegada de um automóvel, talvez um *Datsun* de cor viva, que estaciona junto a uma estação de comboio. A porta do condutor abre e sai um dos conspiradores. Discretamente junta-se a outro que andava por ali. É do que me lembro.

PARA ESTAS CONVERSAS TROUXERAM PAPÉIS COM DATAS E RASCUNHOS DE DOCUMENTOS, ALGUMAS FOTOS E ATÉ UM FILME DA CHEGADA DE UM PEQUENO GRUPO DE MILITARES A UMA DAS REUNIÕES

Destas conversas, tomei muitas notas tentando que não ficassem perguntas por responder. Encontro nas minhas anotações uma observação curiosa que fiz a Vítor Alves:
"A questão das reuniões tem sido um pouco complicada. Já falámos com alguns militares e cada um deles julga que a reunião em que esteve foi a mais importante..."
Vítor Alves, respondeu:
"Eu tenho muita dificuldade em dizer-lhe qual delas foi a mais importante porque todas elas foram importantes: as reuniões, os plenários, as reuniões das comissões coordenadoras, foram todas importantes porque marcaram passos sucessivos, o movimento foi crescendo e em pouco tempo. Mas há três reuniões que foram muito importantes: S. Pedro, Óbidos, a seguir a de Cascais. Há muitas mais, mas estas três... a de Cascais foi a mais importante porque é a que define mais o cariz político do movimento. Mas para se chegar aí teve de se começar pela de Évora, depois a de S. Pedro..."

No final desses dias intensos de entrevistas com os militares, reunia-me com o major e a produtora Paula Moura e fazíamos uma síntese do que ali fora dito, preenchendo, na medida do possível, os espaços vazios do grande *puzzle* que era a reconstituição das reuniões e de tudo o que se lhes seguiu até ao dia da revolução. Desfizemos enganos e solucionámos mistérios cruzando informações de vária natureza e diferentes fontes.

Na fase seguinte, com a história já dominada, fomos com alguns dos envolvidos e com uma

equipa da SIC aos locais onde ocorreram as principais reuniões. Não me lembro de tudo mas surgem-me imagens do Monte Sobral, em Alcáçovas, perto de Évora, da casa da Cerca, em S. Pedro do Estoril, do cinema em Óbidos, de uma casa na Costa da Caparica, que, vim a descobrir, pertencia aos pais de um colega que estudara comigo na escola de cinema. E lembro-me ainda de subir umas escadas para a casa de Cascais.

Nestes locais, que agora via sob uma outra luz, alguns dos que ali haviam estado presentes 25 anos antes contaram as suas memórias. Às vezes discordavam sobre pequenos pormenores: os lugares onde haviam estado sentados, ou quem falara em primeiro lugar, ou ainda quem fora o autor de uma frase relevante:

"Não tenhamos ilusões: o governo só sai a tiro e os únicos capazes de o fazer somos nós, mais ninguém!"

Surgiam dúvidas sobre pequenos incidentes que a memória refizera. Mas a versão do que de substancial acontecera era sólida e comum e não se definia pelo pormenor. Sabiam exactamente o que ficara decidido em cada local e quais os passos seguintes. Escutei interpretações díspares sobre os resultados de algumas decisões, ouvi piadas e ditos sobre uns e outros, seguidas de gargalhadas espontâneas apropriadas à intensidade deste momento de recordação que nos era agora tão necessário. Conheciam-se mutuamente. Afinal, conheciam-se da guerra e o que passaram em conjunto determinara, com frequência, uma indesmentível ligação.

Mais tarde, já na construção do regime democrático, não haveriam de estar todos do mesmo lado. Hoje, quando oiço as conversas sobre estes dias e leio textos publicados com estas memórias e análises, o que fica é o receio do esquecimento, comum a todos, o medo de que não se consiga transmitir aos mais novos e ao País o que foi o sofrimento e a guerra num regime opressivo que calava e menorizava a população. Fica o receio de que se tome a liberdade e a democracia como garantidas. Estão conscientes do perigo que essa atitude representa.

Os pequenos filmes sobre as reuniões da conspiração ficaram prontos e foram emitidos, um por dia, no mês de Abril, antes da data das comemorações do vigésimo quinto aniversário da revolução.

Preparar estes filmes fez-me compreender as acções que ficaram fora das narrativas principais, dando lastro a uma revolução que não sucedeu improvisadamente, de um dia para o outro, e muito menos originada por questões salariais.

Os militares que conspiraram contra o regime e que, mais tarde, o derrubaram agiram, por constatarem que a solução política da guerra tardava e que a situação no terreno se deteriorava, não sendo já possível exigir aos jovens e à sociedade tantos sacrifícios e sem fim à vista. Os ventos da história sopravam noutra direcção e o regime que governava Portugal nunca o entendeu.

* Realizadora e professora do ensino superior

1973: UM FIM E UM INÍCIO

JOÃO ANDRADE DA SILVA*

Ao escrever sobre 1973, sinto de imediato o deslumbramento deste glorioso ano, que, para mim, foi o início do fim que desejei em 23 de Dezembro de 1971, quando, ainda alferes, a comandar interinamente uma companhia em Lumbala Velha (Angola), disse sem pestanejar ao todo poderoso general Bettencourt Rodrigues que, de acordo com o aprendido na Academia Militar, não tinha condições para fazer a guerra (tinha de transportar na viatura rebenta-minas metade de um pelotão). Para minha surpresa, ele limitou-se a dizer: "fazemos a guerra com os meios que temos". Fiquei esclarecido!

No ano seguinte, em 13 de Novembro 1972, escrevi ao meu camarada Custódio Pereira, dizendo-lhe: "esta guerra está perdida, não te metas em alhadas, e quando chegarmos ao continente, nós, os subalternos (não acreditava nos capitães e oficiais superiores) temos de exigir a clarificação da natureza da nossa missão, bem como os meios que temos para a realizar". Era este o meu sentimento sobre aquele pesadelo militar. Com o meu regresso de Angola, iniciava-se enfim o meu desejo – acabar com aquela guerra.

O início de 1973 foi mau. Ainda hoje não sei porque me mandaram fazer o curso de sapador das armas. Fui para o curso, na Escola Prática de Engenharia, onde encontrei boa camaradagem. Acabado o curso de sapadores, regressei à Escola Prática de Artilharia, ao fascínio da instrução, e aí começou a acontecer o inesperado, o inimaginável – os capitães que reconheci como incompetentes em África, passaram, através do capitão Domingues, a ser vistos por mim como grandes homens. O capitão Domingues disse, na biblioteca da unidade, ao secretário de Estado do Exército que não aceitávamos ficar de cócoras perante a cilada que nos estavam a montar com a criação muito rápida de futuros oficiais de operações provetas, para

fazerem, sem travão, todos os actos suicidas que a governação psicótica entendesse, sacrificando mais vidas, e tornando o curso da guerra mais dramático e o seu fim trágico. Assim, determinantemente, dizíamos: Não!

O capitão Domingues traçou o rumo. Claro que foi transferido para outra unidade, e ficámos impávidos e serenos. Gostava dele, lamentei a sua transferência, e, pior, lamento a sua partida tão precoce da vida...

Estar na Escola Prática de Artilharia em 1973 foi, por um lado, subir todos os dias o Evereste de um presente para vislumbrar o futuro, mas ao mesmo tempo estar num laboratório social, humano, militar e clandestino de mil experiências. Por exemplo:

- Participar em reuniões secretas, num quarto de esquina do 2.º andar da messe de oficiais, para não sermos escutados, colocando-se colchões na parede para abafar o ruído (vejo a imagem e pergunto: memória ou sonho?).
- Participar no magnífico "9 de Setembro", no Monte Sobral, com aquela clandestinidade de irmos ao Templo de Diana receber o *croquis* para nos dirigirmos para o local da reunião, simplesmente fantástico! No Monte éramos tantos!, e eu fazia parte dos mais novos, tenente de fresco. Alguns falaram muito, como burocratas, mas chegou a voz caudal e de liderança à militar de Vasco Lourenço – Eis o meu comandante!

Todavia, olhando para aqueles capitães e recordando os que conheci na guerra, logo pensei em ser dos primeiros a assinar o documento. Assinei em 9.º lugar, só outro tenente assinou antes de mim. Todos assinaram e não fomos cercados – VITÓRIA!

Quartel da Damba, Angola 1972

- Viver o processo em que as unidades do tipo A, as mais fortes, com mais capacidade militar, passam a reunir-se em Santarém a partir de Novembro, em casa do Salgueiro Maia: EPC,

A fazer o ciclo da Água
A garantir o ciclo da Vida

EPAL
Grupo Águas de Portugal

A CONSPIRAÇÃO

EPI, EPA, CIAAC, PÁRAS. Éramos o poder e o Salgueiro Maia o comandante operacional para derrubarmos o governo, e acabar com a guerra. Levaram-me para estas reuniões dois camaradas mais antigos, o Ferreira da Silva e o Ferreira de Sousa. Isto já nada tinha a ver com decretos e razões corporativas.

A certa altura, através das relações que foram estabelecidas, veio o general Spínola: nada queria com o general Kaulza de Arriaga e o golpe que o mesmo queria patrocinar, pois tinha ao seu dispor a Calçada da Ajuda. Nestas reuniões, admirei muito o nosso comandante Salgueiro Maia. Como eram reuniões clandestinas relembro a sala meio escurecida e Salgueiro Maia, que supus com uns bons anos a mais do que eu, tinha já feito mais de uma comissão na guerra, julgava-o muito antigo, mas, já depois de partir, soube que tinha, afinal, só mais quatro anos do que eu. Tenho uma honra enorme por ter 25 anos no 25 de Abril! Mas estas gloriosas reuniões foram apenas duas, e logo terminaram... Coisas!

- Participar no grande sonho daquela juventude – acabada a guerra íamos construir o império da paz e da prosperidade comum! Em cada palavra estava a marca indelével dos militares que éramos e das soluções justas e bastante à militar que preconizávamos, sem nenhuma inspiração, a este nível, de Marx ou outrem, agíamos com base nas evidências empíricas, à luz dos valores transcendentais da Pátria, da Vida e da Paz. Reuniões imortais estas!

- Cumprir a promessa "Era proibido morrer na guerra por aselhice", na instrução que dei, durante o ano de 1973, a cadetes e instruendos atiradores de artilharia, instrução muito dura, como tinha aprendido, em Angola, em 1971-72, com o sentido de salvar as suas vidas.

"ESTA GUERRA ESTÁ PERDIDA, NÃO TE METAS EM ALHADAS E, QUANDO CHEGARMOS AO CONTINENTE, NÓS, OS SUBALTERNOS (NÃO ACREDITAVA NOS CAPITÃES E OFICIAIS SUPERIORES) TEMOS DE EXIGIR A CLARIFICAÇÃO DA NATUREZA DA NOSSA MISSÃO, BEM COMO OS MEIOS QUE TEMOS PARA A REALIZAR"

- Conseguir manter a reserva e o segredo da conspiração com os camaradas e amigos oficiais e sargentos do Serviço Militar Obrigatório, como com os sargentos do Quadro Permanente, dada a relação de proximidade que tinha com todos e com alguns de bastante cumplicidade, que até se consideravam como meus mentores para leituras de Marx. Os livros de Marx que levei para Angola, obviamente que nunca me foram sugeridos por camaradas do QP, de quem, até 1973, nunca ouvi nada que tivesse a ver com alguma crítica à guerra ou à política.

E, assim, este ano de 1973, belíssimo e venturoso, chegou ao fim, e nós certos de que em 1974 ia alvorecer.

Cumpriu-se!

* Capitão de Abril, sócio da A25A

E JÁ PASSARAM 50 ANOS...

JOAQUIM CORREIA BERNARDO*

Quartel da Escola Prática de Cavalaria (EPC), em Santarém. Estamos no dia 20 de Julho de 1973, é uma sexta-feira e antecipam-se os preparativos para um fim-de-semana. É nesta pausa tranquila que recebo uma chamada do meu camarada Germano Miquelina Simões a dar-me conta da publicação do decreto-lei 353/73. Apressei-me a ir à secretaria da unidade para o poder ler com a atenção que me aconselhara o meu amigo. E o que li deixou-me perplexo, indignado e por fim furioso. Podia lá ser?! Tínhamos de fazer qualquer coisa, pelo que fui dando conhecimento aos camaradas que estavam mais disponíveis e que, tal como eu esperava, reagiram do mesmo modo que eu. Com grande estupefacção e revolta.

Voltei a falar com o Miquelina Simões, que me informou que em Lisboa já se estava a gerar-se um amplo movimento de repúdio ao decreto e, nesse sentido, resolvi falar com os dois majores que estavam na Escola Prática para solicitarem ao comandante autorização para uma reunião com todos os oficiais do quadro a ser feita logo na segunda-feira. Apesar de concordarem com a injustiça do decreto, recusaram a diligência. Encarreguei-me de dar esse passo e na segunda-feira seguinte, devidamente autorizados pelo comandante, reuniram-se na biblioteca os quinze oficiais do quadro presentes na escola. Sem darmos conta disso, acabava de ser lançada a semente que iria dar fruto nove meses depois, a 25 de Abril de 1974.

O resto do mês de Julho e todo o mês de Agosto decorreram com a preocupação de fazermos chegar às chefias militares a nossa indignação e revolta e para tal tivemos vários contactos com camaradas de Lisboa que nos informaram estarem a correr diversas exposições, uma delas muito consistente. É um período muito importante para manter a coesão dos capitães e, para tal, é de realçar o esforço de um grupo de camaradas a prestar serviço na capital, que se

desdobram em reuniões e contactos de modo a não deixar o assunto esmorecer.
É certo que as conversas que trocávamos não ultrapassavam a problemática profissional – a desvalorização do curso da Academia Militar com a sua redução a dois semestres e a integração dos oficiais oriundos do quadro de complemento com as consequentes ultrapassagens que daí adviriam, para nós inexplicáveis e injustas. Mesmo uma abordagem a uma posição de força numa conversa que tive com o Vasco Lourenço não chegou para que eu interiorizasse outra coisa que não a anulação do decreto. Também a troca de panfletos e insinuações entre ex-cadetes e ex-milicianos contribuía para que nos focássemos, quase exclusivamente, no conteúdo do decreto e nas suas implicações profissionais.
Mas, a partir da reunião de Évora, em Setembro, e até ao final do ano, assistimos, em simultâneo, a duas acções de sentido contrário, uma do esvaziamento dos decretos até à sua extinção, outra do crescimento de uma consciência política nos capitães, que, até aí, se tinha revelado muito ténue. É assim que o Governo, logo em Outubro, suspende a aplicação dos decretos e, poucos dias depois, são exonerados o ministro da Defesa e o secretário de Estado do Exército, principais responsáveis pela sua publicação. E é já sem surpresa que, poucos dias antes do Natal, os decretos foram revogados.
Ao alívio da pressão que essa legislação exercia sobre os capitães não corresponde uma desmobilização, antes pelo contrário, começa a tomar forma a consciência colectiva da força de que

OS CAMARADAS QUE SE BATIAM SÓ PELA REVOGAÇÃO DA LEGISLAÇÃO IAM PERDENDO CADA VEZ MAIS APOIO. E OS CAMARADAS QUE DEFENDIAM O NOSSO ENVOLVIMENTO MUITO PARA ALÉM DISSO, TINHAM CONSEGUIDO CHAMAR-NOS A ATENÇÃO PARA PROBLEMAS QUE ALGUNS DE NÓS NUNCA HAVÍAMOS POSTO

éramos possuidores e da responsabilidade perante a nação que tínhamos de assumir. Aqueles camaradas que se batiam só pela revogação da legislação iam perdendo cada vez mais apoio, e os camaradas que defendiam o nosso envolvimento muito para além disso, tinham conseguido chamar-nos a atenção para problemas que alguns de nós nunca havíamos posto. E, por cima de tudo, havia a questão da guerra em África.
Na primeira semana de Outubro, os oficiais do movimento a prestar serviço em Angola enviaram a Lisboa o capitão Duarte de Almeida com a incumbência de apresentar a decisão que haviam tomado de pedir a demissão de oficial do Exército. Decidida de imediato uma

reunião geral, esta foi realizada em quatro locais distintos na impossibilidade de um único local que nos garantisse a segurança e a discrição necessárias. Discutiu-se o pedido colectivo de demissão de oficial do Exército, mas já era posta também à discussão o emprego da força. Venceu o pedido de demissão.

Mas a abordagem destas questões serviu sobretudo para levantar muitos outros problemas e, nas reuniões que tivemos em Santarém, o entusiasmo de "fazer valer os nossos direitos e lutar pela nossa razão" foi substituído aos poucos por um silêncio de afirmação de responsabilidade que se interiorizou e foi ganhando força. Este sentido colectivo de "fazer qualquer coisa" foi, poucas semanas depois, fortalecido com a apresentação na Escola Prática de Cavalaria do capitão Salgueiro Maia, vindo da Guiné com os recentes acontecimentos que lá tinham ocorrido ainda muito à flor da pele.

A 14 de Novembro, realiza-se, em Aveiras de Cima, uma reunião do movimento que marca para nós, homens da EPC, a assunção consciente e definitiva de uma intervenção militar. Para trás, já tinham ficado as preocupações do decreto, o tempo das exposições e das demissões, agora era o tempo de assumirmos a nossa responsabilidade perante a nação. Acontece que, nessa reunião, o Vasco Lourenço chamou a si, perante os presentes, a defesa de uma intervenção armada para derrubar o Governo e com o entusiasmo e carisma que o caracterizavam deu um passo em frente e apontou para nós e disse: "Serão vocês a liderar a acção e, se for preciso, eu venho cá e assumo o comando de uma companhia". Garantimos que só precisávamos de tempo para preparar os blindados e para ir buscar, sem levantar suspeitas, as respectivas munições a Santa Margarida.

VASCO LOURENÇO CHAMOU A SI, [...] COM O ENTUSIASMO E CARISMA QUE O CARACTERIZAVAM, DEU UM PASSO EM FRENTE, APONTOU PARA NÓS E DISSE: "SERÃO VOCÊS A LIDERAR A ACÇÃO E, SE FOR PRECISO, EU VENHO CÁ E ASSUMO O COMANDO DE UMA COMPANHIA".

A partir daqui era importante consolidar a nossa responsabilidade, começando por retomar a coesão entre os oficiais oriundos de cadetes e os oriundos de milicianos, que ficara tremida desde a publicação do decreto. De seguida, alargar o apoio ao movimento com a adesão dos oficiais e sargentos milicianos dos esquadrões operacionais, necessários que eram à recuperação dos blindados, e, por fim, dar corpo a um todo colectivo que robustecesse a acção da unidade. Foram tarefas a que meti ombros, por estar há mais tempo na escola e conhecer bastante bem quase todo o pessoal. Contactei

alguns oficiais milicianos com mais prestígio e pu-los ao corrente das nossas intenções. Escutaram-me em silêncio e, sem surpresa, aceitaram de imediato.
Outra das preocupações dizia respeito à recuperação dos blindados, que teria de ser feita cautelosamente e envolvia o empenhamento de pessoal alheio aos nossos problemas. Esta tarefa foi assumida pelo Salgueiro Maia, que conseguiu executá-la com o maior êxito sem que o comando da escola se apercebesse.
Mas, em Janeiro de 1974, fomos surpreendidos pela inesperada substituição do comandante da escola, facto que nos trouxe acrescidas preocupações pois o novo comandante vinha com instruções para controlar os capitães do movimento. Assim, na primeira vez que falou connosco, recomendou que nos deixássemos de politiquices e, mais tarde, chegou ao ponto de convidar para cerimónias da escola o pessoal do posto da PIDE, o que jamais acontecera até então. Com a Sala de Oficiais polvilhada de agentes, questionei-o sobre esse convite e informei-o de que os oficiais abandonariam a sala se ele não mandasse sair os *pides*. Claro que recusou e, perante isso, abandonámos o local. No dia seguinte, chamou-me ao gabinete e recebi a já esperada repreensão. Daqui em diante, levantou-se uma intransponível barreira entre nós e o comando da escola.
Em Fevereiro, acompanhámos com redobrado interesse os passos dados em Lisboa para a elaboração do programa de acção e recebemos, com satisfação, as felicitações dos nossos camaradas oriundos de milicianos pelo trabalho de aproximação realizado. No final do mês, indo ao encontro das palavras que proferira na sua tomada de posse como Vice-Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, o General António de Spínola põe a circular o seu livro *Portugal e o Futuro,* que, mais pelo atrevimento do que pelo conteúdo, provocou um verdadeiro terramoto político. Para nós, foi um aconchego de alma sentir como a generalidade da população acolheu o livro, mas mal sabíamos quanto nos iria custar a reacção do Governo. E o mês de Março desabou-nos em cima.
Até ao 25 de Abril, fizemos a caminhada que é conhecida, com o papel relevante que desempenhámos na operação militar que pôs fim ao regime.

PARA NÓS, FOI UM ACONCHEGO DE ALMA SENTIR COMO A GENERALIDADE DA POPULAÇÃO ACOLHEU O LIVRO [*PORTUGAL E O FUTURO*], MAS MAL SABÍAMOS QUANTO NOS IRIA CUSTAR A REACÇÃO DO GOVERNO. E O MÊS DE MARÇO DESABOU-NOS EM CIMA

* Capitão de Abril, sócio da A25A

CONTAGEM DECRESCENTE

JORGE GOLIAS*

Em Março de 1973, tinha eu cerca de nove meses de Guiné, quando se deu um facto determinante para o curso da guerra – a perda da supremacia aérea com o abate dos dois primeiros aviões de combate portugueses, Fiat G-91, com mísseis terra-ar SAM-7, STRELA, de fabrico soviético. A partir desta data, mudou o curso da guerra na Guiné.

De repente, todos percebemos que tinha começado a contagem decrescente para o seu *terminus*. Passado o efeito surpresa desta nova arma do inimigo (IN), eis que novamente em Abril e Maio, novos abates foram feitos durante o período em que durou a chamada guerra dos 3 G: Guidage, Guileje e Gadamael-Porto.

Eu tinha a família em Bissau, mulher e dois filhos, há uns cinco meses. Ficaram ainda mais um, após o qual regressaram de vez a Portugal. Não se podia viver em segurança naquelas condições. As minhas frequentes saídas para o mato, assim dizíamos, deixavam a família em pânico enquanto não regressasse.

Nessas saídas e nos contactos que fazia com muitos camaradas que estavam no interior, facilmente me apercebi de que o cansaço da guerra estava a atingir pontos extremos, e que muitos quartéis de quadrícula já se recusavam a fazer simples missões de segurança exterior ao aquartelamento. Ou seja, a vontade de combater, que nunca terá sido bastante para ganhar a guerra, mas talvez a suficiente para garantir a sobrevivência, era praticamente inexistente.

Foi, então, que se deu início a um crescendo de discussões sobre a guerra e sobre o regime po-

ZOE
no tempo e na guerra

"ZOE" atrasada, triste e sem piada
Atrasada e apressada
Desengonçada!
"ZOE" sai num dia sem alegria
"ZOE" é guerra, feita nela, guerra fria
Que na Paz "ZOE" morreria!
"ZOE" de Março sai em Maio, mês cinzento
Março-Maio, Abril ou Junho é o mesmo tempo
Dum calendário sem movimento!
Com meses-anos de feitos sem história
Cada vez mais longe da vitória,
Sem glória!
"ZOE" é o teu grito, militar,
De Paz, de ânsia de voltar
Ao teu Lar!
"ZOE" é para ti, meu irmão,
Por ti, pela tua ambição
De um dia com coragem dizeres NÃO!!!

JORGE GOLIAS
(Cap. Engº. Tm.)

lítico. Já havia contactos nesse sentido, de poucos elementos, mais por vício de andanças pela política na universidade do que por intenção de um objectivo concreto.
Muito cedo ganhei consciência da situação política em Portugal. Estive com Humberto Delgado, em 1958, como estudante de 7.º ano em Vila Real. Participei em lutas académicas e estive com Mário Soares (recém-regressado do exílio, após a morte do ditador) num 5 de Outubro, à entrada do Cemitério do Alto de S. João, numa manifestação a favor da República e claramente contra o regime. Estive, depois, junto da estátua de António José de Almeida, num ajuntamento que foi dispersado pela PIDE, tendo eu fugido para o meu quarto, na Avenida Carolina Michaelis (era aluno do Técnico). Frequentei os cafés de Lisboa com alguns camaradas da Academia Militar (Cardeira, Lucas, Vicente), por onde andavam os intelectuais, os políticos e os artistas. Isso me valeu perguntas da PIDE para a Câmara de Mirandela que tiveram respostas de um amigo da família. Passei muito tempo pelas livrarias e alfarrabistas à procura de livros proibidos. Votei no MDP/CDE nas eleições de 1969, tendo participado num comício, em Chaves, com dois conhecidos oposicionistas, Sérgio Ferreira Ribeiro e Blasco Hugo Fernandes.
Discuti duramente com os simpatizantes da chamada Primavera Marcelista, pois pouca mudança via nos chamados pilares do regime, da polícia política, que só mudou de nome (de PIDE para DGS), até à censura, que tudo cortava, e à guerra, que era para manter. Dos jornais diários, comprava o *Diário de Lisboa*, para ler as "Notas do Dia" de Norberto Lopes, onde passava mensagens subliminares que só alguns entendiam, as críticas de TV de Mário Castrim e as crónicas sociais de Vera Lagoa.
Integrei a Secção Cultural, que geria a venda de livros na Academia Militar, que acabou por ser fechada, dada a natureza da literatura que lá colocávamos, muito dedicada ao existencialismo e ao socialismo.
Simpatizei com o Partido Comunista até à invasão da Hungria pela União Soviética, em 1956, e depois ainda mais me afastei com a invasão da Checoslováquia, em 1968, pondo termo à Primavera de Praga. Eu aspirava por liberdade e nunca por repressão. Cedo percebi que era uma falácia essa mensagem do Homem Novo do regime comunista soviético.
Ou seja, quando cheguei à Guiné, já sabia o que queria e o que não queria, situando-me à esquerda do Partido Socialista. Por isso, quando o Carlos de Matos Gomes apareceu na Guiné, com o livro *Por uma Democracia Anticapitalista*, de Sottomayor Cardia, este leve objectivo político já não me satisfazia, mas aceitei-o, como fazendo parte do percurso de luta contra o regime.
A situação na Guiné degradava-se de dia para dia, de tal maneira que, em Maio de 1973, houve uma reunião de Altos Comandos, em Bissau, classificada de MUITO SECRETO, na qual Spínola reconheceu a entrada em um novo patamar da guerra, em que o inimigo já dispunha de meios aéreos, carros de combate e viaturas blindadas.
As nossas tropas deixaram praticamente de combater, salvo em resposta a ataques. Para

trás, tinham ficado os esforços de Spínola de encontrar uma solução negociada, passando sempre pela integração da Guiné numa comunidade lusíada. Marcelo proibiu-o de negociar, fosse com quem fosse, e o general demitiu-se, logo no início de Agosto.

E, no dia 12 desse mês, houve, em Bissau, uma primeira reunião de capitães, promovida pelo Otelo, para discutir o decreto das ultrapassagens. Oito dias depois, fez-se nova reunião, para discutir uma carta a dirigir aos principais responsáveis políticos. Ficou conhecida como Carta de Bissau e foi o texto fundador do Movimento dos Capitães. A esta carta eu ainda chamei "carta de amor", tão ligeira se tornou depois de tantas amenizações.

Nesta reunião, realizada na minha unidade e por proposta minha, fiz a primeira intervenção em que se apelou à revolução. O Otelo conta este episódio no seu livro "Alvorada em Abril": «Como seria de esperar, começaram as primeiras hesitações e deserções. (...) Alguns mais cautelosos aconselhavam moderação. O capitão engenheiro de Transmissões, Jorge Golias, tomou a palavra para romper, vibrante, contra as soturnas vozes de catequese... e afirmou: "estamos a perder demasiado tempo a pensar e a discutir sobre o conteúdo do documento e a forma de o enviar, quando devíamos era preparar-nos para a revolução armada, pois o que interessa é abater o regime e isso só se consegue à porrada"...».

Não me lembro de ter falado em porrada, mas pode ser verdade, o que me lembro é de o Otelo me ter dito: "Jovem, espantaste a caça", e eu ter respondido que não, que só tinha separado o trigo do joio. E foi mesmo isso que aconteceu, pois, na reunião seguinte, alguns camaradas não voltaram, mas outros apareceram.

Depois de Spínola, surgiu Bettencourt Rodrigues, um general cheio de prestígio, mas que aceitou pacificamente que Marcelo lhe escrevesse na carta de comando que na Guiné era para "resistir até à exaustão dos meios". Veio-nos à memória a questão da Índia e percebemos melhor ainda que tínhamos de andar depressa. E conspirámos, por vezes já sem grandes seguranças.

Até que, em Janeiro de 1974, surgiu na Guiné o tenente-coronel Banazol depois de ter visto o seu Batalhão embarcado à força e fraccionado. Mandou-me uma mensagem para ir contactá-lo, em Nhacra, a 50 Km de Bissau. Levei comigo o Carlos de Matos Gomes e o José Manuel Barroso. Soube que foi o Otelo que lhe disse para me contactar. Soube ainda, mas mais tarde, que foi ele o segundo oficial a apelar à revolução. Propôs-nos tomarmos o poder em Bissau. Não aceitámos e ele ameaçou, e cumpriu, separar-se do Movimento e agir por conta própria.

Também nesse mês de Janeiro saiu a última revista de que era director – a ZOE – com uma capa que espelhava o caos, caos que já se sentia em Bissau! Nesta altura, sabíamos que o dia da libertação estava perto.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

DEVOLVER A DIGNIDADE AOS PORTUGUESES

JOSÉ MARQUES GONÇALVES NOVO*

Passados 50 anos sobre o início da conspiração que nos levou ao 25 de Abril, vou procurar partilhar como vivi esse tempo, os meus sentimentos e dúvidas, as minhas expectativas e certezas, sobre o que era necessário fazer para mudar o sistema político em Portugal, de modo a acabar com a guerra, criar condições para a democracia, acabar com a ditadura e devolver a liberdade e a dignidade aos Portugueses.

Em Portugal, decorridos 13 anos de guerra em África, quase todas as famílias estavam enlutadas, havia censura política, os níveis de escolaridade, sanitário e económico-social eram muito baixos, e tínhamos consciência de que o problema da guerra era político e não militar, contrariamente ao que propalavam os políticos fascistas, procurando destruir o prestígio das Forças Armadas, dizendo que a guerra não acabava, porque os militares não queriam, pretendendo, assim, transformá-las em "bode expiatório", tal como já o tinham feito aquando da invasão militar de Goa, Damão e Diu, pela União Indiana, em 1961.

Reportando-me a Janeiro de 1973, recente-

mente chegado de Angola, vi a Polícia de Choque carregar contra os estudantes que fugiam do Instituto Supeiro Técnico. Batiam nas pessoas que apareciam pela frente, independentemente da sua idade e sexo, sem qualquer critério. Eu próprio fui agredido à bastonada, com o cassetete virado ao contrário, provocando-me ferimentos na cabeça. Ao meu lado, também uma senhora, já idosa, foi empurrada e atirada ao chão. Consegui dirigi-me ao capitão que comandava a força, protestando e repudiando veementemente a sua actuação. Na sequência, fiz uma participação, na esquadra de PSP local, antes de seguir para o Hospital Militar, onde fui suturado com 25 pontos na cabeça.

Terminado o curto período de férias, apresentei-me no Regimento de Infantaria 5 (RI5), nas Caldas da Rainha, e fui logo elucidado pelo coronel comandante, dizendo-me que estava preocupado comigo, porque tinha recebido uma informação dizendo que eu seria um agitador de massas e perigoso comunista, porque me tinha envolvido em confrontos com a PSP, aquando da manifestação de estudantes comunistas do IST, em Lisboa, razão pela qual tinha sido tratado no Hospital Militar.

Fiquei indignado com a acusação e com o regime pidesco que se vivia no País e que já se introduzia nas Forças Armadas. Contei o que se tinha passado ao comandante.

Algum tempo depois, soubemos da realização do 1.º Congresso dos Combatentes, no Porto, em Junho de 1973, para o qual só tinham sido convidados os oficiais escolhidos pelo poder político, tendo sido proibida a participação de oficiais do activo, portanto, aqueles que realmente tinham tomado parte em combates e conheciam bem as populações, os seus problemas e as regiões africanas onde actuaram.

Tal facto indignou-nos, dando origem a várias reuniões de capitães e outros oficiais, tendo daí resultado um telegrama de contestação e repúdio enviado à organização do evento. Estes acontecimentos provocaram mal-estar geral a todos os combatentes, tendo circulado um abaixo assinado solidário com os oficiais contestatários. Foi então que se iniciaram reuniões clandestinas de conspiração contra o poder político.

Por outro lado, havia um défice de capitães para continuar a guerra, que continuamente se agravava, uma vez que muitos deles já tinham feito várias comissões e a guerra se expandia e requeria cada vez mais efectivos. Alguns capitães nem sequer eram reconhecidos pelos seus filhos!

O Governo decidiu então contratar oficiais milicianos, graduando-os em capitães no final da comissão e convidando-os para ingressar na Academia Militar, onde após um curso acelerado de seis meses, lhes era dada a antiguidade desse posto, fazendo com que ultrapassassem na promoção os capitães oriundos da Academia Militar. Foi o célebre Decreto-Lei 373/73. O facto provocou, de imediato, mal-estar e revolta nos oficiais oriundos da Academia Militar (conhecidos nessa disputa por "puros"). Esse primeiro movimento de contestação levou à suspensão dos decretos, em Outubro de 1973,

mas acabou por provocar mal-estar entre os oficiais oriundos de milicianos (também nessa fase conhecidos por "espúrios"), que assim não tinham garantida a antiguidade prometida.
Durante as diversas reuniões do Movimento de Capitães que então se consolidaram, considerámos que, para mudar a situação política, só as Forças Armadas o poderiam fazer, através de um golpe de Estado, com armas na mão. Havia, assim, que juntar os dois grupos e alcançar um compromisso, embora subsistissem algumas dúvidas.
No Regimento de Infantaria 5, havia muita camaradagem entre os oficiais. Muitos eram do mesmo curso ou de cursos próximos, pelo que mais facilmente nos reuníamos e construímos um grupo forte dentro do movimento dos capitães. Contudo, na unidade havia duas tendências, sendo uma mais próxima do general Costa Gomes e outra do general Spínola.
A publicação do livro *Portugal e o Futuro*, do general Spínola, em Fevereiro de 1974, reforçou a ideia de que a solução do problema da guerra era política e não militar.
Recordo que, quando em 14 de Março de 1974 foram exonerados os generais Costa Gomes e Spínola, pelo facto de não terem estado presentes no "beija-mão" da "brigada do reumático", os oficiais do Regimento de Infantaria 5 se dirigiram-o comandante, declarando-se solidários com os generais exonerados e afirmando que tomariam uma posição de força, se alguma coisa lhes acontecesse.
Contudo, a existência dos dois grupos referidos viria a ter bastante influência na revolta de 16 de Março de 1974, visto que a ordem de saída da coluna do regimento, embora dada e confirmada de Lisboa, por elementos da Comissão Coordenadora, foi pressionada por oficiais spinolistas recentemente regressados da Guiné, que enviaram um oficial estafeta ao regimento, com a ordem de marcha para saída da coluna em direcção a Lisboa. Telefonicamente, foi confirmada a ordem, dizendo que o RI5 já estava atrasado e teria de se encontrar na Espinheira com a coluna da Escola Prática de Cavalaria, e seguirem para Lisboa, conforme as indicações dadas ao estafeta. Fomos informados de que outras unidades estavam em marcha e de que se tratava da "Ordem de Marcha do Movimento" para derrubar a ditadura em Portugal.
Julgo que, devido à exoneração dos generais, os oficiais oriundos de milicianos concluíram

EM PORTUGAL, DECORRIDOS 13 ANOS DE GUERRA EM ÁFRICA, QUASE TODAS AS FAMÍLIAS ESTAVAM ENLUTADAS, HAVIA CENSURA POLÍTICA, OS NÍVEIS DE ESCOLARIDADE, SANITÁRIO E ECONÓMICO-SOCIAL ERAM MUITO BAIXOS, E TÍNHAMOS CONSCIÊNCIA DE QUE O PROBLEMA DA GUERRA ERA POLÍTICO E NÃO MILITAR

que, sem Spínola no poder, nunca mais iriam recuperar a antiguidade prometida, pelo quer era urgente tomar a dianteira e levar o general a aceitar e a comandar o golpe.
Veio a verificar-se depois, que houve precipitação na ordem dada, pois mais nenhuma unidade saiu e a coluna do RI5 recebeu ordem de regressar ao quartel.
Concluída a rendição, tropas enviadas pela Região Militar de Tomar ocuparam o RI5, os oficiais do movimento foram presos e enviados para a Trafaria e para o Regimento de Artilharia 1, em Lisboa, tendo ficado à ordem do Ministério do Exército, até ao dia 25 de Abril.
Na época, senti um misto de sentimentos, da raiva, porque na altura em que a coluna saiu, recebi um telefonema de Santarém a dizer que a coluna do RI5 seguia para Lisboa sem o apoio da Escola Prática de Cavalaria, à emoção de ver a reacção de alguns dos meus soldados que partiram a espingarda G3 que tinha sido distribuída, quando receberam ordem de rendição sem disparar um tiro, e finalmente, a satisfação, por saber que tínhamos cumprido a missão atribuída pelo MFA, conforme nos tínhamos comprometido.
Recordo ainda os difíceis tempos de incerteza no futuro, quer da nossa família, quer do tempo passado na prisão. Alguns elementos da PIDE tentaram conversar connosco, fazendo-se passar por amigos de familiares, mas não tiveram sorte. Recordo os rumores que nos chegavam de sermos expulsos do Exército e entregues à PIDE, seguido de desterro. No final, foi grande a expectativa pela chegada dos nossos camaradas, que derrubaram o regime e nos deram a possibilidade de vivermos em democracia e liberdade.

PENSO QUE O GOLPE DO 16 DE MARÇO VEIO A ANTECIPAR O 25 DE ABRIL, POIS ERA VOZ CORRENTE DE QUE IRÍAMOS SER EXPULSOS DO EXÉRCITO. CONTUDO, A PARTIR DALI TUDO IA MUDAR! ATRÁS DE NÓS, OUTROS VIERAM COMPLETAR A MISSÃO QUE TÍNHAMOS INICIADO

Penso que o golpe do 16 de Março veio a antecipar o 25 de Abril, pois era voz corrente de que iríamos ser expulsos do Exército. Contudo, a partir dali tudo ia mudar! Atrás de nós, outros vieram completar a missão que tínhamos iniciado.
Finalmente livre, em democracia e sem guerra, sinto ter contribuído de boa fé para a mudança da sociedade, não enjeitando nada daquilo que fiz. E embora o País não esteja bem como desejava, estou satisfeito e faço votos para que os jovens de hoje venham a conseguir fazer melhor no futuro.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

MOVIMENTO CONSPIRATIVO

JOSÉ PITEIRA SANTOS*

A breve reflexão da minha participação na Conspiração liga-se ao final de 1966, quando embarquei, em Lisboa, para Angola. Mais um embarque da nova epopeia lusíada, agora sob o espírito do Velho... de São Bento.

DA EXPECTATIVA À CONVICÇÃO

Era alferes e ia iniciar a primeira comissão; tudo era novo, tal como eu, e a surpresa da realidade que iria conhecer fazia-me estar muito expectante e atento.

O primeiro contacto militar institucional, em Luanda, ponto de partida para a "guerra", foi, além do cumprimento de formalidades legais, uma empolgante conversa, entre um lúcido militar veterano e um principiante na guerra.

O militar veterano, após apresentar o quadro de situação militar, foi bastante crítico da guerra e de nós, oficiais do quadro permanente, como meros servidores dum regime, cuja cegueira e obstinação não oferecia alternativas de solução para o País. Estávamos num beco sem saída!

Conversa franca, desinibida, autêntica chicotada psicológica, não mais esquecida, viria a ser verdadeiro desígnio, para a nossa relação no processo de conspiração. Dias depois, segui para o meu destino.
Posteriormente, nova comissão, agora em Moçambique, constatando que a realidade militar piorava com a passagem do tempo. Porém, prosseguia a hipocrisia do mito do império e a manipulação da verdade!
Lincoln disse que "não se consegue enganar toda a gente todo o tempo" e, de facto, a experiência vivida aprofundou a minha visão crítica do regime e as suas contradições.
Era o resultado da guerra, uma "severa mestra", como escreveu Tucídides.
Ansiava por chegar o tempo de rutura e pensava se seria possível os militares assumirem o compromisso de estar ao serviço da liberdade democrática! Como e quando desatar o nó!
Estas inquietações por si só de pouco serviriam, a não ser sentir-me disponível para aproveitar qualquer oportunidade que surgisse e ter lucidez e vontade para não a deixar fugir.

DO PENSAMENTO À AÇÃO

O regime debatia-se com a sua sobrevivência e tal foi notório com a tentativa de realização de um congresso de exaltação de patriotismo/nacionalismo e de uma legislação desastrosa de integração e reordenamento nas promoções de oficiais.
Como resposta, além de outras movimentações militares, a reunião de Alcáçovas, a 9 de Setembro. Nela, estive presente e apercebi-me das várias motivações, no diálogo com outros capitães. Foi encorajadora a perceção de que havia quem tinha propósitos iguais aos meus, o que poderia ser o princípio de compromisso da luta pela libertação.

FOI ENCORAJADORA A PERCEÇÃO DE QUE HAVIA QUEM TINHA PROPÓSITOS IGUAIS AOS MEUS, O QUE PODERIA SER O PRINCÍPIO DE COMPROMISSO DA LUTA PELA LIBERTAÇÃO

Não iria, porém, demorar muito a passagem desse entusiasmo ao primeiro conflito com o poder. Logo após aquela reunião, e como pertencia ao Regimento de Infantaria 16, em Évora, recebi ordem do comandante da Região para me apresentar no Quartel-General. Sabendo ao que ia, era um momento de expetativa, mas, no final, de satisfação, por não me ter intimidado e nada ter dito, apesar da insistência, do que se tinha passado na reunião dos capitães.
Tal atrevimento de insubmissão representava decisão consciente por que lutar, em que sacrifícios e divergências surgiriam associados a um processo complexo e que iriam pôr à prova quem era cada um de nós, na dinâmica do

movimento. Este episódio foi transmitido pelo comando da região militar, em reunião de comandantes das unidades da guarnição militar de Évora, como de grave indisciplina.

É, a partir daqui, que por extraordinária coincidência, se dá o "renascimento" do diálogo tido há mais de seis anos em Luanda, agora prestes a metamorfosear-se na oportunidade de reverter o tal "beco sem saída". Diálogo em que o referido militar veterano fora o tenente-coronel Luís Ataíde Banazol, que então estava a formar batalhão mobilizado para a Guiné, no RI 16. Tendo ele sabido da minha recusa perante o general e pondo-o eu ao corrente do que se passava com os capitães, foi imediato o retomar do "velho" diálogo e o estreitar de mútua confiança. Sentimento muito estimulante, pois poderia vir a ser importante no desenrolar do processo para a finalidade que muitos de nós pretendiam – fim do regime e da guerra colonial e liberdade democrática.

O processo conspirativo prosseguia, mas arrastava-se, criando incertezas e frustrações para muitos de nós. Tendo havido conflitos entre fações na Comissão Coordenadora, foi programada uma reunião de capitães, em S. Pedro do Estoril, a 24 de Novembro, onde eu iria estar presente.

Era fundamental lutar contra as adversidades e manobras dissuasoras, pelo que considerava esta reunião um momento de viragem para a escolha firme do sentido a dar ao movimento. O "velho" diálogo recentemente retomado e desenvolvido, agora entre dois veteranos, que sabiam o que queriam, levou-nos a concentrar sobre o que deveria ser o propósito da reunião – revolta militar. Para tal, sabia que era necessário provocar um choque mobilizador e nada melhor do que Banazol, com grande capacidade de comunicação e liderança, afirmar de forma veemente tal desiderato. Propus-lhe, então, ir comigo à reunião, e ele aceitou de imediato; acordo firmado para o que fazer.

Definida a estratégia, concordámos que seria exposta não por mim – era mais um capitão interpares, mas por ele, tenente-coronel, o que daria mais força e convencimento àquele propósito. Seria a oportunidade esperada!

Resultou plenamente, originando quer novas

ERA FUNDAMENTAL LUTAR CONTRA AS ADVERSIDADES E MANOBRAS DISSUASORAS, PELO QUE CONSIDERAVA ESTA REUNIÃO [*S. PEDRO DO ESTORIL*] UM MOMENTO DE VIRAGEM PARA A ESCOLHA FIRME DO SENTIDO A DAR AO MOVIMENTO

"O SONHO COMANDA A VIDA", E ESTE REALIZAVA-SE AO PARTICIPAR NA OPERAÇÃO "VIRAGEM HISTÓRICA". E COM GRATA MEMÓRIA DAS VIDAS CRUZADAS COM TANTOS CAMARADAS NESTA EPOPEIA GLORIOSA

iniciativas que finalmente se centraram naquele objetivo quer nova reunião, mais alargada, a 1 de Dezembro, em Óbidos, onde voltámos a estar presente de forma ativa.

No final das duas reuniões, em resultado do desafio reiterado de revolta militar e que motivou iniciativas subsequentes, foi eleita a Comissão Coordenadora definitiva, com mandato para se atingir aquele objetivo.

A dinâmica do movimento era tal, que já se perfilavam novos "salvadores da pátria" a tentarem servir-se dele para os seus desígnios pessoais.

Com enorme alegria, recordei, então, como uma simples conversa, tida há muito tempo, não caiu em vão e que, por mera casualidade a vida, voltou a pôr-me em contacto, tendo-se conseguido agir em prol dos nossos valores e propósitos.

Foi o resultado dum persistente e atento olhar crítico do passado, tal como escreveu Milan Kundera: "a luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento".

De novo, ao entusiasmo sucedia uma adversidade, a confirmar as contingências dum processo complexo. A ação desta dupla estava a terminar, pois o regime, muito receoso, antecipou a ida do Banazol para a Guiné, em finais de dezembro. E eu também fui mobilizado, no fim de dezembro, para integrar a formação de um batalhão, em Chaves. Simples coincidência!

Porém, o ânimo manteve-se, o que mudaram foram as circunstâncias e havia que delas tirar o melhor partido. O mais importante e motivador era dispor de um batalhão que era necessário mobilizar para uma eventual ação, agora por nova dupla, com o major Medeiros de Almeida, tendo-se forjado uma ótima relação de confiança projetada em aliança conspirativa.

Conceder-me-ia o tempo essa oportunidade!

Citando Fernando Pessoa "o sonho comanda a vida", e este realizava-se ao participar na Operação "Viragem Histórica". E com grata memória das vidas cruzadas com tantos camaradas nesta epopeia gloriosa.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

E TUDO COMEÇOU COM A MORTE DE AMÍLCAR CABRAL

JOSÉ PEDRO CASTANHEIRA*

A investigação sobre o misterioso assassinato de Amílcar Cabral alterou substancialmente o rumo do meu trabalho como jornalista.

Em 1993, publiquei no semanário *Expresso* uma extensa reportagem de investigação sobre a morte do líder do PAIGC, ocorrida, em Conacri, em 20 de janeiro de 1973. A ideia inicial fora muito simples: aproveitar uma efeméride, os vinte anos da morte de Amílcar Cabral, para tentar reconstituir aquele crime, contextualizá-lo e, se possível, dar alguma novidade sobre as complexas e misteriosas circunstâncias em que ocorreu. Assinalar as efemérides – aí está uma prática a que todos os órgãos de informação recorrem e que ajuda a preservar a memória histórica de um povo.

Até então, e durante muitos anos, especializara-me no jornalismo sobre temáticas vincadamente sociais, sobretudo ligadas à área laboral: sindicalismo, conflitos de trabalho, greves, contratação coletiva, desemprego, segurança social. Primeiro, no vespertino *A Luta*, depois, no semanário *O Jornal*. Neste último, iniciei-me no jornalismo de investigação, em matérias ligadas à corrupção, nepotismo e abuso de poder. Durante dois anos, segui a gestão de uma espécie de saco azul pelo então secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional. O resultado foi a criação de uma comissão parlamentar de inquérito à dita Secretaria de Estado – a primeira comissão de inquérito na história da Assembleia da República, formada para apreciar as denúncias feitas por um órgão de informação. Estávamos em 1985, no tempo do chamado bloco central.

Em 1989, quando me mudei para o *Expresso*, continuei a privilegiar aquele tipo de jornalismo de investigação, não deixando de acompanhar a temática laboral, em que me sentia à vontade, mas de que me fui desinteressando progressivamente, por cansativa e repetitiva, e carecer cada vez mais do fator novidade, que é um elemento chave do tipo de jornalismo que abracei.

A reportagem sobre Cabral viria, contudo, a ser marcante no meu percurso profissional.

Verdade seja dita que não foi a primeira vez

que me cruzei – sem nunca o ter conhecido, entenda-se – com o mais prestigiado dos líderes dos movimentos de libertação das colónias portuguesas de África. O leitor estará a imaginar que, se calhar, terei feito o serviço militar na Guiné. Puro engano: durante quase dois anos andei a escapar do serviço militar obrigatório (o que, aliás, levou a que não tivesse concluído o curso de Economia no atual ISEG), até que, surpreendido e aliviado com o 25 de Abril, fui um dos muitos mancebos da minha geração que, terminada a guerra, passou simplesmente à disponibilidade.

O meu anterior "encontro" com Cabral fora bem diferente. No início da década de setenta, participei numa interessantíssima experiência de alfabetização de adultos, em instalações cedidas pela paróquia lisboeta de Santos, de alguma forma inspirada, senão no método, pelo menos nos desígnios do pedagogo brasileiro Paulo Freire, no sentido do que ele designara de "conscientização". Os monitores eram quase todos estudantes universitários, de Económicas, Medicina, Técnico, a maioria dos quais de militância nos meios católicos progressistas. Os alunos, por sua vez, eram sobretudo empregadas domésticas e operários negros da construção civil, oriundos da Guiné e Cabo Verde, mão-de-obra barata que fugira à miséria naquelas duas colónias. Entre nós, começámos por batizar esta escola informal de C.A.C., sigla de Centro de Animação Cultural. Ao verificarmos, porém, a origem geográfica da maioria dos nossos estudantes, passámos a chamar ao mesmo C.A.C. Centro Amílcar Cabral, designação que mais acentuámos, como homenagem e protesto, a partir do momento em que foi assassinado.

Mas voltemos à reportagem do *Expresso*. Chamava-se "Quem mandou matar Amílcar Cabral", um título que surpreendeu o próprio autor, que, ao concebê-lo, tivera o cuidado de lhe apor, no final, um indispensável ponto de interrogação – pois que na altura, e ainda hoje, não estou absolutamente certo sobre quem urdiu a conspiração assassina. Distinguida com o 1.º Prémio de Reportagem de Imprensa, do Clube de Jornalistas – um dos mais prestigiados galardões de jornalismo existentes em Portugal –, deu depois origem a um livro, editado pela Relógio d'Água, para o qual tive acesso ao Arquivo da PIDE/DGS, que entretanto fora aberto aos investigadores, bem como ao Arquivo Histórico-Diplomático do MNE, graças a uma generosa interpretação da legislação em vigor. O livro saiu em Dezembro de 1995, agora sim, com o tal pontinho de interrogação: "Quem mandou matar Amílcar Cabral?", de que saíram três edições e traduções para italiano e francês.

Nesta minha estreia na área do jornalismo de investigação histórica, que me levou à Guiné-Bissau e a Cabo Verde, à República da Guiné e ao Senegal, fiz mais de meia centena de entrevistas: com militares portugueses e guerrilheiros do PAIGC, com políticos de todos os quadrantes, com diplomatas, jornalistas, historiadores e responsáveis da extinta PIDE/DGS.

Como escrevi na introdução ao livro, "à medida que avançava na minha investigação, descobri que tinha encontrado um verdadeiro filão jorna-

lístico" – e historiográfico, acrescento agora –, "praticamente virgem e ignorado". Com efeito, e colaterais à morte de Cabral, fui deparando com algumas histórias verdadeiramente fabulosas, que alimentaram a minha agenda profissional nos anos e até décadas seguintes. Só a título de exemplo, devo referir o episódio das negociações secretas realizadas em Londres, em Março de 1974, um mês antes do 25 de Abril, entre um delegado do Governo de Marcello Caetano e uma representação do PAIGC, tendentes a um cessar-fogo e ao reconhecimento da independência da Guiné-Bissau.

Neste contexto, conheci e entrevistei alguns militares que desempenharam funções decisivas não apenas na Guiné à época da morte de Cabral, mas, nos anos seguintes, nos destinos políticos do país. Foi o caso, designadamente, de António de Spínola, Ramalho Eanes, Otelo Saraiva de Carvalho, Almeida Bruno, Manuel Monge, Alpoim Calvão, Pedro Cardoso, entre muitos outros que mais tarde viria a conhecer. Para mim, tornou-se então muito claro que foi na Guiné que verdadeiramente nasceu a rebelião, primeiro de ordem corporativa, mas que rapidamente se politizou, que viria a desembocar no Movimento das Forças Armadas.

Tratou-se do primeiro passo para muitas outras reportagens e trabalhos de investigação de cariz histórico, que me levaram, por exemplo, a todos os confins do último império colonial, tal qual era enunciado no artigo 1.º da Constituição de 1933 – incluindo o enclave de São João Baptista de Ajudá e os territórios de Goa, Damão e Diu. A pouco e pouco, fui alargando a temática das minhas pesquisas, o que me levou ao caso Delgado e a entrevistar o ex-inspetor Rosa Casaco, o chefe da brigada da PIDE que assassinou o general, em fevereiro de 1965. Noutro plano, contei, com a colaboração do meu camarada Valdemar Cruz, a história de Annie Silva Pais, a filha única do último diretor da polícia política, e que, ainda recentemente, deu origem à série televisiva "Cuba Libre". Sobre o golpe miliar de 25 de Abril e a revolução em que se transformou, escrevi inúmeros trabalhos, incluindo um livro, de parceria com Adelino Gomes: *Os Dias Loucos do PREC*.

Já reformado, projetos e desafios não me faltam: quanto mais investigo e escrevo, mais tenho a sensação de que muito da nossa História recente ainda está por desvendar.

PARA MIM, TORNOU-SE MUITO CLARO QUE FOI NA GUINÉ QUE VERDADEIRAMENTE NASCEU A REBELIÃO, PRIMEIRO DE ORDEM CORPORATIVA, MAS QUE RAPIDAMENTE SE POLITIZOU, QUE VIRIA A DESEMBOCAR NO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS

* Jornalista

CARTA AO DIRECTOR

JOSÉ DE SANCHES OSÓRIO*

Lisboa, 12 de Junho de 2023

Caro Aniceto Afonso,

Para comemorar os 50 anos do 25 de Abril, resolvi escrever uma carta, a ti, Aniceto Afonso, como director d'*O Referencial*. É natural que me falhe alguma data, mas tu, como historiador, farás o favor de emendar.
Aqui vai a minha "narrativa", como agora se "deve" dizer!
Desde que me conheço que ouvi falar em questões políticas ligadas às colónias. Basta dizer que os meus avós andaram por Goa, Moçambique e Angola, ao sabor das pulsões políticas da época (fim do século XIX e princípio do século XX); indo um pouco mais atrás, os meus antepassados paternos foram para Goa no século XVIII e por lá andaram até ao século XX. Talvez por isso nunca pensei em ser outra coisa senão militar; cultivei os meus heróis e assim cheguei à altura de ser mobilizado para Angola, em 1967, comandando uma Companhia de Construções, que fez a sua comissão na então Zona Militar Leste, com sede no Luso (actual Luena), e destacamentos em Nova Lisboa, Cangamba e Gago Coutinho.
De regresso a Lisboa, em 1969, fui frequentar o Curso de Estado-Maior, onde passei três dolorosos anos! Como é sabido, a seguir ao Curso Complementar, tínhamos um estágio que me coube fazer na 4.ª Repartição do Estado-Maior do Exército. Foi aí que tomei conhecimento da revolta que havia no quadro permanente por causa dos célebres decretos que tinham por finalidade resolver o problema grave de falta de efectivos.
A pedido do então major Mariz Fernandes, passei a coordenar algumas reuniões; como o ritmo era grande, associei o major Vítor Alves, e ambos aliciámos o tenente-coronel Charais (nosso chefe de secção na 4.ª Repartição).
Numa reunião em casa do capitão Marcelino Marques (nos Olivais), o major Vítor Alves apresentou um programa de actuação que foi chumbado. Nessa reunião, ficou estabelecido, por sugestão minha, o seguinte:

– Se existia o Estado Novo, tal devia-se aos militares que fizeram o 28 de Maio de 1926.

Não competia aos militares fazer reivindicações de carácter sindical.
- Dada a situação, só lhes restava derrubar o Governo.
- Para que não acontecesse o mesmo que aos militares de 1926, devia estabelecer-se um programa que obrigasse os políticos a ficar com o poder.

Nessa reunião, foram encarregues de redigir o programa o major Melo Antunes, o capitão Moreira de Azevedo e o tenente-coronel Costa Brás. O programa foi apresentado na reunião de Cascais, no *atelier* do arquitecto Braula Reis (na Rua Direita, num 1.º andar). Posto à votação, foi aprovado pelo Exército e reprovado pela Força Aérea (por ser muito esquerdista!) e pela Armada (por ser muito conservador!).

Desta reunião saíram comissões para a redacção definitiva do programa e planeamento e execução da operação militar. Nesta, coube-me pertencer ao Estado-Maior do Comando da Revolução, que se localizou em instalações do Regimento de Engenharia 1, na Pontinha.

Para lá me dirigi no dia 24 de Abril cerca das 20h30. Levei comigo o *stencil* do Programa que viria a distribuir à Comunicação Social. O original foi por mim entregue ao Centro de Documentação 25 de Abril, em Coimbra.

No Posto de Comando estavam: major Otelo Saraiva de Carvalho, tenente-coronel Lopes Pires, tenente-coronel Garcia dos Santos, comandante Victor Crespo, major Hugo dos Santos, major Sanches Osório e capitão Luís Macedo.

Sobre o que se passou exactamente não vou repetir mais uma versão. Está tudo dito e redito!

Fui porta-voz da Junta de Salvação Nacional, fazendo conferências de imprensa todos os dias, no Palácio Foz, até ao anúncio da constituição do I Governo Provisório. Existem gravações nos arquivos da RTP, que estão disponíveis na *Internet*.

No âmbito do I Governo Provisório, fui nomeado director-geral da Informação, porque o ministro da Comunicação Social (Raul Rego) negava-se a tomar posse, se não fosse acompanhado por um militar!

No II Governo Provisório, fui nomeado ministro da Comunicação Social. Neste Governo, fez-se a Lei da Imprensa, que estabeleceu finalmente a liberdade de expressão do pensamento, em Portugal.

Saí do Governo e passei à situação de licença ilimitada no dia 29 de Setembro de 1974, por não concordar com a orientação comunizante que o Governo estava a tomar e por querer empenhar-me politicamente; o que vim a fazer como secretário-geral do PDC (Partido da Democracia Cristã).

Meu caro Aniceto Afonso, *sic transit gloria mundi* [Assim passa a glória do mundo]. Se encontrares contas ou valias melhores do que estas, emendas estas.

Um abraço do teu camarada

José de Sanches Osório.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

Direitos reservados

De Portugal chegava uma nova maneira de encarar a realidade sociopolítica

O QUE **EU VIVI**

JOSEP SÁNCHEZ CERVELLÓ*

Em abril de 1974, eu era estudante de Bacharelato na Universidad Laboral de Gijón e, quando ocorreu o 25 de Abril em Portugal, pensei: "outro golpe militar!", e logo me veio à memória o então recente golpe de Estado de Pinochet, no Chile, em setembro de 1973. Eu tinha apenas 16 anos, mas, por influência familiar, pois meu pai tinha lutado ao lado da República espanhola, estava já muito politizado e desde logo temi as piores consequências para Espanha, se se instalasse um regime militar no país vizinho. Mas, com o passar dos primeiros meses, dei-

-me conta de que de Portugal chegava uma nova maneira de encarar a realidade sociopolítica. E este foi o primeiro grande impacto positivo que em mim produziu a Revolução dos Cravos, ou seja, que não seria imposto um governo ditatorial, antes pelo contrário, surgia um regime que pretendia acabar com o colonialismo e instaurar a democracia. A partir deste momento, uma enorme corrente de pessoas que partilhavam os ideais do 25 de Abril chegaram a Lisboa para participarem diretamente no processo de mudança, e o regime franquista teve sérios problemas para impedir que a situação se ampliasse. Eu seguia os acontecimentos pela imprensa espanhola, que tinha de fazer malabarismos para se esquivar à censura.

O INTERESSE POR PORTUGAL

Interessei-me novamente por Portugal numa viagem internacional de estudantes a Cuba, em 1978, durante a qual contactei com militantes portugueses e, falando sobre a Revolução, dei-me conta de que, apesar de eu frequentar o curso de História, não tinha qualquer informação sobre Portugal.

A partir daqui o meu interesse foi crescendo e, no final dos meus estudos, decidi fazer a minha tese de doutoramento com o objetivo de compreender a Revolução dos Cravos e explicar a sua influência em Espanha, já que era um tema completamente inédito e eu estrava convencido de que existia essa conexão, ainda que o regime a tivesse minimizado.

Foi assim que cheguei a Lisboa, em 1984. Tinham passado apenas 10 anos desde o 25 de Abril. Estava perfeitamente ciente de que seria difícil encontrar documentação nas instituições oficiais, pelo que me empenhei em entrevistar os principais protagonistas de todos os perfis políticos, militares, sociais, etc. Eu tinha várias vantagens: era jovem, era estrangeiro, conhecia o idioma e tive a capacidade, através das amizades que ia fazendo, de chegar à maioria dos protagonistas, tanto militares como civis. Daí o grande número de entrevistas que fiz, as quais decidi depositar, mais tarde, no Arquivo Histórico Militar de Lisboa.

EU NUNCA MAIS VIVI SEPARADO DA LEMBRANÇA DE PORTUGAL E FUI PUBLICANDO MUITOS OUTROS TRABALHOS SOBRE A SUA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, CONSERVANDO MUITAS DAS AMIZADES E DAS RELAÇÕES QUE ENTÃO FIZ

Foram muitas horas de gravação, com Adriano Moreira, Alpoim Calvão, Aniceto Afonso, Ataíde Banazol, Carlos Antunes, Carlos Fabião, Casals Braga, César de Oliveira, Costa Gomes, Diogo Neto, Isabel do Carmo, Jorge Golias, Mário Soares, Martins Guerreiro, Matos Gomes, Melo Antunes, Paradela de Abreu, Pereira Marques, Pinto Balsemão, Rangel de Lima, Sá Carneiro, Otelo Saraiva de Carvalho, Spínola, Varela Gomes, Vasco Gonçalves, Vasco Lourenço, etc. Muitos outros colaboraram na

minha investigação, que aqui não poderão ser nomeados, pois não se trata de fazer uma lista exaustiva, mas nem por isso foram menos importantes para chegar ao fundo das questões. Desses encontros tenho que ressaltar a grande generosidade que encontrei. Sem exceção, abriram-me as suas casas, explicaram-me os seus motivos e, através das suas palavras, participei no grande momento histórico que viveram e protagonizaram.

Esses diálogos, que me permitiram conhecer melhor o contexto histórico e a realidade social do Portugal revolucionário, foram fundamentais para construir, para além de tudo, cumplicidades pessoais de que ainda desfruto e das quais muito me orgulho. Nas entrevistas estabelecia-se um clima de confiança que permitiu, inclusivamente, que me confiassem documentação inédita, fundamental também para a minha investigação e para provar as suas declarações. Daqui o meu grande agradecimento a todos eles pelo seu empenho na construção da democracia, apesar dos altos e baixos, bem como pela oportunidade que me deram de participar nela e de a compreender.

O meu estudo era arriscado, pois, como disse, só tinham passado 10 anos desde o 25 de Abril e não havia qualquer análise que abarcasse a contextualização e interpretação de todo o processo iniciado pelas Forças Armadas, com a sua conflitualidade interna entre partidários de diversas soluções para acabar com o que tinha sido o detonador da Revolução: a guerra colonial. Mas rapidamente intuí que não podia subavaliar a importância das forças políticas e sociais nem a sua participação efetiva no processo revolucionário, nem o seu valor como fundamental referência ideológica dentro do mesmo. Em definitivo, tive de estabelecer as relações entre os dois universos, já que, quando havia a intenção de se referirem as várias correntes ideológicas, faziam-no com nomes castrenses (spinolismo, gonçalvismo, os Nove, etc.). Encontrar essas conexões foi um dos temas mais enriquecedores.

Completei a minha tese com a influência dos acontecimentos portugueses em Espanha. Tratava-se de duas ditaduras longevas, já debilitadas, tanto interna como externamente, das quais uma já tinha caído com a Revolução e a outra, à beira do colapso, temendo os ventos de mudança que poderiam chegar do país vizinho. A influência foi notável em todos os âmbitos (político, militar, cultural, social, etc.) e, tanto nos erros como nos acertos, apesar de o regime franquista e a censura se conjugarem para negá-lo perante a opinião pública, embora dentro de portas tomassem boa nota do que ia sucedendo em Portugal.

Em definitivo, em dois anos desapareceram as duas ditaduras ibéricas, mais a grega (julho de 1974), o que implicou um reforço da democracia na Europa.

Eu nunca mais vivi separado da lembrança de Portugal e fui publicando muitos outros trabalhos sobre a sua história contemporânea, conservando muitas das amizades e das relações que então fiz.

* Professor universitário, historiador, sócio da A25A

RAÍZES DE UMA CONSPIRAÇÃO

FRANCO CHARAIS*

Ao longo da minha juventude, e durante cerca de duas décadas de formação e actividade como oficial do Exército, por questões de manutenção da família entretanto constituída, total dedicação à profissão e, ainda, pelo facto de o país ser governado por uma ditadura e sofrer as consequências de uma guerra que havia destruído, económica e materialmente, os países europeus, não permitiram que me interessasse por questões da política portuguesa. Apenas em 1961, com o acordar da ditadura para os problemas africanos, com a ameaça de revoltas armadas das populações locais, passei a ser alertado para os problemas políticos nacionais.

Mobilizado para uma comissão militar de dois anos em Moçambique, levando sob o meu comando cerca de 180 mancebos brancos, com a missão de vigiar uma área territorial superior à região algarvia, houve tempo e razões para começar a compreender e discutir aquela realidade, em que cerca de 150 mil brancos controlavam um território oito vezes maior do que Portugal, onde sobreviviam cerca de sete milhões de negros. Simultaneamente, milhões de portugueses, vegetando no território metropolitano, em vez de serem encaminhados para os territórios ultramarinos, fugiam clandestinamente à miséria para ganharem o seu sustento nos territórios europeus e americanos, desempenhando tarefas que os seus naturais se recusavam a fazer.

Aqui, no Algarve, o meu jardineiro contava-me da sua viagem a pé, evitando os principais itinerários para não ser apanhado pelas polícias portuguesa e espanhola, para conseguir um trabalho na lavoura no sul de França. E dos meus 180 soldados, apenas dois ou três ficaram em Moçambique, um território com potenciais riquezas minerais e hídricas, sedento de investimentos, de mão-de-obra qualificada, da construção de itinerários num território que, praticamente, vivia das ligações ferroviárias que ligavam a Africa do Sul e a Rodésia aos portos marítimos de Lourenço Marques e da Beira.

Terminada a comissão, tive a sorte de ser admitido à frequência dos cursos geral e complementar para ingressar no corpo de oficiais do Estado-Maior, onde duas disciplinas, Direito Internacional e Economia, me abriram um mais lato horizonte para melhor entender a gestão de um país praticamente ostracizado pela comunidade internacional.

Em 1971, fui novamente mobilizado para o estado-maior da Zona Militar Leste de Angola, com sede no Luso, actual Mochico. Em Angola, a situação era ainda mais preocupante, sendo de realçar o controlo de mais de seis milhões de negros, por cerca de 300 mil brancos, num território 14 vezes maior do que Portugal. Este imenso espaço era disputado por três movimentos armados, um apoiado pelo bloco ocidental, outro pelo bloco do leste da Europa e outro pela China. E os contingentes militares não se fixavam no território, antes regressavam à Metrópole com alguns mortos e feridos. Para muitos deles rumarem à Europa e às Américas.

Após a minha comissão, fui colocado na chefia de uma secção da 4.ª Repartição do EME *[Estado-Maior do Exército]*. Esta Repartição tinha por missão principal reunir as necessidades em material de guerra de todas as unidades do Exército (da Metrópole e das colónias) e preparar planos de aquisições de materiais de guerra para obter do Estado o financiamento necessário para a sua aquisição. Na secção que chefiava tinha como subordinados os oficiais do Corpo do Estado-Maior, major Vítor Alves, capitães Rocha Vieira e Sanches Osório e o capitão miliciano Ferreira.

Os meses que se seguiram foram muito importantes para a minha futura tomada de posição militar e política. De facto, talvez porque tivesse adquirido prestígio no meu trabalho ao serviço do Estado-Maior, fui destacado para acompanhar o Chefe do Estado-Maior do Exército em visitas a Cabo Verde e à Guiné, pelo que pude tomar, localmente, conhecimento dos principais problemas de mais duas colónias.

Na Guiné, impressionou-me o relato prestado pelo general comandante-chefe, com quem eu tinha servido em Angola. Um general vitorioso tinha dado lugar a um militar derrotado por uma situação que fugia ao seu controlo. Amargurado, não entendia que as populações a quem prestava apoio militar, económico e social, continuassem a dar informações ao inimigo. E com a crescente ameaça de os guerrilheiros passarem a dispor de mísseis terra-ar, ameaça que inevitavelmente se estenderia a Angola e a Moçambique, pelo que acabaria a superioridade que a aviação permitia sobre o inimigo. Tornava-se, assim, cada vez mais premente, sob pena de termos baixas inaceitáveis, um acordo sobre o fim da guerra.

Fui também nomeado para, como representante do EME, integrar uma missão militar encarregada de negociar fornecimentos de materiais de guerra, da qual também faziam parte oficiais representantes da Defesa Nacional, da Marinha e da Força Aérea.

A reunião, que tinha por objectivo a colaboração entre os exércitos português, sul-africano e rodesiano, realizou-se na África do Sul, em Pretória. As nossas Forças Armadas estavam interessa-

das, entre outros, nos apoios em helicópteros e granadas de artilharia, que eram fabricados só naquele país. E das conversações, que naturalmente extravasaram os objectivos da reunião, retive o desejo da África do Sul em constituir com Portugal e com a Rodésia uma força militar conjunta (com certeza sob o seu comando). Cobiçavam o petróleo de Angola e a água dos seus volumosos rios, mas sabiam que as independências daquelas colónias, ainda que a favor das minorias brancas, eliminariam os efectivos militares oriundos de Portugal, que, na sua opinião, não poderiam ser dispensados.

Dado o inevitável esgotamento das capacidades materiais e psicológicas das nossas tropas e as constantes condenações da comunidade internacional, era inevitável e urgente o recurso a uma solução política, ou seja, reconhecer aos povos africanos o direito a se autodeterminarem ou, mesmo, se tornarem independentes.

E esta convicção irá ser reforçada com os resultados dos estudos feitos na 4.ª

Repartição na elaboração de dois planos, um para aquisição de munições e, outro para aquisição de material de guerra. Os planos não seriam dotados com verbas superiores às atribuídas nos anos anteriores, verbas que cobririam apenas 10% das necessidades reais, cerca de 1,2 milhões de contos. No caso de aquisição de armamento e viaturas, o problema era grave, pois a NATO tinha proibido a utilização de armas NATO nas colónias. E, mesmo que as dotações financeiras fossem aumentadas, a aquisição de muitos dos materiais seriam demoradas e dificilmente chegariam a tempo de colmatar as crescentes deficiências das nossas unidades operacionais.

DADO O INEVITÁVEL ESGOTAMENTO DAS CAPACIDADES MATERIAIS E PSICOLÓGICAS DAS NOSSAS TROPAS E AS CONSTANTES CONDENAÇÕES DA COMUNIDADE INTERNACIONAL, ERA INEVITÁVEL E URGENTE O RECURSO A UMA SOLUÇÃO POLÍTICA, OU SEJA, RECONHECER AOS POVOS AFRICANOS O DIREITO A SE AUTODETERMINAREM OU, MESMO, SE TORNAREM INDEPENDENTES

Por outras palavras, a guerra, além de tudo o resto, estava falida.

Um dia, o major Vítor Alves falou-me do Movimento dos Capitães e na determinação destes para acabarem com o regime que nos governava. No caso de eu aderir, desejava a minha colaboração na elaboração de um documento que esclarecesse o País das razões da tomada de decisão do Movimento dos Capitães. Pelas razões atrás expostas, decidi aderir. A seguir,

convidou-me para assistir a uma reunião do Movimento, em Cascais, onde assisti à escolha dos generais Costa Gomes e Spínola para comandar uma rebelião e à criação de dois grupos, um para preparar a correspondente acção militar para a tomada do poder e outro para a elaboração duma carta de comando para todos os militares. Fui integrado num grupo de jovens militares dos três ramos das Forças Armadas que elaboraram um documento que assumiu a designação de Programa do Movimento das Forças Armadas. No decorrer das várias reuniões, apercebi-me da determinação e capacidade de luta por objectivos nacionais de jovens oficiais aparentemente pouco preocupados com as consequências pessoais das atitudes que se propunham assumir e que produziram um notável documento definindo tarefas a serem cumpridas por militares e civis, estabelecendo prazos e objectivos. Mas não resisti a perguntar ao major Vítor Alves, que coordenava os dois grupos, qual a probabilidade de êxito da operação militar. Respondeu-me: "se tivermos 48%, vamos todos presos, mas garanto que o regime dificilmente se manterá". E preparei-me, psicologicamente, para "ir dentro".

Mas, dois ou três dias depois, o MFA iria desenvolver o seu plano operacional, acompanhado pelo Programa do MFA, e através de uma operação bem planeada e conduzida, os jovens capitães libertaram o povo português do regime de ditadura, abrindo caminho à criação de um regime democrático pluripartidário, ao encontro de uma solução para a guerra no Ultramar e ao lançamento de uma política económica posta ao serviço do povo português, em especial das populações mais desfavorecidas. E, no que me diz respeito, uma nova e notável aventura iria começar, ou seja, acompanhar os jovens capitães na criação da 2.ª República Portuguesa. A minha intervenção e a importância que irá ter ao longo de todo o processo o Programa do Movimento das Forças Armadas serão objecto de um texto próprio, a publicar num próximo número d'*O Referencial*.

ATRAVÉS DE UMA OPERAÇÃO BEM PLANEADA E CONDUZIDA, OS JOVENS CAPITÃES LIBERTARAM O POVO PORTUGUÊS DO REGIME DE DITADURA, ABRINDO CAMINHO À CRIAÇÃO DE UM REGIME DEMOCRÁTICO, AO ENCONTRO DE UMA SOLUÇÃO PARA A GUERRA NO ULTRAMAR E DE UMA POLÍTICA ECONÓMICA AO SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS

* Capitão de Abril, sócio da A25A

PREPARAÇÃO PARA **ABRIL**

MARTINS GUERREIRO

Os últimos anos, antes do 25 de Abril de 1974, foram importantes para o processo de consciencialização política dos jovens oficiais de Marinha

A tradição republicana, democrática e revolucionária é um dos elementos constituintes da cultura da Marinha, alicerçados em valores de liberdade, responsabilidade, respeito pelo outro, solidariedade, camaradagem e abertura ao mundo.

A liberdade de expressão foi sempre uma realidade no ambiente de câmara dos navios e sobretudo no Clube Militar Naval (CMN), associação de oficiais fundada em 1866.

As viagens, os cursos, a construção e a recepção de navios no estrangeiro tiveram forte influência nos jovens oficiais; em Maio de 1968, encontravam-se em construção em França quatro fragatas e quatro submarinos, muitas centenas de oficiais, sargentos e marinheiros conheceram realidades democráticas e tempos de irreverência e luta popular nas ruas de Paris.

Em 1968, dinamiza-se fortemente a vida associativa do Clube Militar Naval, promovendo o contacto com oficiais mais antigos de cultura republicana e com a sociedade, o que nos permitiu conhecer e perceber algumas das causas dos insucessos das conspirações contra o regime de Salazar.

Quando regressei de Itália, onde frequentei o curso de Engenharia Naval e Mecânica, de Outubro de 1965 a Dezembro 1969, entrei de ime-

diato nos processos de dinamização associativa e cultural do Clube e dos jovens oficiais ainda ligados à Escola Naval que prestavam serviço nos navios, na Base Naval e nos grupos de Escolas da Armada, incluindo a Escola de Fuzileiros. Após várias reuniões, fora do CMN, de camaradas das duas sensibilidades, definimos para nossa orientação e atuação dois objetivos claros:

Profissional – bem servir o País, dignificando a Marinha.

Cívico, cultural e político – contribuir para a queda do regime e a resolução do problema da guerra colonial.

Havia que retirar ao regime um dos seus pilares: as Forças Armadas.

Com os elementos de que dispúnhamos e contacto com oficiais mais velhos estudámos a nossa história e cultura e as participações em anteriores tentativas contra o regime. Percebemos que o método *putshista* não resolvia os problemas nem abria o caminho para uma democracia de todos.

Era necessário criar com determinação uma estrutura coesa, valorizar a base cultural comum, explorar todas as vias legais ou semilegais que levassem ao aumento do conhecimento, do espírito crítico, da participação e da solidariedade entre todos, alargando esse processo às famílias e a toda a Marinha onde fosse possível.

A solidariedade foi a nossa pedra de toque e referência permanente, o Clube foi o palco privilegiado do nosso processo de atuação de âmbito cultural. Também criámos e apoiámos cursos em escolas (no Ministério da Marinha e no Desportivo da Piedade), onde os marinheiros podiam estudar para o 5.º ano dos liceus, dinamizámos as bibliotecas dos navios, os jornais das unidades, o aumento do conhecimento e a cultura geral, elaborámos vários documentos pedagógicos e informativos de circulação restrita com especial relevo no Gabinete de Estudos na Escola de Fuzileiros.

Importa esclarecer que o nosso processo não foi de conspiração para um golpe militar, estávamos bem conscientes dos limites e desvios de tal via. O processo em que nos empenhámos completamente foi de conscientização e sensibilização para a necessidade da mudança, usando para isso todas as vias e formas disponíveis: profissional, cultural, cívica, organizacional com utilização de amplo processo de debate e de formas de deliberação democrática. Sempre que em nosso entender os valores ou princípios essenciais eram postos em causa encontrávamos formas de os defender e de nos manifestarmos (abaixo-assinados, exposições, documentos de assinatura coletiva). Os nossos processos e formas ultrapassavam, quando necessário, os limites, tínhamos consciência disso, mas os princípios e valores pelos quais nos batíamos eram cobertura ética suficiente. Enfrentámos medidas repressivas, as acções de solidariedade para com os atingidos contribuíam para operarmos novos avanços qualitativos e quantitativos. Em cada nova fase aprofundávamos o debate, surgiam por vezes a impaciência e a velha ideia de uma acção militar espetacular para abalar, enfraquecer e derrubar o regime. Decidimos sempre democraticamente entre nós, sem hierarquias, qual

a forma mais adequada a cada nova situação ou circunstância.
Neste processo tínhamos contactos regulares, desde 1972 e em especial quando surgiu o movimento dos capitães, com dezenas de oficiais superiores que conheciam as nossas movimentações e propósitos, mas não conheciam a nossa estrutura fechada. A grande maioria percebeu isso, e a sua colaboração foi muito valiosa. Entre oficiais mais antigos pode ter havido quem não tenha valorizado devidamente o nosso processo, por não perceberem a sua natureza. No próprio dia 25 de Abril, ocorreu um caso muito significativo, o da Fragata Gago Coutinho, bem diferente do que se passou na Fragata Sacadura Cabral, no petroleiro São Gabriel, na Esquadrilha de Submarinos, na Base Naval, na Direção das Armas Navais e na Escola de Fuzileiros, onde os comandos aceitaram sem dificuldade as informações, posições e iniciativas que assumimos.
A nossa estratégia e compromisso não foi a de envolver navios na acção direta, foi sim de solidariedade com os camaradas do Exército e, em caso de necessidade, neutralizar as unidades ou forças que o Estado-Maior da Armada quisesse movimentar contra as forças revoltosas do MFA. Esse foi o sentido expresso na moção aprovada em 13 de Março de 1974, na reunião de 130 oficiais no CMN, e do compromisso militar estabelecido diretamente com Otelo, depois do golpe das Caldas de 16 de Março.
Nos anos de 1972 a 74, consolidámos a nossa estrutura fechada, por iniciativa dos oficiais desenvolvemos contactos com sargentos, praças e civis da Marinha e oficiais da Reserva Naval (milicianos) de forma a coordenarmos acções conjuntas.

O PROCESSO EM QUE NOS EMPENHÁMOS COMPLETAMENTE FOI DE CONSCIENTIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO PARA A NECESSIDADE DA MUDANÇA, USANDO PARA ISSO TODAS AS VIAS E FORMAS DISPONÍVEIS: PROFISSIONAL, CULTURAL, CÍVICA, ORGANIZACIONAL COM UTILIZAÇÃO DE AMPLO PROCESSO DE DEBATE

O Clube era uma excelente via para o contacto com a sociedade e a intelectualidade portuguesa entre os quais alguns elementos de relevo da Oposição Democrática.
Quando, em Setembro de 1973, surge o movimento dos capitães, decidimos reorganizar e alargar a nossa estrutura fechada no âmbito das zonas de residência, elegemos uma Comissão Coordenadora da Armada articulada em três grupos: ligação ao Exército, militar e direção interna.
Considerámos prioritária a elaboração de um documento político com linhas democráticas claras, felizmente conseguimos fazer ligação direta com Melo Antunes com quem foi fácil uma perfeita sintonia de ideias quanto ao que

seriam as grandes linhas de um futuro programa político – o Programa do Movimento das Forças Armadas. As linhas gerais estabelecidas para o programa são coerentes com as teses da Oposição Democráticas aprovadas no III Congresso em Aveiro, onde estivemos presentes.

Nas vésperas do 25 de abril, Otelo entrega a Vítor Crespo a ordem de operações, verificamos que a sede da PIDE e a prisão de Caxias não constam como objetivos, fizemos sentir a incongruência ao que o Otelo nos respondeu: "Se não concordam façam vocês", sem nos explicar que os tinha inicialmente considerado, mas que as forças a quem atribuíra a missão não aceitaram o risco. Isto criou-nos uma situação nova no sentido de uma intervenção militar direta, o que ia além do nosso consenso interno e do nosso compromisso com Otelo. Não obstante, por a considerarmos de interesse político fundamental, decidimos no grupo militar procurar viabilizar tal intervenção de última hora. Eu e Vítor Crespo, no dia 22, com apoio de dois jovens camaradas, contactámos o comandante do destacamento de fuzileiros que partiria em breve para Moçambique. A reunião não foi conclusiva, ficou em aberto a intervenção do destacamento, se para tal houvesse solicitação superior que só poderia vir do comandante da Força de Fuzileiros, capitão-de-mar-e-guerra Pinheiro de Azevedo, que havíamos escolhido para membro da Junta de Salvação Nacional.

No dia 23, entreguei a Pinheiro de Azevedo a Ordem de Operações com a indicação de que um destacamento de fuzileiros poderia ser chamado a intervir.

No dia 25 de Abril, de madrugada, no Centro de Comunicações da Armada, Almada Contreiras estabelece contactos "cifrados" com Pinheiro de Azevedo, saindo então uma unidade de Fuzileiros para obter e receber a rendição da PIDE. A primeira tentativa não resulta e, só mais tarde, numa segunda tentativa chefiada por Costa Correia, devidamente articulada com as forças de cavalaria de Estremoz, a PIDE se rende ao MFA; outra força de fuzileiros em conjunto com paraquedistas ocupam o Forte de Caxias, no dia 26.

A acção da Marinha junto da PIDE desenrola-se sem uma orientação clara e sem os indispensáveis meios de comunicação com o Posto de Comando da Pontinha. Mas, através de Almada Contreiras, foi possível passar a informação essencial.

Quando ocorre o 25 de Abril, o movimento da Marinha tem uma estrutura dotada de forte consciência política, que consolidou ao longo de quatro anos.

Foi a sedimentação e a prática de organização dos jovens oficiais da Marinha e o envolvimento das mulheres nas actividades abertas, que lhes deu consistência, coerência e coesão e explicam que, apesar de todos os acidentes de percurso e interferências externas, a grande maioria se manteve unida ao longo do processo que se seguiu ao 25 de Abril, explicando igualmente a capacidade e coerência no desempenho das funções políticas para que foram solicitados.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

CONVINHA QUE FOSSE **DE UMA SÓ VEZ...**

M. SIMÕES TELES*

Pendia-se para quem era tido como dado ao trabalho, fosse educado e não se embriagasse. Fosse ele capitão, ou mestre, ou pescador do bacalhau, ou motorista, ou mecânico na oficina de automóveis, ou operário de estaleiros ou mestre de obras, ou pedreiro, ou pintor ou instalador electricista, ou médico ou parteira, ou condutor, ou pica da camioneta da carreira, ou engenheiro, ou arquitecto da câmara, ou sem ser da Câmara, ou oficial do Exército, ou da Marinha, ou sargento, ou comerciante de roupas ou de louças, ou professor, ou barbeiro, ou costureira.

Em casa, cumpriam-se hábitos bem firmados: comia-se compenetradamente a horas certas, gostava-se de tudo e não se deixava comida no prato; fora, cultivava-se amizades, honrava-se os amigos e as famílias, sem autorização para

se pendurar nelas ou se confundir com eles. O estudo tinha horas todos os dias. Dizia-se que era mais difícil vergar um tipo que soubesse e soubesse fazer, fosse carpinteirar, fazer galenas ou pilotar aviões. A vida ia em frente. De certeza que havia futuro.

Não se ligava à religião, tinha-se adoptado a tirada de Eça de Queirós na página 36 de *A Cidade e as Serras*: "a religião é o desenvolvimento sumptuoso de um instinto rudimentar comum a todos os brutos, o terror" – para uso pessoal. Olhava-se de soslaio os padres, é claro. O das aulas de religião *imoral* existia para ser provocado e se apanhar faltas de castigo, até três. À igreja não se ia, logicamente. Das que se dizia que eram beatas fazia-se pouco. De Fátima, dizia-se: o embuste muito conveniente, claro está.

Preferia-se as novelas arrebatadas do Camilo aos romances enrolados do Eça. Sofria-se a adivinhar sinónimos nos livros do Aquilino, mas assumia-se que se tinha de os acabar. Gozava-se os poemas métricos do Cesário Verde, achava-se que sentimento e razão podiam conviver pacificamente.

Entretanto, ia entrando a suspeita que os jornais não diziam tudo e mentiam. Confirmava-se que era verdade quando se conhecia alguém que convictamente censurava. Convivia-se com amigos que tinham os pais ou os tios presos, a cujas famílias os nossos iam prestar auxílio. Era garantido que não era por roubarem. Pior ainda, saíam doentes, por serem torturados. Começavam por aí dias amargos.

Depois, más-línguas vinham dizer que tinha havido fogueiras a queimar gente num país à beira-mar plantado. Juntavam-se as peças, descobria-se pouco a pouco que era verdade, e que era este. O espanto reduzia-se. Ideias arrumadas, se calhar a vida ia ser diferente.

Achava-se que os cobóis eram os heróis das fitas, até a um dia. Foi aventado que os índios tinham chegado antes e que tinham andado a matar essa gente para lhes ficar com as terras. Que nem tentavam convertê- -los sequer para a convencer a dá-las. Visto as-sim, das notícias podia inferir-se que andavam a fazer o mesmo no Vietname, com napalm em vez de pistolas e carabinas. Havia de se ar-ranjar outro país ou outra maneira para obter as vacinas e os antibióticos.

Dizia-se que a África ficava a meio caminho entre Minho e Timor e que não havia diferenças. Chegava-se, e parecia que as gentes estavam em harmonia com o clima, com a terra e entre elas. Tinham olhos grandes amendoados e vestiam melhor que nós para o calor que fazia. Transpareciam paz, que se intuía que era estranha à nossa presença. Não havia maneira de arredar a ideia que se estava em terra estrangeira. A vida complicava-se cada vez mais.

A bordo, descobria-se aos poucos que não havia missão, apenas tarefas. Navegava-se para o tirocínio, a meia-força. Convivia-se mal com quem mandava, mais do que comandava. E ia-se adquirindo o convencimento de que era impossível comandar sem missão. Feito o balanço, era-se obrigado a fazer descontos. Talvez por isso, despontava a convicção de que se a hierarquia era coisa natural para conduzir os homens a chegar aos destinos, natural seria então que os valores pudessem ser hierarqui-

zados. Daí a concluir-se, convenientemente, que se podia pôr as pessoas em primeiro, os camaradas em segundo e os chefes no fim foi coisa de somenos e célere. Posta em prática, a certeza começou por custar uns dias de prisão disciplinar agravada. A seu tempo, o saldo ficaria positivo.

Ninguém podia ir-se embora antes de um bom par de anos, mesmo que se afirmasse contra a guerra e tivesse entregado o respectivo pedido de demissão, a menos que arriscasse desertar. Essas cenas acabaram a deduzir-se que a guerra não ia acabar por si, havia que se industriar o seu fim. Ainda por cima, ouvia-se que já havia camaradas com a mesma música a tocar dentro de si. E alguns outros com altifalantes para quem quisesse ouvir. Era muito bem feito! A vida melhorou.

Alinhava-se no grupo da Linha. Discutia-se e concluía-se sempre que para acabar com a guerra era preciso acabar com o regime. Tinha de ser com muita gente, para ninguém se aproveitar. O discernimento chegava normalmente por via do Martins Guerreiro ou do Almada Contreiras. Convinha que fosse de uma só vez e não falhasse, porque se tinha ouvido em tempos a um comandante de companhia da Escola Naval que em tempo de revolução a lei que prevalecia era a de quem vencesse. Para descobrir quem mais podia alinhar, combinava-se reuniões no Clube Militar Naval e auscultava-se os mais antigos. Nem se dava pela trabalheira que isso dava.

Depois, num belo dia do último trimestre de 1973, tudo isso foi obliterado num ápice quando irromperam os camaradas do Exército. Trouxeram consigo a legitimidade das mais que uma comissão no mato, o sem fim à vista. Sobretudo, fundiam-se com as evidências da falência da posição colonial portuguesa. A vocação histórica que era atribuída ao operariado para instalar o socialismo afinal estava transmudada neles para acabar com a guerra. Como aqueloutros, não importava se sabiam ler ou não. O governo não tinha a solução para a guerra colonial, eles tinham-na, clara como a água, sem rodriguinhos e sem remissão: acabar com o governo para se negociar a guerra. Nem todos estariam cientes de que acabar assim com o governo era acabar com o regime. Era o que menos importava, as coisas seriam como seriam.

Pensado melhor, importava sim. Sucederam-se as noitadas nas casas de alguns deles, pelo bairro Augusto de Castro fora, em Oeiras, e noutras casas, de *bic* na mão. Tinha-se combinado ter um programa para os dias seguintes, de que logo surgiu o prometido rascunho. Que belo rascunho! Ajeitaram-se algumas vírgulas e repetiram-se algumas palavras no texto que já estavam em título. Se se conseguisse que existisse, dava para ano e meio a dois anos.

Oeiras, Junho de 2023

* Capitão de Abril, sócio da A25A

VIEMOS DE LONGE

MÁRIO TOMÉ*

Quando meti o requerimento a demitir-me do exército, em Novembro de 1970, a guerra já tinha deixado de ser, para mim, um "desporto radical" como aprendera com os heróis derrotados de Jean Lartéguy em *Os Centuriões* e *Os Pretorianos* e *A Batalha de Dien Bien Phu*, de Jules Roy, esse magnífico fresco de uma batalha perdida à partida. Os fetiches, pátria, dever, obediência, a cavalo dos grandes referentes morais dos militares, impunham a defesa dos interesses de dominação.

Da mesma forma, os quase míticos oficiais do exército francês – Bigeard: "os meus homens morrem barbeados de fresco" – na Indochina e na Argélia eram referência para alguns dos recém-formados oficiais do exército português prestes a irem defender o fascismo nas colónias – apelidado de pátria para bom uso. Paralelamente, ouvíamos embevecidos os grandes nomes da canção francesa de resistência e de intervenção, como George Brassens, Serge Regiani, Leo Ferré, Boris Vian, e mesmo José Afonso, Luís Cília, José Mário Branco ou Sérgio Godinho, mais cercados pela censura e pela PIDE.

Na minha segunda comissão, em Meponda, no Niassa, conheci dois irmãos, logo amigos, a Dida Calvário e o Zé Calvário em cuja casa,

quando ia à sede do Batalhão ou do Sector, em Vila Cabral, com os meus alferes o Chico Seixas, o Sereno de Almeida, o Elias Soares e o Ruben, que já nos deixou, os estagiários do QP *[Quadro Permanente]* que tive a honra de receber na minha Companhia de Cavalaria 1601, *É Para Já,* primeiro o Matos Gomes e logo depois o Dinis de Almeida, mais milicianos das redondezas onde o mote era Zeca, Adriano, Cília, *Arena Conta Zumbi*, de Augusto Boal, e *Liberdade, Liberdade*, de Millôr Fernandes, em vinil, dirigidas por Paulo Autran.

Depois, na Escola Prática de Cavalaria, a comandar um esquadrão de instrução, aprendi com *Morte e Vida Severina*, "é a parte que te cabe deste latifúndio" está-se mesmo a ver, de João Cabral de Melo Neto, tocada e cantada, em exercícios finais, pelo Rui Pato e outro cadete de que não me lembro o nome, malta boa expulsa da universidade e mobilizada, a mostrar que o fascismo, além de facínora, era estúpido e assim arranjou mais lenha para se queimar.

Com o meu grupo íntimo desde a Academia, o Nuno Mira Vaz e o Óscar Lima, mais o Muñoz Cardoso e o Lemos Pires, irmão do general que foi governador de Timor aquando da invasão genocida, formámos um grupo de jograis que intentava furar pela malta da universidade. Mas também tivemos o capelão da Academia Militar, Reis Rodrigues, que numa de "vale mais prevenir do que remediar" arranjou umas conversas com os bons dos jograis para explicar o marxismo, tese, antítese e síntese, estão a ver, as coisas do mundo não se podem explicar pela dialéctica sem alma, materialista. Por acaso os jograis gostaram da ideia e navegaram, uns mais do que outros, contra o irracionalismo fideísta. O capelão era um intelectual de alto coturno e, por brincadeira, passámos a chamar-lhe, quando foi "promovido" a Bispo de Madarsuma, o bispo Kamasutra.

OUVÍAMOS EMBEVECIDOS OS GRANDES NOMES DA CANÇÃO FRANCESA DE RESISTÊNCIA E DE INTERVENÇÃO, COMO GEORGE BRASSENS, SERGE REGIANI, LEO FERRÉ, BORIS VIAN, E MESMO JOSÉ AFONSO, LUÍS CÍLIA, JOSÉ MÁRIO BRANCO OU SÉRGIO GODINHO

Na terceira comissão, 1970, na Guiné, fui ao encontro do alferes miliciano Paulo Salgado que tinha ficado, três meses depois de desembarcarem no Olossato, a comandar a Companhia de Cavalaria 2721, por morte em combate do capitão Moura Borges. Ele criou uma boa equipa, furriéis Bento Luís e Branco, o cabo Moura Marques e outros. Com o Paulo Salgado à cabeça, lançámos o nosso órgão de informação e formação, o *Tabanca,* e com ele promo-

vemos debates cultural/políticos q.b., de que o pessoal gostou.
Já em Lisboa, veio o telefonema do Filomeno Garcia, ajudante de campo do Kaúlza de Arriaga. Eu tinha chegado da Guiné, o Kaúlza estava em Lisboa a explicar como a Nó Górdio dera cabo da Frelimo e o Filomeno telefonou-me propondo-me que o fosse substituir. Respondi que não, que tinha requerido a demissão do Exército, declarando a minha oposição à guerra e à política colonial. Desligámos. Pensei outra vez, "estes tipos vão mandar-me para uma quarta comissão no mato", e liguei-lhe: "olha, diz lá que sim".
O meu requerimento, no Outono de 70, politicamente provocatório, tivera como resposta, um ano depois, um singelo e inocente "indeferido" e o próprio Kaúlza, que nunca me tinha visto mais gordo, e a quem deu conhecimento da minha falta de fé, não levantou qualquer objecção a ter-me na intimidade das decisões político-militares de salvação do império: todos eles já tinham clareza sobre o estado desastroso do regime face à guerra que impusera.
Assim cheguei a Nampula com mulher e filhos.
Kaulza, depois do pífio mas exaltado resultado da Nó Górdio, percebeu que afinal tinha facilitado a infiltração da Frelimo em Tete e na Zambézia, que os guerrilheiros não se afogavam na barragem de Cabora Bassa e que, apesar da sua óptima relação com os racistas da Rodésia (Zimbabué) e da África do Sul e com o incontrolável, ambicioso e pidesco Jorge Jardim, mais a fina flor fascista do regime, não conseguia os *Mirage* nem os apoios políticos e militares que requeria e foi posto na alheta.
No Verão de 73, foi substituído pelo general Bastos Machado; em boa hora, porque com ele, como ajudante de campo, ia o capitão Cuco Rosa, portador de novidades e orientações pós reacção geral, com Spínola e tudo, ao Congresso dos Combatentes.
Os capitães organizavam-se com entusiasmo por todo o império em guerra, passando por cima do que os observadores encartados gostam de colocar na origem do movimento, as tais razões corporativas e confronto com os capitães milicianos. A unidade impôs-se face à enormidade do que se delineava como o único objectivo aceitável: acabar com a guerra. Como?

OS CAPITÃES ORGANIZAVAM-SE COM ENTUSIASMO POR TODO O IMPÉRIO EM GUERRA, PASSANDO POR CIMA DO QUE OS OBSERVADORES ENCARTADOS GOSTAM DE COLOCAR NA ORIGEM DO MOVIMENTO, AS TAIS RAZÕES CORPORATIVAS E CONFRONTO COM OS CAPITÃES MILICIANOS

Derrubando os que a promoviam, impunham e sustentavam.
Em Nampula, rapidamente nos organizámos e eu mais o Aniceto Afonso sentíamos que caminhávamos de forma imparável. Trocávamos correspondência com o pessoal da Guiné, donde o Carlos Matos Gomes me deu as primeiras informações e de Angola donde me apercebi do entusiasmo do Luís Villas Boas. Por mão própria, aproveitando as deslocações de camaradas para gozo de férias, ou pela CHERET, que dominávamos completamente, participávamos na unificação das vontades cada vez mais óbvias. Objectivo: fim da guerra e reconhecimento da independência das colónias; estratégia: unir todos os capitães e oficiais que se disponibilizassem através da afirmação sistemática de que defendíamos acima de tudo o prestígio das Forças Armadas. E, de facto, não fora o 25 de Abril e as Forças Armadas seriam derrotadas sem apelo nem agravo. Os estados-maiores só não o confessavam, porque instruídos na mentira.
A acção da Coordenadora de Moçambique centrou-se na informação permanente para todas as unidades espalhadas pela Região Militar e na nossa própria informação sobre o que ia no mundo. A nossa sede era o próprio Comando-Chefe, onde o Cuco Rosa e eu estávamos colocados. O Aniceto Afonso, o Melo de Carvalho e o Fernando Amaral tinham as rédeas na mão.
Em Janeiro, creio, antes mesmo do *Portugal e o Futuro*, de Spínola, ter dado mais ânimo àqueles que precisavam dele, lembro-me de ter dito à Graça: "Isto é nosso; já ganhámos". E perante o espanto ligeiramente céptico dela, acrescentei: "quem faz a guerra são os capitães, se nós dissermos acabou, acabou mesmo"!

NÃO FORA O 25 DE ABRIL E AS FORÇAS ARMADAS SERIAM DERROTADAS SEM APELO NEM AGRAVO. OS ESTADOS-MAIORES SÓ NÃO O CONFESSAVAM, PORQUE INSTRUÍDOS NA MENTIRA

O falhanço do golpe das Caldas não nos afectou. Lembro-me de um encontro na rua, "em cima do acontecimento", a resposta foi unânime: o caminho é em frente e ficámos a saber da reacção do inimigo. A vitória é nossa!

Esta é a minha abordagem da Conspiração que nos levou ao 25 de Abril. Não sem deixar de frisar que o golpe dos capitães e "associados" foi para acabar com a guerra e não para acabar com o fascismo. O derrube do governo fascista foi a condição *sine qua non*. Daí que tanto do fascismo tenha permanecido e vingado por entre os interstícios da democracia, que, segundo o Cavaco, que celebrou o *Dia da Raça* (sic), é "garantida pelo mercado livre": depende dos negócios!

Viva o 25 de Abril! Sempre!

* Capitão de Abril, sócio da A25A

SENTIMENTOS **E EMOÇÕES**

NUNO PINTO SOARES*

Nasci em 1943, em Moçambique, onde permaneci até completar o ensino primário. Na escola, éramos todos moçambicanos. Nem sempre foi fácil, mas consegui pensar-me com a mesma nacionalidade que todos eles.

Um dia, o meu pai explicou-me que teríamos de vir para Portugal, principalmente para concluir o liceu, no Colégio Militar. Convenceu-me, lembrando-me que muitos familiares ali tinham também completado os seus estudos liceais.

No 1.º ano, chorei muitas vezes à noite, percebendo que entrara noutra realidade humana e que tinha muitas saudades dos amigos, bem como do espaço geográfico e hábitos da minha terra, que me encantaram para sempre.

Acabei, contudo, por me habituar a esse espantoso Colégio Militar, com tantas tradições fraternas e solidárias, que fizeram de mim, aos 17 anos, uma pessoa bem formada.

Entrei na Academia Militar, em 1960, e escolhi o curso de Engenharia. Pouco depois, deu-se a chamada "invasão da Índia Portuguesa", que custou a muitos camaradas muitas agruras, tendo alguns sofrido duras penas e expulsões pelo regime de Salazar. Recordo-me de como foi traumatizante para mim a situação desses camaradas.

Ainda antes, tinha começado a guerrilha em Angola, no início de 1961. Posso dizer que foi, com base nesses acontecimentos, que começou a minha convicção da necessidade da independência dos territórios ultramarinos.

As minhas mobilizações para comissões militares confirmaram esses meus sentimentos, reforçados pelo facto de nos últimos quatro meses da minha presença em Angola, no início de 1973, ter sido escolhido para comandante da Companhia de Comando e Serviços do Agru-

pamento de Engenharia de Angola, constituída por cerca de 1000 soldados africanos. As conversas que com eles mantive foram entusiasmantes, onde chegámos a falar da questão da independência, como sinal de um convívio frutuoso e inesquecível.

Cheguei a Lisboa no verão de 1973, já certo de que não tinha reservas éticas para continuar ao serviço do Exército. A consequência foi a minha colocação na Direção da Arma de Engenharia, sentado num gabinete, afastado de qualquer comando de soldados.

Esta situação insustentável levou-me a um impulso súbito e muito consciente: requerer a passagem á reserva. Mas, como conhecia o meu carácter impulsivo, resolvi guardar o requerimento, por alguns dias, na gaveta da minha secretária. Foi essa atitude que me salvou!

Corria a primeira quinzena de setembro de 1973, quando, um dia, me entra pelo gabinete o capitão Vasco Lourenço, meu camarada do mesmo curso de entrada na Academia Militar. Nunca mais o tinha visto, já lá ia uma década! Depois de um grande abraço relata-me então que, em consequência da reunião de Alcáçovas com mais de cem capitães, se teria iniciado um movimento clandestino mais amplo, com o fim último de pôr em causa o regime político nacional. "Entras nisto?", perguntou o meu camarada. Como resposta, tirei da gaveta o tal meu requerimento, li-lho e, à sua frente, rasguei-o e disse-lhe: "Conta comigo, sem qualquer hesitação".

Uma semana depois iniciei o meu trabalho no movimento clandestino de capitães do Exército. Foram sete meses até ao 25 de abril, os mais saudavelmente cansativos da minha vida, os mais felizes profissionalmente.

"ENTRAS NISTO?", PERGUNTOU O MEU CAMARADA [*VASCO LOURENÇO*] . COMO RESPOSTA, TIREI DA GAVETA O TAL MEU REQUERIMENTO, LI-LHO E, À SUA FRENTE, RASGUEI-O, E DISSE-LHE: "CONTA COMIGO, SEM QUALQUER HESITAÇÃO"

Foi um constante desgaste, com noites e dias disfarçados de serenidade no serviço, mas com permanente ansiedade. A minha mulher agradeceu-me comovida, quando lhe contei. A sua maior tristeza era a da morte de seu pai em Angola, como capitão piloto da Força Aérea, no nunca esquecido desastre do Chitado, no sul do território, logo em 1961. Mas nunca me interpelou, apenas aguardando que o fim de cada dia ou de cada noitada de conspiração me trouxesse para casa.

Um dos factos que mais me "tocaram" foi a

adesão do então coronel de Engenharia, Vasco Gonçalves, que com muita serenidade nos foi aconselhando prudência ideológica, quando dava conta de algum capitão politicamente mais "avançado"!

Em 9 de Março de 1974, fui preso, envolvido na questão do suposto "rapto" de três camaradas para impedi-los de embarcarem para os Açores e Madeira, em consequência de uma decisão arbitrária das autoridades militares.

O meu pai era coronel e comandava a Escola Superior da PSP, em Alcântara, Lisboa. Foi o 2.º comandante do QG de Lisboa (eram do mesmo curso da Escola do Exército) que lhe comunicou a situação, por telefone e muito atrapalhado e seco, dizendo-lhe que eu, seu filho, tinha sido preso, despedindo-se sem mais palavras: "Não posso dizer mais nada... adeus". O meu pai, a quem eu ia dando conhecimento de que andava muito ocupado, percebeu então tudo e, no dia seguinte, vestiu a sua farda n.º 1 e foi direto ao Ministério do Interior apresentar a sua demissão.

A verdade é que só alguns meses depois do 25 de Abril é que os generais Spínola e Costa Gomes, seus camaradas mais velhos do Colégio Militar, o contactaram e oficializaram a sua situação, com grande cortesia. Na sequência, houve na PSP um grande movimento de homenagem, com um grande almoço para o qual eu tive o privilégio de ser convidado, sendo que era, nessa altura, membro do Conselho de Estado. Tanto eu como o meu pai tivemos de ignorar os comentários deselegantes que alguns fizeram nessa altura.

FUI PRESO, ENVOLVIDO NA QUESTÃO DO SUPOSTO "RAPTO" DE TRÊS CAMARADAS PARA IMPEDI-LOS DE EMBARCAREM PARA OS AÇORES E MADEIRA, EM CONSEQUÊNCIA DE UMA DECISÃO ARBITRÁRIA DAS AUTORIDADES MILITARES

Mas voltemos à minha prisão. Estive preso no Forte da Trafaria, onde estiveram também, durante alguns dias, os meus camaradas Vasco Lourenço e Antero Ribeiro da Silva. A partir de certa altura, deixei de ter direito a visitas e notícias, não obstante uns pequenos papéis apócrifos escritos à máquina que apareciam debaixo da porta, e que eram entusiasmantes. Quem me conhece, deve imaginar os dias angustiantes que passei, sem notícias.

Na Trafaria, fui ouvido em auto de averiguações durante dois dias por um sereno coronel do Estado-Maior. E só nos finais de março se abriu a porta da minha prisão, para a entrada

desse oficial, que, sem sintomas faciais críticos se limitou a dizer-me, entregando-me um papel, que eu estava disciplinarmente livre, mas passado à reforma compulsiva por uma junta hospitalar de inspeção médica (onde nunca estive, nem sequer tivera qualquer visita clínica)! Acrescentou que eu iria aguardar, em prisão domiciliária, um julgamento marcado para dia 28 de abril pelo Supremo Tribunal Militar, e que era acusado de nove crimes. "Pinto Soares, tem 10 dias para me entregar a sua defesa. Irei a sua casa recebê-la. Não se esqueça de que não pode sair de casa. Julgo que percebe, porque estou a dar-lhe este conselho".

Pude, então, telefonar ao meu pai, pois não tinha um "tostão". O seu primeiro conselho foi: "Vamos transferir todos os documentos e livros comprometedores que tens em tua casa para a minha, onde estarão mais seguros".

Já em casa, no dia seguinte, e com apoio da minha mulher, entendi descontrair-me, vendo televisão, lendo livros e descansando. Na caixa de correio, apareceu mais um pequeno papel escrito á máquina, também sem identificação, que me recomendava que não aparecesse, pois seria um grande risco para o "movimento", e que as coisas estavam a correr bem.

No segundo dia, sentei-me à mesa e comecei a desmontar os "crimes". Não quis advogados, embora um deles me tivesse dito que estava a cometer uma grande asneira jurídica.

Cerca de seis dias depois, telefonei ao coronel averiguante, dizendo-lhe que já poderia recolher a minha defesa, o que ele fez no próprio dia.

NO DIA 24 DE ABRIL, UM NOVO DOCUMENTO APARECEU NA CAIXA DE CORREIO E DIZIA: "ESTÁ ATENTO AO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS, SEM NUNCA DESLIGARES". E ASSIM FIZ! FOI UMA LONGA NOITE DE ANSIEDADE E COMOÇÃO

E, então, no dia 24 de abril, um novo documento apareceu na caixa de correio e dizia: "Está atento ao Rádio Clube Português, sem nunca desligares". E assim fiz! Foi uma longa noite de ansiedade e comoção. Os meus camaradas cumpriam as nossas promessas e, ao fim do dia, estava conquistado o poder e iniciada a revolução.

No dia 27 de abril, telefonou-me de Belém o general Costa Gomes, dizendo-me, com a sua inconfundível voz: "Pinto Soares, apresente-se em Belém. Vou passar o telefone a um grande amigo seu". E apareceu-me a voz do coronel Vasco Gonçalves, dizendo: "Olhe que a ordem do nosso general é para cumprir!"

Passados dias, através de um decreto assinado pelo general Costa Gomes, tudo foi anulado e eu fui reintegrado no serviço ativo, sem quaisquer consequências militares e civis. Ressuscitei para a vida!

Obrigado, soldados de Portugal.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

UM CASO **ATÍPICO**

NUNO SANTA CLARA GOMES*

A minha participação na fase da conspiração para o 25 de Abril é, em vários aspectos, um caso atípico.

Na sequência de um acidente ocorrido em Moçambique, fui evacuado para Lisboa e sofri a via-sacra das operações, fisioterapias, mais operações, novas recuperações, e um longo processo administrativo para definir o meu futuro enquanto militar. Ou seja, como poderia continuar a minha carreira na profissão que, desde que me entendo, queria seguir, mesmo sem qualquer antecedente na família (bem pelo contrário!)?

Neste compasso de espera, algo veio ao de cima. "Deportado" para o Depósito de Indisponíveis (DI), a iniciativa de um comandante fez com que, na situação jurídica de baixa hospitalar, tivesse sido nomeado Comandante de Companhia.

Estranha subunidade esta! Tinha sob o meu comando oficiais, sargentos e praças evacuados da guerra, ainda a frequentar tratamentos e fisioterapias, a aguardar operações cirúrgicas, à espera de juntas médicas, etc. Havia de tudo: desde que capazes de andar, era-lhes facultado trocar as enfermarias do Hospital Militar Principal (HMP), sobretudo as do tristemente célebre Anexo, no antigo quartel de Artilharia 1, onde até as cavalariças tinham sido transformadas em enfermarias por um ainda mais

vetusto quartel, instalado no antigo convento de Agostinhos, à Graça. Devoluto por incapaz para tropa normal, mas, ao que parecia, perfeitamente apto para alojar as vítimas da guerra, consideradas como efeitos colaterais.
Colaterais? Assim o pensavam as autoridades civis e militares de então. Só que, para qualquer mente esclarecida, os mortos e feridos não são danos colaterais: são a própria essência da guerra. Mas, sendo considerados colaterais, podiam ser desvalorizados, ocultados, esquecidos e – passe a expressão – varridos para debaixo do tapete.
Os oficiais e sargentos ainda considerados capazes, como os não amputados, prestavam serviço, como oficial de dia, sargento da guarda ou no serviço de justiça. Talvez fosse um modo de tentar recuperar e reintegrar essa gente, mas os resultados foram praticamente nulos.
Com uma importante excepção: criaram-se laços de camaradagem e solidariedade, o que não estaria talvez na mente dos decisores, mas que vieram mais tarde a contribuir para a tomada de consciência da sua situação pessoal e da do País, e contribuiu para a participação de muitos na conspiração.
Não estando colocado em nenhuma unidade operacional, a minha ligação com a realidade militar ressentiu-se. O meu mundo era o dos amputados, dos "apanhados do clima", dos africanos (militares e milícias) desenraizados, dos transmontanos, madeirenses e açorianos sem possibilidade de ir a casa ao fim de semana, e sobretudo dos que procuravam um futuro, já que a deficiência lhes negava o que haviam sonhado (o que não parecia preocupar os governantes!).

PARA QUALQUER MENTE ESCLARECIDA, OS MORTOS E FERIDOS NÃO SÃO DANOS COLATERAIS: SÃO A PRÓPRIA ESSÊNCIA DA GUERRA. MAS, SENDO CONSIDERADOS COLATERAIS, PODIAM SER DESVALORIZADOS, OCULTADOS, ESQUECIDOS E – PASSE A EXPRESSÃO – VARRIDOS PARA DEBAIXO DO TAPETE

E havia também outro aspecto: como em todas as guerras, os que seguiam para a frente e os que dela regressavam, e mesmo os que regressavam em mau estado, estavam unidos numa coisa: comemorar a vida. Essa vida tornada precária, de esperanças diminuídas, e por isso mesmo festejada, num existencialismo não fundado em estudos académicos ou doutrinação política/filosófica, mas num instinto ancestral, próprio de todas as épocas, em que o futuro incerto desencadeia o aproveitamento máximo do momento presente.
Esse espírito boémio foi o responsável de mui-

FIDELIDADE · UNIDADE · SOLIDARIEDADE

1.º CONGRESSO DOS COMBATENTES DO ULTRAMAR

PORTO, DE 1 A 3 DE JUNHO DE 1973

tas maluqueiras que se fizeram nessa época. E não por acaso, com a activa participação da sociedade civil, sobretudo da juventude.
Os anos 70 tiveram o movimento *hippie*, a oposição à guerra do Vietname, a independência da Argélia, o Maio de 68, a ocupação de Praga, para falar só de alguns fenómenos. Entre nós, houve a guerra colonial, a emigração maciça, as crises académicas e – *last but not least* – a morte de Salazar e a ascensão de Marcelo Caetano.
Tudo isso resultou numa alteração profunda da sociedade portuguesa, que só o autismo da classe dirigente pareceu ignorar. E, cereja no cimo do bolo, a crise energética decorrente da Guerra de Yom Kipur de 1973 alertou o mundo empresarial para a insustentabilidade da posição portuguesa.
Talvez não por acaso, esse ano de 1973 trouxe outro acontecimento importante: a organização do Congresso dos Combatentes e a sua contestação no seio da Forças Armadas. Foi a primeira tomada de posição, em jeito de contestação do sistema, e a recolha de assinaturas sobre a demarcação do congresso passou também pelo Depósito Geral de Adidos (DGA), na Ajuda, e pelo Depósito de Indisponíveis, na Graça.
Com o agravamento da situação militar na Guiné e a resposta de Marcelo Caetano (antes uma derrota militar que um compromisso), não faltou quem recordasse o caso da Índia e a frase de Salazar sobre os militares condenados à sua sorte no outro lado do Mundo: vitoriosos ou mortos. Era o seu conceito da condução política da guerra, ao arrepio de qualquer doutrina conhecida e aceite.

OS ANOS 70 TIVERAM O MOVIMENTO HIPPIE, A OPOSIÇÃO À GUERRA DO VIETNAME, A INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA, O MAIO DE 68, A OCUPAÇÃO DE PRAGA, PARA FALAR SÓ DE ALGUNS FENÓMENOS. ENTRE NÓS, HOUVE A GUERRA COLONIAL, A EMIGRAÇÃO MACIÇA, AS CRISES ACADÉMICAS

A célebre questão do decreto dos capitães, desvalorizando as carreiras e arrasando os mais elementares direitos, foi o transbordar do vaso. Naturalmente, estive presente em Alcáçovas, assinei o documento, e regressei a quartéis.
Só que, com dizia a canção, aquilo "soube-me a pouco". E o afastamento em relação ao universo das unidades deixou-me à margem do evoluir da conspiração, que outros, mais atentos e esclarecidos do que eu, levaram a bom porto. Nunca será demais enaltecê-los!
Foi na véspera do 16 de Março que as coisas se precipitaram. Depois, com camaradas presos, não havia escolha possível senão mergulhar a fundo. Felizmente, fui abordado para participar, não com tropas, porque não as tinha, mas na ligação.
E assim me vi incluído num dos Centros Alter-

nativos de Ligação (CAL), orientado pelo Arruda e pelo Lopes Francisco, fazendo parelha com o Maurício, tendo como unidades a contactar o Regimento de Infantaria 1 (RI 1), na Amadora, o Batalhão de Caçadores 5, em Campolide, e o Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea e de Costa, em Cascais.

Destas unidades, uma falhou. O nosso conjurado no RI 1 informou-me, em vésperas do Dia D, que lhe haviam tirado o comando da sua companhia, sem mais explicações. Houve que alterar o planeamento. Mas a companhia acabou por sair no dia 25, comandada por um aspirante miliciano; ao chegar aos Restauradores, contactando com a realidade, juntou-se aos revoltosos, ou seja, Deus escreve direito por linhas tortas!

Entregue a Ordem de Operações nas restantes unidades, restava aguardar.

Fui para a minha unidade, o Depósito Geral de Adidos, convoquei alguns oficiais milicianos de confiança, sem pô-los ao corrente, como se fosse uma confraternização rotineira. Ouvi a primeira e segunda mensagens na rádio, e então pu-los ao corrente. Passámos a controlar a unidade, para o que desse e viesse, e a vigiar a Calçada da Ajuda, onde se situavam o Regimento de Lanceiros 2 e o Regimento de Cavalaria 7, unidades consideradas do regime, o que veio a confirmar-se.

Missão cumprida? Nem por isso. Deixando a unidade sob controlo, liguei ao CAL e fui para o Regimento de Engenharia 1, onde estava o Posto de Comando (PC), pondo-me à sua disposição. Fiz algumas deslocações ao exterior, tomando o pulso à situação nas ruas, e regressei ao PC.

A ADESÃO ESPONTÂNEA, IRRESISTÍVEL, IRREQUIETA E INDISCIPLINADA DA MULTIDÃO, NÃO PREVISTA NO PLANEAMENTO, CONTRARIANDO AS INSTRUÇÕES PRUDENTES DO MFA, DEU UM RUMO A OS ACONTECIMENTOS QUE MUDARIAM PORTUGAL PARA OS ANOS VINDOUROS

O que eu já vira pelas ruas, a adesão espontânea, irresistível, irrequieta e indisciplinada da multidão, não prevista no planeamento, contrariando as instruções prudentes do MFA, deu um rumo aos acontecimentos que mudaria Portugal para os anos vindouros.

Como em 1383, ao grito (forjado) "acudam que matam o Mestre!", como em 1640, na caça a Miguel de Vasconcelos, como em 1910, quando na Rotunda não havia oficiais, o povo de Lisboa tomou o seu destino nas mãos.

O destino de todos nós!

* Capitão de Abril, sócio da A25A

MISSÃO **CUMPRIDA!**

NUNO SANTOS SILVA*

Numa descrição histórica, numa reedição da memória, não existe a liberdade de considerar arbitrária a ordem dos factores, isto é, começar pelo fim. Apesar disso, atrevo-me a contrariar o curso natural de uma descrição desta natureza, isto é, começo pelo fim, inspirando-me numa expressão do Batista Bastos nas suas célebres entrevistas em que a pergunta central era: "Onde é que estavas no 25 de Abril?"

É a essa pergunta que começo por responder. Estava num dos mais belos e significativos gestos de toda a minha vida, do lado e ao lado da coragem colectiva necessária para derrubar um regime caduco, opressivo e anacrónico. Estava integrado num grupo de oito oficiais a quem o Movimento das Forças Armadas confiou uma missão importante, a escutar os sinais que confirmavam o desencadear da operação militar,

desde o premonitório *E depois do Adeus* até ao hino de que é o "Povo quem mais ordena".
Depois destes sinais e, como pelos vistos o destino também tem portas, batemos à do Rádio Clube Português (RCP) e entrámos no Portugal novo e democrático por inaugurar e construir: No Portugal da emoção, do entusiasmo, da entrega generosa, da catadupa incontrolável de acontecimentos, de uma cidade e de um país que acordou numa madrugada com sabor a esperança e a liberdade.
Recordo-me da cumplicidade dos trabalhadores do RCP que, sem estar à nossa espera, o estavam de facto e da tensão, do tempo de espera e de incerteza, até conhecermos o momento em que foram desencadeadas as outras acções militares.
Recordo-me da voz pausada e serena (!?) do Joaquim Furtado e da leitura do primeiro comunicado: "Aqui posto de comando do Movimento das Forças Armadas..."
Depois há histórias sem conta para contar, alegrias e emoções fortes para peitos e almas generosas, e a convicção de que empurrámos este país para a frente. Foi bonito...
Após quase 50 anos e por todos mais que a vida me conceder, vou dizer, sempre com emoção: "Valeu a pena!", até porque, nesta matéria de largueza de horizontes e futuros, não há lugar para as almas pequenas.
A Força Aérea, como é sabido, não desempenhou um papel particularmente activo na conspiração e optou por, nos momentos decisivos, garantir um papel de neutralidade, ou passividade como lhe queiramos chamar.

RECORDO-ME DA VOZ PAUSADA E SERENA (!?) DO JOAQUIM FURTADO E DA LEITURA DO PRIMEIRO COMUNICADO: "AQUI POSTO DE COMANDO DO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS..."

Eu próprio terei tido uma participação modesta e, a comprovar esta afirmação, o meu nome não consta nem no índice onomástico do livro do Vasco Lourenço, *No Interior da Revolução*, nem no painel que está em Grândola.
Regressei da última comissão militar em Agosto de 1973 e fui colocado no Conselho Administrativo na Direcção do Serviço de Material (DSM). Praticamente, logo após a minha chegada, apercebi-me, particularmente, junto de camaradas do Exército, de uma discussão em que os temas da dignidade profissional e das carreiras eram a questão central.
Um dos problemas de maior relevo relacionava-se com o DL 353/73, que, como forma de aliciar oficiais milicianos que tivessem participado na guerra, eram-lhes oferecidas condições de antiguidade que prejudicavam os oficiais que haviam cursado a Academia Militar.
Já próximo dos camaradas que lideravam as

reivindicações, promovi, na unidade onde estava colocado, uma reunião com vista a dar conhecimento a outros oficiais da natureza dos problemas que nos afectavam.
Denunciada por alguém, a reunião, entendida como conspirativa, fui abordado pelo oficial de segurança que pretendia saber quem tinha tomado esta iniciativa. Identifiquei-me imediatamente como sendo o responsável e dada a necessidade de afirmar essa responsabilidade junto do subdiretor comecei por dar conhecimento prévio ao então major Pedroso de Lima, na altura presidente do Conselho Administrativo, que, perante surpresa minha e enorme admiração, me disse que também queria ir comigo.
E, assim, este homem que muito admirei ao longo do longo trajecto comum das nossas vidas, que não tinha estado sequer presente na reunião, que não tinha nada a ver com a sua realização, disse que eu não iria só, porque estava solidário comigo e identificado com a natureza dos princípios e objectivos que nos animavam e, uma vez que eu era seu subordinado, tinha a autoridade suficiente para não me deixar ir só. E assim foi.
O coronel Pedroso de Lima já não está entre nós, mas este episódio, em que ambos fomos intervenientes, é bem expressivo da sua natureza e do seu carácter.
Há homens a quem nem a morte apaga a sua coragem. Há homens para quem o fim da vida não é uma desistência, porque o seu exemplo e atitudes permanecem.
Estas partidas, este desaparecimento de companheiros de luta e identificação representa que vamos perdendo, ao longo da vida, muita da energia que possuíamos e nos fez movimentar. A amizade e a solidariedade foram o cimento que nos ligou. A memória encarrega-se de a fazer presente todos os dias.

**HÁ HOMENS [*CORONEL PEDROSO LIMA*]
A QUEM NEM A MORTE APAGA
A SUA CORAGEM.
HÁ HOMENS PARA QUEM
O FIM DA VIDA
NÃO É UMA DESISTÊNCIA,
PORQUE O SEU EXEMPLO
E ATITUDES PERMANECEM**

Consigo recordar-me que lá pelos alvores de 1974, na Rua do Ferragial, próximo do Cais do Sodré, foi feita uma reunião em que se discutiram questões para além das estritamente corporativas. O proprietário do local seria um tal Viegas, militante da LUAR, que, com riscos sérios, disponibilizou o espaço, um restaurante modesto. Do que me lembro, é que foram oradores (vulgo agitadores) os comandantes Carlos Contreiras e Pedro Lauret. Nesta reunião, e apenas em termos da minha participação, pela primeira vez, ouvi falar da necessidade de uma discussão nacional da questão ultramarina.
A partir daqui, muitas outras se lhe seguiram

e o tema foi ganhando importância e, atrás dele, a questão da legitimidade do governo, a existência da PIDE e de outros mecanismos de repressão, da censura, numa palavra, na inexistência de liberdade. Era manifesto que o caminho a percorrer seria, necessariamente, o do derrube do governo e esta atitude passou a ser a questão central de muitas reuniões e conversas que se lhe sucederam.

Em Março de 1974, já bem próximo do 25 de Abril, ocorreu a reunião de Cascais em que compareceram cerca de 200 oficiais dos três ramos das Forças Armadas, incluindo 24 oficiais da Força Aérea. Fui um deles.

A reunião e as discussões, bem animadas, decorreram num espaço limitado, a rebentar pelas costuras, com absoluto desprezo por quaisquer regras de segurança.

Nesta reunião saliento a aprovação do documento "O Movimento, as Forças Armadas e a Nação", as peripécias do capitão Nuno Pinto Soares, que, no calor da discussão saltou, em equilíbrio muito precário, para cima de um estirador e da voz grave e sonora do major Seabra a manifestar, com um rotundo NÃO a sua discordância relativamente à solução para o problema ultramarino.

A Força Aérea, enquanto ramo das Forças Armadas, manifestava assim a sua indisponibilidade para participar na operação militar, ficou no entanto espaço para algumas iniciativas individuais. É neste contexto que surge a formação do grupo de comandos que, na madrugada de 25 de Abril, ocupou as instalações da Rádio Clube Português.

Não obstante o desaire, o major Costa Neves e o capitão Costa Martins mantiveram a sua ligação à comissão coordenadora e foram acompanhando o planeamento da operação militar a cargo do Otelo.

Do que sei, o major Costa Neves e o capitão Pereira Pinto foram encarregados pela comissão coordenadora, no dia 21 de Abril, de contactar o Morais da Silva, que, com alguma sobranceria, manifestou a sua indisponibilidade para mobilizar a Força Aérea para integrar a operação militar. Terão tido uma conversa muito áspera, durante a qual o Costa Neves demonstrou a sua indignação e desapontamento.

Na manhã de 22 de Abril, o major Costa Neves reuniu-se comigo e com o capitão Nuno Santos Ferreira e informou-nos de que o objectivo era o Rádio Clube Português.

Desenvolvemos as acções necessárias e, de acordo com o plano de operações, às 03h12, da madrugada de 25 de Abril, ocupámos, com o apoio do Batalhão de Caçadores 5, as instalações do Rádio Clube Português.

Às 04h26, em nome do Movimento das Forças Armadas foi lido, nesta estação emissora, o primeiro comunicado, pondo fim à conspiração e inaugurando o país livre que surgiu a partir desta data.

No bom jargão militar, missão cumprida!

* Capitão de Abril, sócio da A25A

RECORDAÇÕES

PEDRO LAURET*

Década de 1960. Década de grandes transformações e grandes contrastes; década de lutas contra a discriminação racial e discriminação das mulheres; década de lutas sindicais e estudantis e do Maio de 1968; década de Cuba independente, da Baía dos Porcos e da crise dos mísseis; década de grandes alterações nos costumes e da contracultura; década de renovação na Igreja Católica; década do início da guerra do Vietname, da construção do Muro de Berlim e da Revolução Cultural na China; década do primeiro homem no espaço e da chegada do homem à lua; década dos Beatles e de Woodstock e de tantos outros acontecimentos em tantas outras áreas.

Apesar da censura, muitas destas realidades

conseguiram chegar até nós. Foram os anos da minha adolescência e juventude.
As minhas preocupações sociais começaram cedo, teria eu uns 11 ou 12 anos, quando entrei para a Conferência de S. Vicente de Paula do Liceu Camões, liceu onde estudei do 1.º ao 7.º ano.
Esta minha passagem pela Conferência de S. Vicente de Paula marcou-me profundamente. Fazíamos visitas periódica a pobres que nos estavam distribuídos e a quem entregávamos algum dinheiro recolhido entre os alunos do liceu nas aulas de Religião e Moral. Quando me atribuíram uma família pobre num bairro da lata, ali na encosta de Sete-Rios a caminho de Campolide, sobre o vale de Alcântara, passei a conhecer um bairro da lata por dentro, pois por fora já os conhecia quando passava de carro pelas avenidas de Ceuta ou Infante Santo, ou ia para os lados do aeroporto, ou ainda quando passava pela estrada da circunvalação. Sempre de fora. Agora estava lá dentro. Conheci as pessoas, as suas condições de vida, as suas extremas carências, o interior de cada barraca, as doenças, os percevejos, a miséria e o cheiro. Os bairros da lata têm cheiro, um cheiro próprio que nunca antes tinha sentido. Não irei esquecê-lo.
Os anos que se seguiram no liceu foram também muito importantes. Entrei para a JEC (Juventude Escolar Católica) no período do Vaticano II e da encíclica *Pacem in Terris*. No liceu, lecionava um padre, um homem que também não esquecerei, chamava-se Fernando Belo, mais tarde abandonou o sacerdócio e foi um brilhante professor universitário. Fernando Belo ajudou-nos a compreender as transformações que se passavam no mundo, o conteúdo daquela encíclica, e os valores que, no nosso país, se encontravam completamente expurgados e proibidos de serem usufruídos pelos cidadãos. Foi o início da minha politização.

ENTREI PARA A ESCOLA NAVAL EM 1967, NUM PERÍODO DE GRANDE TRANSIÇÃO INTELECTUAL E EM PLENA CRISE DE CONVICÇÕES, ALIADA A UMA CRISE FAMILIAR PROFUNDÍSSIMA

Entrei para a Escola Naval (EN) em 1967, num período de grande transição intelectual e em plena crise de convicções, aliada a uma crise familiar profundíssima.
No meu curso, já se iniciavam debates sobre o regime de Salazar, sobre a ditadura, a censura e a repressão. As ideias de esquerda faziam caminho nas minhas convicções.
Quando retomámos as aulas, em Setembro de 1969, na entrada do meu 3.º ano da EN, estávamos em ano de eleições para a Assembleia

Nacional. Aí, das congeminações e divagações intelectuais passámos à prática. Para um grande número de cadetes o apoio à CDE foi óbvio e imediato e a campanha eleitoral a favor da oposição foi clara e evidente.
Para muitos de nós, a opção política estava feita.
Em 1970, é constituída uma organização clandestina de oficiais e cadetes da Armada de oposição ao regime, de que me orgulho de ser um dos fundadores.
Terminado o meu curso na EN, em Julho de 1971, fui de imediato informado de que, em Outubro, seguiria para a Guiné, onde seria oficial imediato da Lancha de Fiscalização Grande *Orion*. Tinha, então, 22 anos.
Foi uma comissão difícil, mas enriquecedora. Constatei o enorme sacrifício que os nossos soldados estavam a fazer, nas péssimas condições de vida em que eram obrigados a viver e a apreciar os meus camaradas do Exército, capitães e comandantes de companhia, para quem todas as responsabilidades eram endossadas.
O fim da comissão foi trágico, com a introdução no teatro de operações do míssil antiaéreo Strela-2, que logrou abater aeronaves da Força Aérea, retirando-nos a maior vantagem que possuíamos do ponto de vista tático e operacional. O espectro da derrota militar passou a ser uma realidade.
Chegado a Lisboa, depois da experiência da guerra na Guiné, a minha convicção e determinação na necessidade urgente de derrubar o regime era maior do que nunca.
Por indicação da organização clandestina que já acima citei, integro um pequeno grupo de oficiais que tinham por missão fazer a ligação ao recém-criado Movimento dos Capitães. Eu era o mais novo. Costa Correia, Almada Contreiras e Vidal Pinho eram os outros elementos do grupo. A nossa ligação com o Exército era então com o Hugo dos Santos.
Acompanhámos com toda a atenção a evolução do Movimento dos Capitães e ficámos surpreendido com a rapidez com que os nossos camaradas do Exército se organizaram, com delegados do movimento na maioria das unidades e também em cada um dos teatros de operações.
No entanto, após a reunião de Óbidos, algumas preocupações começaram a surgir. Era evidente que, da formulação inicial do pres-

POR INDICAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO CLANDESTINA QUE JÁ ACIMA CITEI, INTEGRO UM PEQUENO GRUPO DE OFICIAIS QUE TINHAM POR MISSÃO FAZER A LIGAÇÃO AO RECÉM-CRIADO MOVIMENTO DOS CAPITÃES. EU ERA O MAIS NOVO

tígio das Forças Armadas como tarefa principal, depressa se evoluiu para a necessidade de derrubar o regime, como solução única para resolver os graves problemas do país e das Forças Armadas.
Sem dúvida que a organização militar estava a evoluir depressa e bem. No entanto, não se debatia, com um mínimo de profundidade, o que fazer após uma eventual conquista do poder. E mais: a unidade do Movimento só era possível através da delegação de poderes, após um golpe triunfante, nos generais Costa Gomes e António de Spínola.
A organização clandestina da Marinha analisou esta realidade e concluiu que a situação era delicada e que deveria empenhar toda a sua capacidade em influenciar o Movimento dos Capitães na elaboração de um Programa Político a ser apresentado aos portugueses após o derrube da ditadura. Também decidiu que, em caso de levantamento das unidades do Exército, nenhuma unidade de Marinha sairia contra. Esta intenção ficaria clara numa moção votada em reunião aberta no Clube Militar Naval, em 13 de Março de 1974.
Com esta linha de ação como grande orientação, colaborei na elaboração do documento "O Movimento, as Forças Armadas e a Nação", em casa do major Seabra, em Algés, a 3 de Março de 1974.
Integrei também a comissão que redigiu o Programa do MFA, dirigida por Vítor Alves, e cujos membros permanentes foram Costa Braz, Franco Charais, Vítor Crespo, Almada Contreiras e eu próprio. Por vezes, Otelo e Hugo dos Santos também compareciam.

TERMINO COM UMA SINGELA E SENTIDA HOMENAGEM AO MAJOR VÍTOR ALVES, QUE NAQUELES MOMENTOS FINAIS DE PREPARAÇÃO PARA O LEVANTAMENTO MILITAR DO 25 DE ABRIL, COM ALGUNS MILITARES AFASTADOS E OUTROS PRESOS, SOUBE ASSUMIR UMA INTELIGENTE, HÁBIL E DECISIVA LIDERANÇA

Em minha casa também se realizaram muitas reuniões com camaradas de diversas unidades navais, com o objetivo de garantir as condições necessárias para que a Marinha pudesse cumprir o seu compromisso de que nenhuma unidade sairia contra unidades do Exército sublevadas.
Termino com uma singela e sentida homenagem ao major Vítor Alves, que naqueles momentos finais de preparação para o levantamento militar do 25 de Abril, com alguns militares afastados e outros presos, soube assumir uma inteligente, hábil e decisiva liderança.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

"ALEA JACTA EST"
DA CONSTESTAÇÃO À CONSPIRAÇÃO

Direitos reservados

Uma das mais importantes reuniões clandestinas do movimento dos capitães realizou-se em Óbidos, no dia 1 de Dezembro de 1973

RODRIGO DE SOUSA E CASTRO*

A realidade temporal demonstra que a renúncia e a desobediência aos juramentos militares e à hierarquia instituída nas Forças Armadas Portuguesas pelos oficiais que em Junho de 1973 iniciaram um processo de contestaçao de natureza corporativa, isto é, a fase conspirativa que antecede e prenuncia a revolução, só se verifica passados alguns meses.

Podemos estabelecer um marco relevante para essa passagem na intervenção do tenente-coronel Luís Ataíde Banazol feita na reunião da colónia balnear "O Século", em 24 de Novembro de 1973. Vindo do quartel de infantaria de Évora, mobilizado para a sua quinta comissão, sendo ele o mais velho e graduado dos presentes, presidiu a essa reunião no Estoril. E aí disse, numa intervenção apaixonada e emotiva: "...não tenhamos ilusões: o governo só sai a tiro e os únicos capazes de o fazer somos nós, mais ninguém!...".

Sobre esta reunião, afirmou mais tarde Otelo Saraiva de Carvalho: "...ela iria definir uma nova opção para o movimento dos capitães, permitiria alargar o seu âmbito e criaria no seu seio uma certa hierarquização e consequente distribuição de responsabilidades...".

Até aí, o sentimento geral era de acatamento da disciplina militar, a manutenção da coesão com os apelos à camaradagem e à vontade de, por meios formais (por exemplo, pedidos de demissão da qualidade de oficial do Exército), conseguir que a hierarquia militar satisfizesse aquilo que hoje se chamaria uma reivindicação de natureza sindical; por outras palavras, tomasse medidas que salvaguardassem o prestígio das Forças Armadas.

Mas que medidas poderiam ser essas?

Era clara a nossa ingenuidade e era clara a nossa hesitação para extravasar qualquer exigência desenquadrada desse *Leitmotiv*. A razão era explicada pela nossa juventude aliada ao imenso respeito e temor pela ordem hierárquica.

A intervenção do tenente-coronel Banazol, se feita a destempo na lenta evolução da consciencialização política dos capitães, introduziu uma dúvida definitiva sobre a inviolabilidade da obediência à disciplina militar e confortou-nos com a ideia de que, se um oficial superior, comandante de um batalhão operacional a caminho da Guiné, declarava abertamente a necessidade e urgência de fazer uma revolução armada para derrubar o governo e acabar com a guerra colonial, então os mais jovens teriam que partir para a acção.

E a acção não seria esperar medidas redentoras do prestígio das Forças Armadas que muitos preconizavam forçar o governo a tomar por métodos ainda enquadráveis nos limites das actuações legais, mas sim vencer o nosso medo e a ansiedade que resultariam da desobediência aberta e da entrada num círculo conspirativo de resultados não previsíveis.

Ainda assim, naquela que se revelaria uma das mais importantes reuniões clandestinas do movimento dos capitães, realizada em Óbidos, no dia 1 de Dezembro de 1973, as decisões, mais

que opções de natureza pragmática para uma futura acção, visavam, no meu entendimento, empurrar para a margem direita do rubicão, que alguns já teriam passado, aqueles que hesitavam quanto ao rompimento da hierarquia formal e na adesão ao golpe militar. As opções tomadas nessa reunião, que não comtemplavam a acção militar directa contra o governo, tendiam, antes de mais, a apaziguar aqueles de nós cuja maturação politica e reflexiva não os tinha ainda apetrechado para se envolverem numa ruptura dramática.

Os acontecimentos que se desenrolam nos três primeiros meses de 1974 vão introduzir no nosso espírito a convicção de que, com o tempo, não restaria outro recurso que não fosse a acção militar que subvertesse a ordem estabelecida.

Vivíamos aqui, na Metrópole, a angústia dos nossos camaradas na Guiné, que sentiam a irreversibilidade da guerra a favor dos guerrilheiros e onde se aproximava um desastre de consequências terríveis; sentíamos a indignação dos nossos camaradas de Moçambique, incredulamente confrontados com a paradoxal hostilidade da população europeia que defendiam com coragem e sacrifício, e finalmente confrontados com o fracasso da tentativa de rebelião militar do RI5 das Caldas da Rainha, ficámos vinculados à obrigação de, no mínimo, realizar uma acção que libertasse os oficiais do movimento que haviam sido presos na sequência desse fracasso.

E se alguns de nós poderiam com razão mostrar-se indiferentes ás consequências do fracasso do golpe militar para o qual nada contribuíram e que tinha sido oportunisticamente realizado por um grupo de interesses específicos, a verdade é que a prisão maciça dos oficiais nos despertou um sentido de camaradagem e solidariedade que nos obrigou em consciência a pôr de lado quaisquer considerações de ordem moral ou ética e a acelerar os trabalhos conspirativos visando uma uma acção militar consequente e vitoriosa.

OS ACONTECIMENTOS QUE SE DESENROLAM NOS TRÊS PRIMEIROS MESES DE 1974 VÃO INTRODUZIR NO NOSSO ESPÍRITO A CONVICÇÃO DE QUE, COM O TEMPO, NÃO RESTARIA OUTRO RECURSO QUE NÃO FOSSE A ACÇÃO MILITAR QUE SUBVERTESSE A ORDEM ESTABELECIDA

As últimas semanas da conspiração que poderíamos situar temporalmente entre 16 de Março de 1973 e 24 de Abril de 1974 são preenchidas por contactos sistemáticos entre os oficiais conspiradores, reuniões selectivas com oficiais das unidades que possuíam em número suficiente de oficiais comprometidos com a conspiração e davam por isso garantias de que participariam na acção militar.

Um misto de receio, angústia e esperanças caldearam os meus sentimentos naquela época. Receio duma eventual acção da polícia política, ao tempo já minimamente alertada para os movimentos dos oficiais conspiradores, angústia pelas possiveis consequências de um fracasso da conspiração e, posteriormente, pela incerteza da vitória do movimento militar e ainda da possibilidade de o movimento militar gerar embates violentos e baixas dos envolvidos e de inocentes. Ao mesmo tempo, um sentimento maior se sobrepunha a todo o turbilhão emocional que a participação na conspiração provocava, um sentimento de esperança que finalmente Portugal liberto da ditadura, tornaria inevitável o fim da guerra e a possibilidade real de implantarmos um regime em que a liberdade e os direitos civicos e políticos fossem uma realidade.

Quando o lusco-fusco do fim do dia 23 de Abril de 1974 caía sobre as estradas que de Lisboa me haveriam de levar à Figueira da Foz , a Aveiro e ao Porto, onde durante a noite de 23 para 24 teria que contactar os oficiais conspiradores de muitos regimentos para que ficassem prontos para a acção da madrugada de 25, o sentimento que me invadia é indefenível e irrepetível. Estava a viver os momentos mais estranhos, mais dramáticos e mais esperançosos que alguém poderia experimentar. A fragilidade da situação em que me encontrava, sózinho ao volante de um carro que podia ter um acidente, uma avaria grossa ou simplesmente ser parado por uma patrulha policial, fazendo abortar toda a operação militar ou no minimo enfraquecê-la seriamente, acrecentava algo de perturbador ao meu estado anímico. Mas, à medida que fui contactando com os conspiradores, a certeza da vitória final era alimentada pela serena convicção que eles me transmitiam de que as suas tropas iriam cumprir o destinado. O fim da madrugada de 24 encontra-me exausto, mas com um sentimento contido de euforia interior.

À MEDIDA QUE FUI CONTACTANDO COM OS CONSPIRADORES, A CERTEZA DA VITÓRIA FINAL ERA ALIMENTADA PELA SERENA CONVICÇÃO QUE ELES ME TRANSMITIAM DE QUE AS SUAS TROPAS IRIAM CUMPRIR O DESTINADO

Alea jacta est, sim os dados estavam definitivamente lançados e eu possuía um segredo, partilhado por bem poucos, que era um tesouro imenso que iria explodir em liberdade, na certeza de que, daí a poucas horas, as Forças Armadas portuguesas se redimiriam dum passado recente pouco glorioso.

* Capitão de Abril, sócio da A25A

O REFERENCIAL

Propriedade da Associação 25 de Abril – Pessoa colectiva de utilidade pública (Declaração . 104/2002, DR II Série, n.º 9 de 18 de Abril) · Membro Honorário da Ordem da Liberdade | Presidente da direcção: Vasco Lourenço | Director: Aniceto Afonso | Editor: Licínio Lima| Colaborador: José Armando Lopes | Conselho Editorial: Alexandre Manuel, Amadeu Garcia dos Santos, André Freire, António Morais Sarmento Brotas, Armando José Garcia Pires, Carlos Branco, Carlos Manuel Serpa Matos Gomes, João Bosco Mota Amaral, João Ferreira do Amaral, José Barata-Moura, José Manuel Pureza, José Viriato Soromenho-Marques, Luís Augusto Sequeira, Maria Inácia Rezola, Maria José Casa-Nova, Maria Manuela Cruzeiro, Pedro Pezarat Correia, Vasco Lourenço | Fotografia: Agência Lusa | Sede nacional, administração e redacção: Rua da Misericórdia, 95 - 1200-271 LISBOA - Telefone: 213 241 420 - Endereço electrónico: oreferencial@a25abril.pt | https://a25abril.pt/ | https://guerracolonial.pt | delegação do norte: Escadas do Barredo, 120, r/c, esq.- 4050-092 PORTO - Telefone/fax: 222 031 197 - Endereço electrónico: delnorte@a25bril.pt | delegação do centro Apartado 3041 - 3001-401 COIMBRA | delegação do Alentejo Bairro da Esperança Edifício 2 – Bloco 3, loja r/c 7560-145 GRÂNDOLA | delegação do Canadá - Associação Cultural 25 de Abril (Toronto) - Núcleo Capitão Salgueiro Maia - 1117 Queen Street West Toronto, Ontario M6J 3P4 Canadá | Edição gráfica: atelier VCARDOSO, Design & Edições Av. Infante Santo, 61 - 4.º Esq. - 1350 - 177 Lisboa | Impressão e acabamento: NORPRINT

Nos termos da Lei, o conteúdo dos textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores, sendo a edição e a paginação, que inclui a escolha de fotografias e de infografias, da responsabilidade d'*O Referencial*

O PRAZER DO CAFÉ ESTÁ NO RITUAL

AGORA TAMBÉM EM GRÃO

PUB

Montepio SAÚDE

Seguimos a sua saúde de perto

Saúde, qualidade de vida e bem estar dependem do equilíbrio entre o corpo e a mente. Por isso, e para que os nossos associados usufruam dos melhores serviços e cuidados de saúde, desenvolvemos soluções especializadas, prontas a responder a todas as fases da vida.
Do Plano Montepio Saúde aos cuidados prestados pela Residências Montepio, passando pelo apoio domiciliário ou pela teleassistência, reunimos respostas completas que podem fazer muito por si e pelos seus.

Montepio
Associação Mutualista
Juntos por todos

Saiba tudo em
montepio.org/saude

Montepio Geral Associação Mutualista . IPSS . DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681
Sede: Rua Áurea, 219 a 241 . 1100-02 Lisboa